

wajápi rena:
roças, pátios e casas

wajápi rená:
roças, pátios e casas

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Justiça

Tarso Genro

Fundação Nacional do Índio / FUNAI

Márcio Augusto Freitas de Meira

Museu do Índio - FUNAI

José Carlos Levinho

Editor

Carlos Augusto da Rocha Freire

Conselho das Aldeias Wajápi / Apina

Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação em
Educação Indígena

Catherine Gallois

wajāpi rena: roças, pátios e casas

Ilustrações: índios Wajápi e Catherine Gallois

Museu do Índio - FUNAI

Conselho das Aldeias Wajápi / Apina

Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena

2^a. Edição - 2009

1^a. Reimpressão - 2014

Rio de Janeiro

Pesquisa e textos, seleção e edição dos originais dos desenhos wajápi, ilustrações técnicas, projeto gráfico e capa

Catherine Gallois

Textos complementares

Kasiripiná Wajápi e Professores wajápi

Fotos

Catherine Gallois, Dominique T. Gallois

Fotos complementares

Paulo Múmia, Ronaldo Brilhante

Revisão

Marina Albuquerque (1^a edição)

Dominique T. Gallois, Catherine Gallois
(2^a edição)

Apoio institucional

1^a. Edição

Centro de Trabalho Indigenista / CTI,
Núcleo de História Indígena
e do Indigenismo / NHII-USP

2^a. Edição

Museu do Índio – Funai

Conselho das Aldeias Wajápi – Apina

Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação
em Educação Indígena

Copyright © 2009 Catherine Gallois,

para textos, ilustrações técnicas, aquarelas, mapas
e croquis.

Copyright © 2009

Conselho das Aldeias Wajápi / APINA,

para os desenhos de autoria indígena. Os direitos
autorais sobre os desenhos constantes da presente
obra são de natureza coletiva e pertencem exclusiva-
mente ao povo Wajápi, representado por sua associa-
ção.

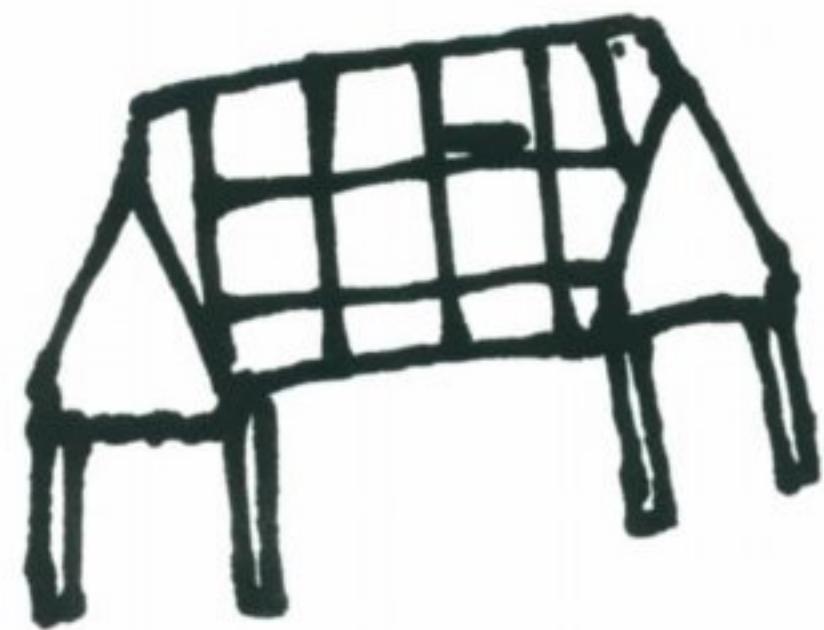
Fica proibida a reprodução total ou parcial, de
qualquer forma, das ilustrações contidas nesta obra,
sem a prévia e expressa autorização, por escrito, do
Conselho das Aldeias Wajápi / APINA e de Catherine
Gallois.

A renda proveniente da venda desta publicação
reverterá integralmente para as atividades sociais
do povo Wajápi, representados pelo Conselho das
Aldeias Wajápi / APINA.

A escrita da língua wajápi adotada neste livro segue a
grafia utilizada pelos professores indígenas, responsáveis
pela alfabetização das crianças nas escolas da área. A con-
soante “j” soa aproximadamente como no inglês “yes”.
A vogal “y” soa como um “u” pronunciado sem arredon-
damento dos lábios.

SUMÁRIO

- 7 APRESENTAÇÃO
- 8 INTRODUÇÃO
- 10 OS WAJÁPI
- 12 ORGANIZAÇÃO SOCIAL E TERRITORIAL
- 14 CALENDÁRIO SAZONAL
- 16 **KA'A** [FLORESTA]
- 18 **KOO** [ROÇA]
- 22 **TAA** [ALDEIA]
- 24 **OKARY** [PÁTIO]
- 32 **OKA** [CASA]
- 64 **KOO KWERA** [CAPOEIRA]
- 66 RECRIANDO A FLORESTA
- 68 SEDENTARIZAÇÃO E MOBILIDADE
- 72 COMO FOI FEITO ESTE TRABALHO
- 76 BIBLIOGRAFIA
- 78 CONSTRUÇÃO DE UMA CASA JURA
NO MUSEU
- 94 CRÉDITOS DOS DESENHOS



APRESENTAÇÃO

Esta publicação se insere em um conjunto de ações implementadas pelo Museu do Índio com o objetivo de registrar as produções culturais dos povos indígenas. Ela vem juntar-se ao catálogo *Kusiwa: pintura corporal e arte gráfica wajápi*, à casa *Jura*, erguida pelos Wajápi nos jardins, e à exposição *Tempo e Espaço na Amazônia: os Wajápi*, realizada no Museu do Índio, apoiada por Vitae, em 2002. Os Wajápi participaram do desenvolvimento destes produtos, o que consideramos o início de um importante processo de estreitamento das colaborações e parcerias com os povos indígenas.

A obra de Catherine Gallois nos mostra o conhecimento profundo do território, do meio-ambiente, das matérias-primas e o desenvolvimento da tecnologia de construção dos Wajápi. Com ela aprendemos e nos fascinamos com a engenhosidade e sofisticação dos Wajápi.

Manter coleções etnográficas devidamente identificadas, acondicionadas e conservadas conforme padrões técnicos apropriados é uma meta do Museu, a qual se realiza apenas na medida em que possuímos uma boa capacidade de comunicação com o público, de difusão deste conhecimento e diálogo com os povos indígenas aqui representados.

Finalmente, o Museu do Índio agradece a Catherine Gallois, a Dominique Gallois, curadora da exposição, ao povo Wajápi em geral e, em especial, a Emyra Wajápi, Noe Wajápi, Matá Wajápi e Matapi Wajápi, que construíram a nossa *Jura*.

O sucesso alcançado pela primeira edição deste livro nos levou a preparar esta segunda edição, dando continuidade ao apoio que o Museu do Índio vem prestando à comunidade Wajápi do Amapá em ações de valorização do seu patrimônio cultural.

José Carlos Levinho
Diretor do Museu do Índio

INTRODUÇÃO

Wajápi rena significa ‘recipiente’, lugar dos Wajápi. Este livro é um estudo do espaço habitado, na concepção e na prática dos índios Wajápi que vivem no estado do Amapá. Tem como objetivo ilustrar o sistema de organização territorial e espacial deste grupo, de suas roças, aldeias, pátios e habitações. Apresentar esses aspectos de uma cultura amazônica, como a dos Wajápi, pelo viés da arquitetura, poderá ampliar as percepções habitualmente presentes em estudos dessa natureza. A aproximação dos conhecimentos e metodologias de outras disciplinas, como a antropologia e a ecologia, foi importante para compreender as formas wajápi de habitar e manejar seus ambientes. O olhar está atento não só às apropriações culturais e espaciais da sociedade estudada, como também às relações sociais e ambientais que lhes são próprias. Espera-se que este trabalho possa contribuir à percepção de que é muito importante levar em conta as formas como os

diferentes grupos indígenas manejam seus ambientes e produzem seus espaços. No caso dos Wajápi, é a grande mobilidade pelo território que caracteriza o equilíbrio com que essa sociedade vive e se adapta ao meio. Felizmente, o processo de sedentarização, com a qual os Wajápi vêm se defrontando nos últimos anos, ainda não rompeu esse equilíbrio mas já é possível ver seus sinais...

Ainda há muito o que se trabalhar com o olhar que dirigimos sobre outras culturas para entender outras temporalidades e concepções do espaço. Uma das intenções de futuros trabalhos como este também é a de se alcançar aproximações projetuais de uma ‘arquitetura ecológica’, uma área de interesse que considero promissora. Não se trata de buscar na arquitetura indígena uma ‘fonte’ ou uma ‘inspiração’, mas sim um paradigma, buscando sempre entender os ciclos culturais-ecológicos que a compõem.



Casa jura de Pikui
(aldeia Mariry).

OS WAJĀPI

Os Wajāpi vivem na região de fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa. São 1400 pessoas, sendo 550 na T. I. Wajāpi (Amapá), 30 no Parque Indígena de Tumucumaque (Pará) e 850 no município de Camopi, rio Oiapoque.

“A primeira referência histórica aos índios Wajāpi - um povo de tradição e língua Tupi-Guarani - data do século XVII, na região do baixo rio Xingu, onde até hoje vivem outras sociedades Tupi, como os Araweté e os Asurini. No século XVIII, cruzaram o rio Amazonas e se estabeleceram nas regiões de cabeceiras dos afluentes dos rios Jari e Oiapoque, hoje estado do Amapá e Guiana Francesa.

A Terra Indígena Wajāpi, situada na região centro-oeste do estado do Amapá, teve sua demarcação homologada em 1996, com uma superfície de 607.000 ha, onde os Wajāpi distribuem-se atualmente entre 40 assentamentos. Seu padrão de organização sócio-política, baseado na ampla dispersão dos grupos familiares pelo território, remete ao valor positivo que esta sociedade atribui à autonomia econômica e política de cada grupo local.

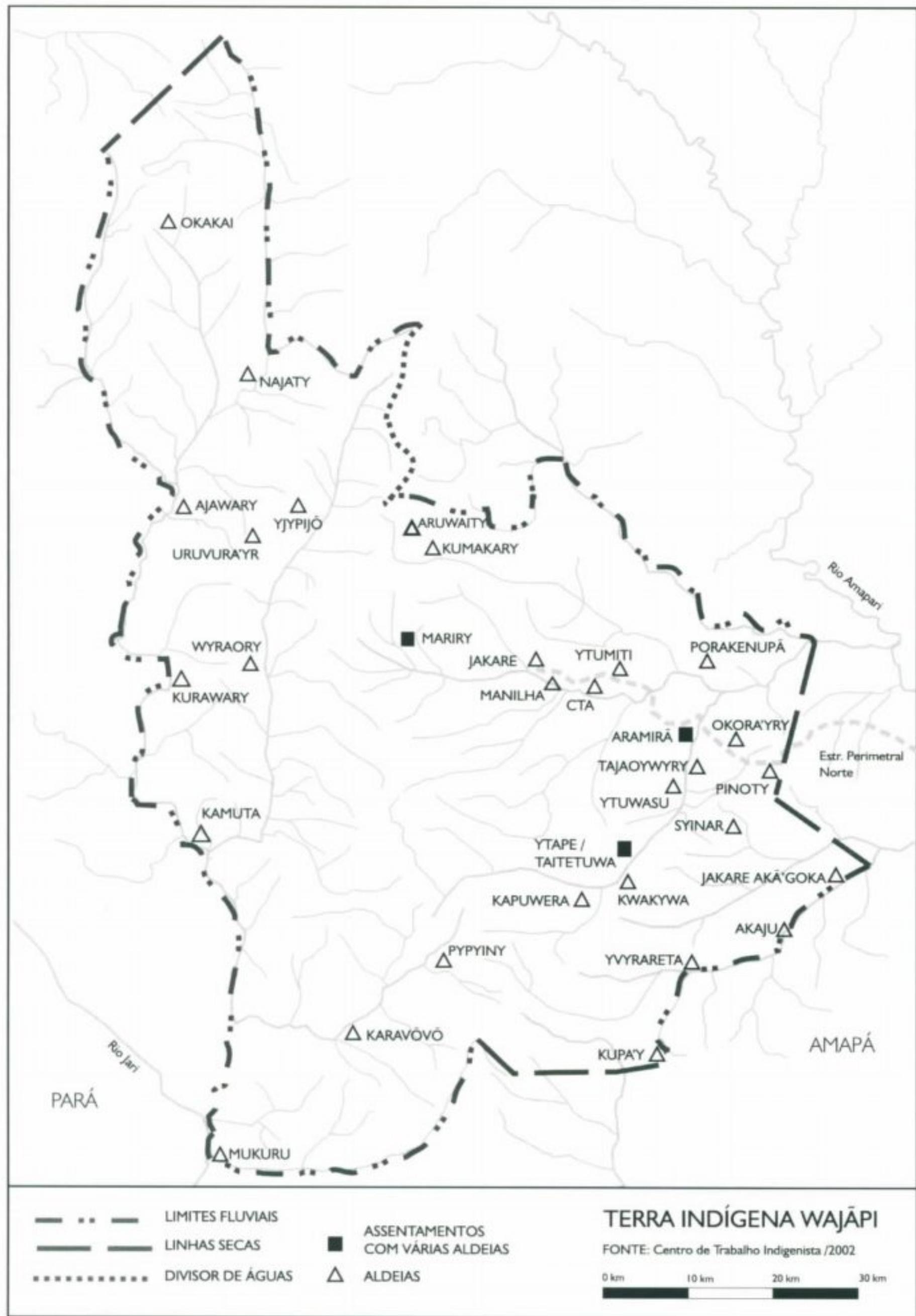
Comparativamente a outras sociedades indígenas

da Amazônia, os Wajāpi que vivem no Amapá não apresentam crise demográfica, cultural ou territorial, mas existe a constante ameaça de verem esse quadro alterado. Na década de 80, as invasões de garimpeiros foram controladas por força das atividades de vigilância que os próprios Wajāpi desenvolveram em suas terras. Atualmente, sofrem novas pressões decorrentes da colonização desordenada no entorno imediato da terra demarcada: a leste, ramais da Rodovia Perimetral vêm sendo ocupados por centenas de colonos e, a oeste, empresas e grupos garimpeiros disputam a exploração mineral”.

Fonte: CTI - Terra indígena Wajāpi: alternativas para o desenvolvimento sustentável / Macapá: SEICOM /GEA /PSDA, 1999. Dados atualizados por D. T. Gallois, 2002.

Alguns dados básicos sobre os índios no Brasil: As terras indígenas representam 12,18 % do território nacional, mas cerca de um quarto das 530 terras reconhecidas pelo Estado ainda não estão demarcadas. População indígena aproximada em Terras Indígenas: 300 mil pessoas ou 0,2 % da população brasileira, falando cerca de 180 línguas.

Fonte: Instituto Socioambiental /2000.



ORGANIZAÇÃO SOCIAL E TERRITORIAL

Os Wajápi organizam-se em grupos locais autônomos, denominados *-wan*, que se relacionam historicamente a diferentes porções do território, onde desenvolvem seus percursos e atividades. O grupo local, portanto, não coincide necessariamente com a aldeia, que é um assentamento físico. Cada grupo local é constituído de várias famílias, relacionadas entre si por laços matrimoniais. Uma unidade local pode ser constituída de dois ou mais irmãos com suas respectivas famílias, ou um único homem com sua família. O chefe do grupo é o 'fundador' da aldeia principal onde todos vivem juntos e é ele quem deve agregar um número suficiente de pessoas, irmãos e sobretudo genros, para viabilizar a autonomia política e de subsistência do grupo.

Numa aldeia, todos são parentes próximos, classificados entre parentes e afins, ou seja, distinguindo-se aqueles com as quais não se pode casar daqueles com quem se mantém relações de aliança (sogro / sogra, esposo / esposa, cunhado /cunhada, etc.).

Existem regras e exceções na maneira como os Wajápi estruturam suas relações de parentesco e essas regras se rebatem nas formas de ocupação nos pátios. Essas relações no espaço dependem basicamente das regras de casamento e de residência pós-casamento. Em geral, adotam a regra de residência uxorilocal (do latim *uxor*: esposa), um termo da antropologia que significa que a residência se baseia na mulher: o casal vai morar na casa dos pais da esposa, podendo depois passar a morar em outra casa, neste mesmo pátio.

Após alguns anos, o casal poderá viver na aldeia dos parentes do marido, ou em outra aldeia,

onde abrirá novas roças, mas sempre voltará regularmente à aldeia dos pais da esposa. Há exceções para os filhos dos chefes, que costumam não sair do pátio de sua própria família. A população de uma aldeia pode variar entre 5 pessoas - uma família nuclear isolada - como em Ytumiti - Cachoeirinha, e aproximadamente 40 pessoas - várias famílias nucleares e famílias extensas, como em Ytuwasu, Aramirã. Quando a população de uma assentamento cresce muito, como aconteceu em Mariry onde viviam quase 100 pessoas, os chefes de família se afastam para morar com seus genros em pequenas aldeias, nas proximidades. Assim, hoje, em torno de Mariry, existem 10 pequenas aldeias.

Esta regra de residência uxorilocal faz, então, com que a ocupação no território seja dispersa, quando os grupos locais se subdividem e novas roças, portanto novos assentamentos, são feitos. Os grupos locais ocupam três categorias espaciais: os lugares de concentração - aldeias

com roças / habitações; os lugares de dispersão / assentamentos intermitentes (principalmente durante a estação seca - acampamentos de caça, pesca e coleta) e os e sítios de ocupação antiga, *koo kwerã*, as capoeiras para onde os Wajãpi retornam regularmente e que constituem zonas de reserva faunística. Ou seja, é a combinação de fatores de ordem social e ecológica que determina os movimentos de concentração e de dispersão dos wajãpi, em seu território.

As atividades sócio-econômicas são diferentes para as mulheres e para os homens. Depois que os homens abrem uma clareira, queimam, limpam e preparam a futura roça para a sua família, este território se torna predominantemente feminino. As mulheres ocupam-se então da roça, do plantio e da colheita. As saídas para caçadas e pescarias são feitas pelos homens e a preparação dos alimentos é de total responsabilidade das mulheres.

CALENDÁRIO SAZONAL

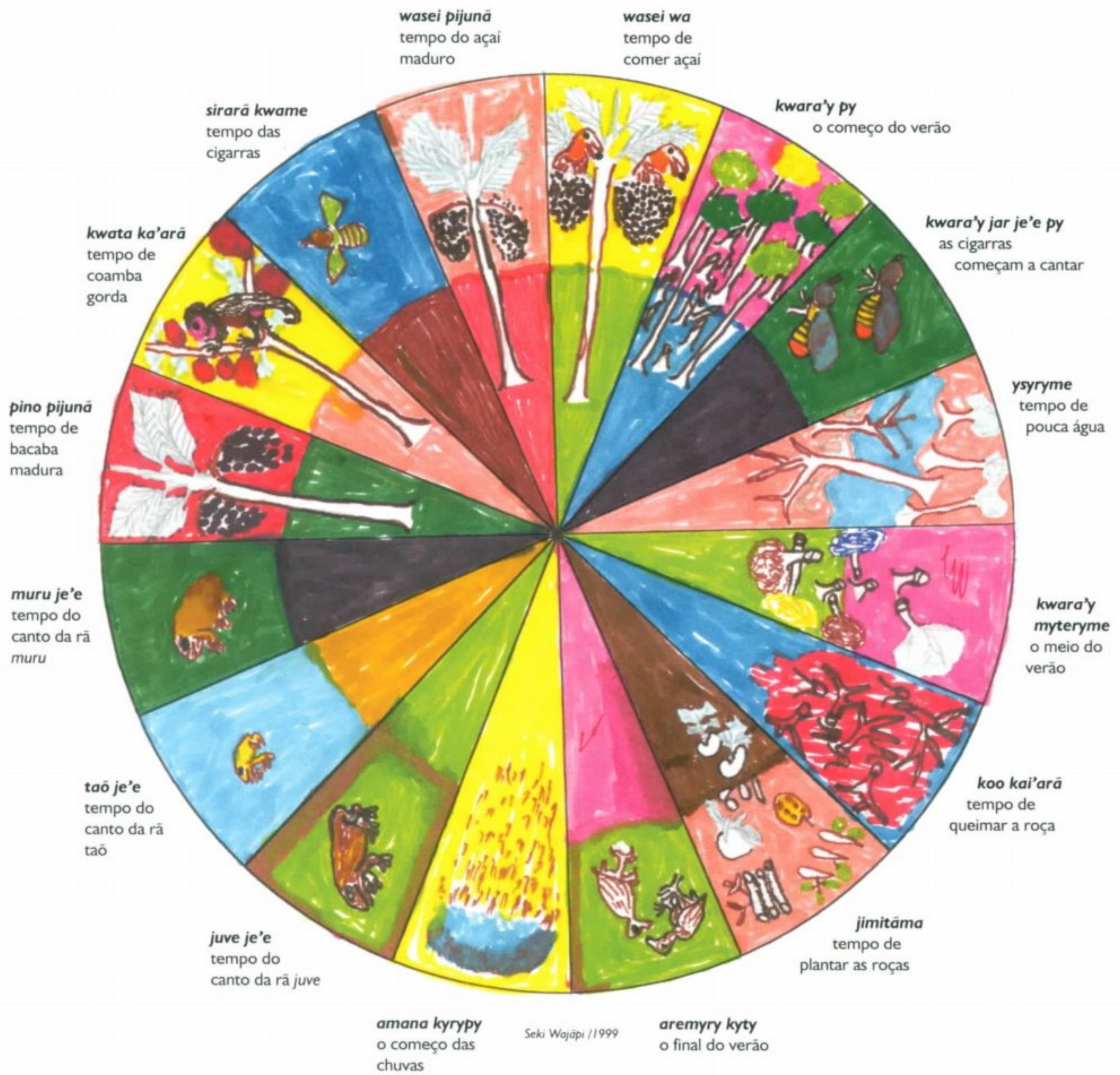
Durante o inverno, na estação das chuvas, entre dezembro e julho, é tempo de colher na roça banana, batata doce, mandioca brava, milho e pupunha e, também, de caçar paca, cotia, macaco, coamba, tucanos e outras aves que comem frutas da palmeira açaí. No verão, na estação seca, entre agosto e novembro, é quando se deve preparar as novas roças. Mas como as famílias têm várias roças, nessa época, elas podem colher da roça que foi plantada um ano antes, mandioca, banana (colhidas o ano todo) e cará. Nesta época se caça mais anta, queixada. É também na estação seca que se pesca, com anzóis ou com timbó.

“Marcamos o tempo do verão como o tempo que é bom para pescar e para andar no mato. É quando a queixada está muito gorda. No nosso calendário não tem mês, só tem a lua para ver. Por exemplo, quando um wajápi vai para outra aldeia e a lua está crescendo, ele vai falar para a mulher: Eu vou chegar aqui quando a lua estiver cheia. Então você tem que fazer caxiri”.

Makarato Wajápi - Livro do Artesanato Waiápi, MEC /2000.

“Para nós a lua cheia é chamada lua das meninas. É quando as meninas trabalham em casa fazendo tapioca. Elas colocam a tapioca dentro da panela e levantam para a lua cheia. É porque querem conseguir também uma panela cheinha de tapioca. Quando tem lua nova, a gente chama de lua das crianças. Porque é quando a gente pendura as crianças no esteio da casa para ficarem altas. Por isso alguns Wajápi são muito alto”.

Japarupi Wajápi - Livro do Artesanato Waiápi, MEC /2000.



KA'A [FLORESTA]

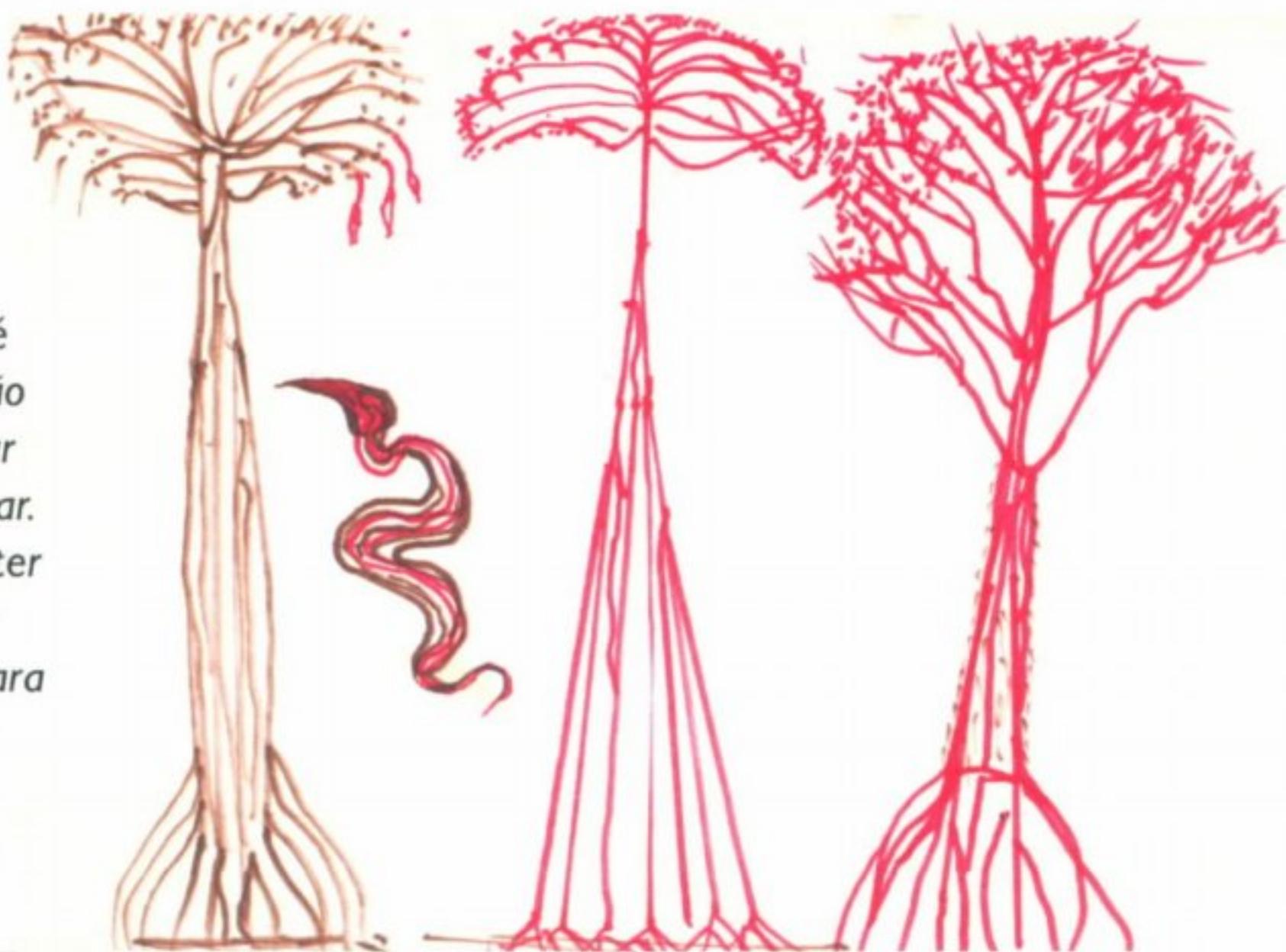


Wyray Wajápi /2000

A floresta tem diversos tipos de ambientes, que oferecem possibilidades de escolha variadas para instalar roças e assentamentos, percursos de caça, coleta, e os caminhos entre as aldeias. O desenho representa um sub-bosque do ambiente *ka'a yvyreve*, onde há *warakuri* (palha preta) e *murumuru* (murumuru), espécies de palmeiras cujas folhas são utilizadas para fazer a cobertura das habitações. O desenho também representa as árvores *katá'e* (castanheira), *peke'a* (piquiá) e *matara*.

"Para fazer uma aldeia nova...
 os Wajápi escolhem um lugar onde
 não tem montanha, onde tem igarapé
 limpo que não seca no verão, onde não
 tem igapó, nem saúva, onde tem lugar
 bom para tomar banho e para namorar.
 Para podermos comer bem, tem que ter
 muita caça, peixe e fruta. Para cobrir
 as casas, tem que ter muita palha; para
 os esteios das casas, muita acuaricu-
 ara; para fazer tipiti e peneira urupê,
 bastante arumã; e barro para nossos
 utensílios. A gente procura um lugar
 onde tenha envira para os enfeites das
 festas. Tem que ter açaizal perto,
 para atrair caça e para comer açaí.
 Os lugares com muito mosquito não
 servem. Não se faz aldeia perto de um
 rio grande para evitar acidente ou que
 sururu coma as crianças. Onde tem
 cemitério, não se faz aldeia, os espíri-
 tos dos mortos pegariam as crianças.
 Onde um pajé faleceu, não se faz
 aldeia, suas substâncias fazem mal
 para as pessoas".

Professores wajápi - Curso /2000.



Tsiro Wajápi /1983

Kumaka, a sumáuma, Pyryry, o angelim e Jaçukuriwa, são algumas das maiores
 árvores da floresta, desenhadas por Tsiro. São árvores que não podem ser
 derrubadas. No seu interior e nos seus mais altos galhos vivem os mestres dos
 pássaros e do vento, que são como a gente e que somente os pajés podem ver.



Seki Wajápi /1998

KOO [ROÇA]

As aldeias wajápi nascem das roças e as roças nascem de um lugar escolhido na floresta. A roça velha de uma aldeia se transforma em capoeira que voltará a ser floresta.



Namaira Wajápi /2000

Acima: uma roça produtiva com *mani'y* (mandioca brava), *kuþu* (cupuaçu), *pako* (banana), *uruku* (urucum), *manyju* (algodão), *asikaru* (cana de açúcar), *nânâ* (abacaxi), *jity* (batata-doce), *ka'âj* (pimenta).

Seja num velho ou num novo assentamento, a roça é fundamental. Uma nova aldeia sempre começa no centro de uma roça, mas quando vivem em assentamentos mais antigos, os Wajápi se deslocam até locais cada vez mais distantes para fazer novas roças, quando suas primeiras plantações se esgotam. Assim, entre o local de moradia e as roças produtivas, surgem espaços e ambientes novos: a mata de capoeira. Quando a roça fica muito distante, é hora de começar uma nova aldeia.



Puku Wajápi /2000

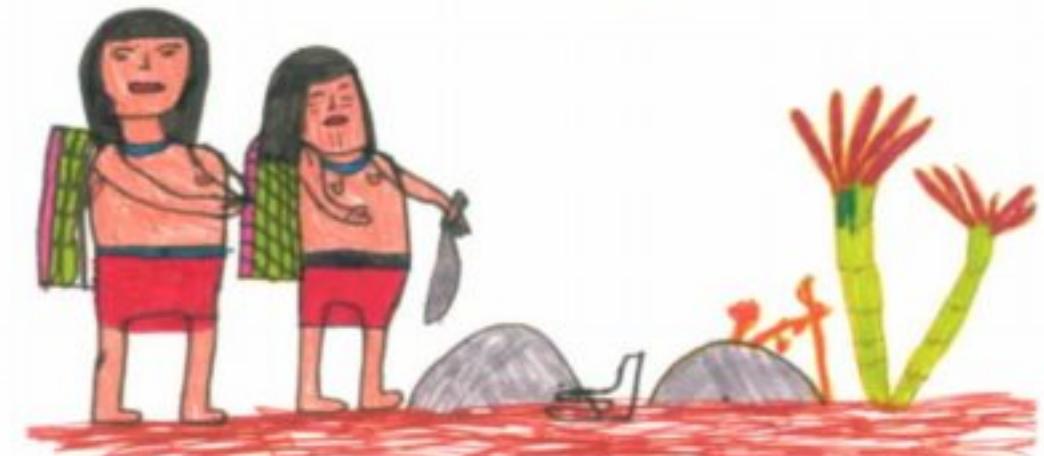
Início do processo de ocupação na floresta: a derrubada de uma clareira.



Rino Wajápi /2000



Ariná Wajápi /2000
Mandioca brava



Namaira Wajápi / 1998

MANEJO DAS ROÇAS

As roças dos Wajápi são um exemplo das chamadas 'agriculturas itinerantes', ou do tipo extensivo. Este tipo de agricultura traz inúmeras vantagens de adaptação às condições físicas e climáticas amazônicas, é uma solução ecológica racional e sobretudo está baseada em muitos anos de conhecimento profundo dos ambientes naturais pelos povos nativos. O cultivo itinerante justamente se associa à ocupação dispersa, que é a maneira como os Wajápi se organizam espacial e socialmente.

Cada família tem, no mínimo, duas roças em estágios diferentes, pois abre-se uma roça nova a cada ano. Depois de dois a cinco anos, a roça de mandioca brava já não é mais produtiva. O período de cinco anos coincide justamente com o tempo de degradação das coberturas das casas, feitas de ubim. Neste momento, os Wajápi procuram novos lugares para fazer novas roças e assentamentos.



Japaita Wajápi /2000

Futura roça sendo preparada: queima.



Seki Wajápi /1998

Plantas da roça brotando.



Singau Wajápi /2000

Roça ativa no pé de uma montanha. Ao redor, árvores que já tinham sido plantadas: ingá, manga e taja (veneno de caça). Na roça: batatas vermelhas, mandioca, cana, banana.

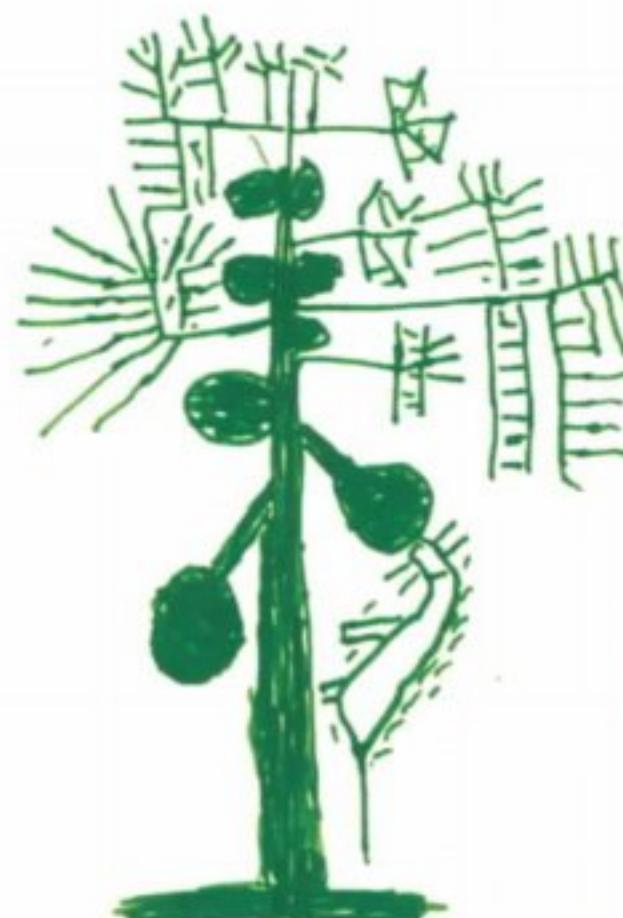


“Depois que a mandioca acaba, algumas plantas ficam dentro da capoeira e, se a gente cuidar bem, elas vivem muito tempo, por exemplo: pupunha, biribá, urucum e pako pijuná, um tipo de banana. As outras plantas desaparecem. Quando vamos fazer uma roça, brocamos primeiro e cortamos tudo que está por baixo das árvores grandes. Depois de roçar, derrubamos as árvores. Depois de derrubar, deixamos secar um mês. Quando está bem seco, tocamos fogo na roça. Depois de queimar, as mulheres começam a plantar a roça e nós ajudamos também. Nós não fazemos uma roça nova num lugar onde já fizemos roça antes. A roça nova é num lugar novo. Os colonos, na Perimetral, não são assim, derrubam sua roça todos os anos no mesmo lugar para criar capim e gado. Por isso, ali, nunca mais cresce a mata, é só campo”.

Seki Waiápi - Curso / 2000

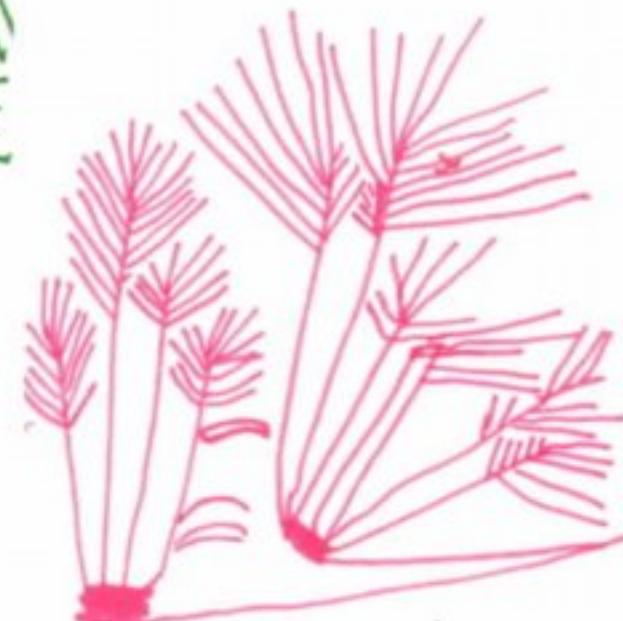
Kumare Wajápi /2000

Roça nova de Kumare, com milho, várias espécies de mandioca, rebrotos de sumaúmeira e angelim, banana, pupunha, abacaxi, urucum, cará e habitações.



Januari Wajápi /1983

Mukura comendo mamão.



Waivisi Wajápi /1983

Cana de açúcar.

TAA [ALDEIA]

As aldeias wajápi são compostas de vários pátios, ligados por caminhos que também levam ao igarapé, às roças e à floresta.



Montagem de desenhos de Parara Wajápi / 1998 (fundo) e Apamu Wajápi / 2000

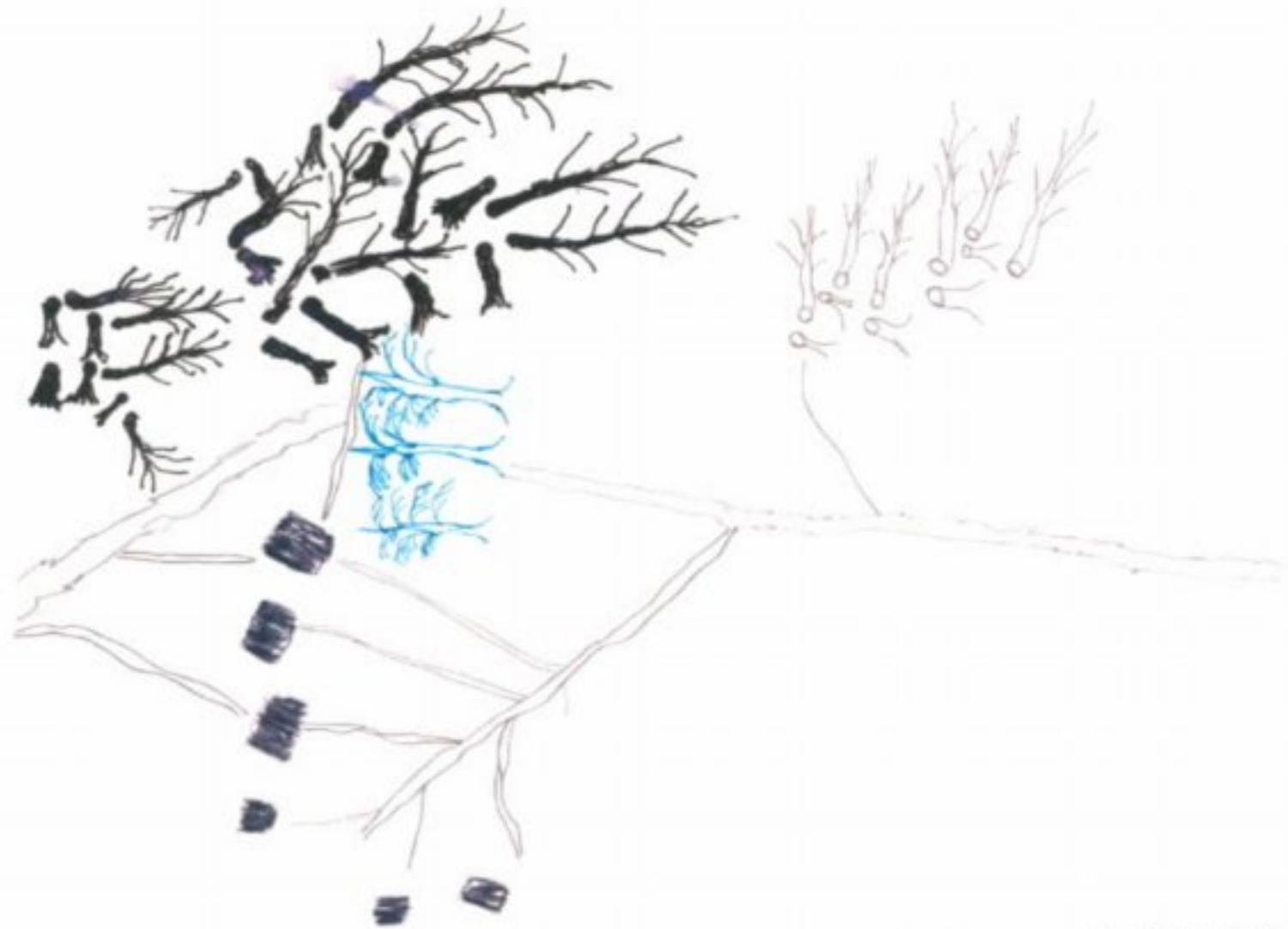
Aldeia Ytuwasu, com seus caminhos e pés de pupunha.

Numa aldeia pode morar só uma família extensa, com poucas casas em torno de um único pátio, ou várias famílias relacionadas por casamentos, morando em vários pátios. Do ponto de vista formal, em uma aldeia wajápi, nenhuma forma de ocupação espacial se repete.



Japu Wajápi /2000

Aldeia Pyrakenopá, com roças novas.



Japu Wajápi /2000

Representação da aldeia Pypyiny, com seus caminhos 'espinha de peixe', saindo das casas em direção ao rio. Árvores derrubadas em clareiras recentes e pupunhas.

O que se repete são as apropriações culturais do espaço, mas que não se traduzem por uma mesma aparência. Por exemplo: uma aldeia é composta de roças e pátios. Nos pátios, estão não somente as casas, como também os jardins, ao redor e na proximidade das casas, onde se encontram as 'plantas do pátio': pimenta, cuia, biribá, pupunha, açaí, caju, gengibre, e outras. Os pátios não têm um mesmo 'paisagismo', ou seja, a mesma ordenação espacial das suas plantas e habitações. O arranjo espacial dos pátios varia bastante e decorre do arranjo das famílias, ou seja, de suas relações sociais.

OKARY [PÁTIO]

Nos pátios, cada família tem plantações de frutíferas e espécies medicinais. É na proximidade das casas que se planta pimenta, algodão, urucum, cuia, biribá, pupunha, açaí, caju, gengibre e muitas outras.

No pátio da aldeia, ao redor de cada casa, homens e mulheres cultivam suas 'plantas do pátio'. São os jardins dos Wajápi. As plantas do pátio são bem variadas: desde o açaí, uma palmeira bem alta, até a pimenta, um pequeno arbusto. Os Wajápi plantam no pátio o que gostam de ter perto deles: gengibre para curar dor de cabeça, flores *parakarua*, cujas sementes servem para fazer colares de contas pretas, pés de cuias e trapeadeiras com cabaças, algodão para fiar e fazer redes e tipóias. Muitas dessas plantas estão também na roça, mas às vezes a roça está um pouco afastada da aldeia. Por isso, algumas espécies que eram da primeira roça, são, tempos depois, as plantas do pátio.



Kari Wajápi /2000

Algumas plantas do pátio: *pypyi* (pupunha), *araipuru* (cacau), *yviry* (biribá).



Seni Wajápi /2000

Uma casa no seu pátio, com pupunha, *wasei* (açaí) e cupuaçu.

Há uma palmeira, a pupunha, que é plantada sempre que é fundada uma aldeia. Ela cresce devagar e dá frutos deliciosos na época de chuvas, mas há sempre muitas pupunhas adultas plantadas pelos avós, aqueles que ocuparam o lugar onde está agora a aldeia, muitos anos atrás.

O pátio pode ser um espaço bem pequeno entre duas casas, pertencentes a uma mãe e sua filha, ou pode ser um espaço maior, ao redor e entre um conjunto de casas. Num pátio, pode haver a casa de uma família nuclear e sua casa de cozinha ou, então, várias casas de uma família extensa: avô e avó em uma casa e cada um de seus filhos mais velhos casados em outra habitação. As festas acontecem no pátio do dono da festa, aquele que está oferecendo bebida *kasiri*, feita à base de mandioca brava ou bacaba. As crianças brincam no pátio, mas na hora do almoço, quando há muito sol, descansam com seus pais dentro de casa. O pátio é o jardim da casa, a extensão da casa, onde se cozinha, se come, se reúne e se faz festa.



Singau Wajápi /2000

Caju, parakarua, urucum.



Maima Wajápi /2000

Pátio de Maima com cupuaçu, urucum e remédio de caça.



Singau Wajápi /2000

Urucum, caju, remédio de caça, milho.



Apamu Wajápi /2000

Flechal.



Kumaru Wajápi /2000

Urucum.

ALDEIA ARAMIRĀ



OKARY
[pátios]



KOO
[roças]



KOO KWERĀ
[mata de capoeira]



KA'A
[floresta]

0 10 25 50 100 m



Aramirā

1. Casa de Kumare
2. Casa de Anísio
3. Casa de Ororiwo
4. Casa de Sisiwa
5. Casa de Parikura
6. 'Hotel' e depósito de combustível
7. Rádio e oficina
8. Casa de Patena ('casa da demarcação')
9. Casa de Ripe
10. Casa de Tukurumā
12. Casa de Seki
- P. Poço

Posto

11. Casa de apoio da obra da escola
13. Futuro posto de saúde
14. Casa de hóspedes
17. Casa da FUNAI
18. Escola do GEA
15. Posto de saúde
16. Gerador
- LV. Lixo vidros
- LP. Lixo plásticos

Pátio Kwapo'y wyry

19. Casa de Nazaré
20. Casa de Seni
21. Casa de Puku
22. Casa de Taoka
23. Casa de Wyrai

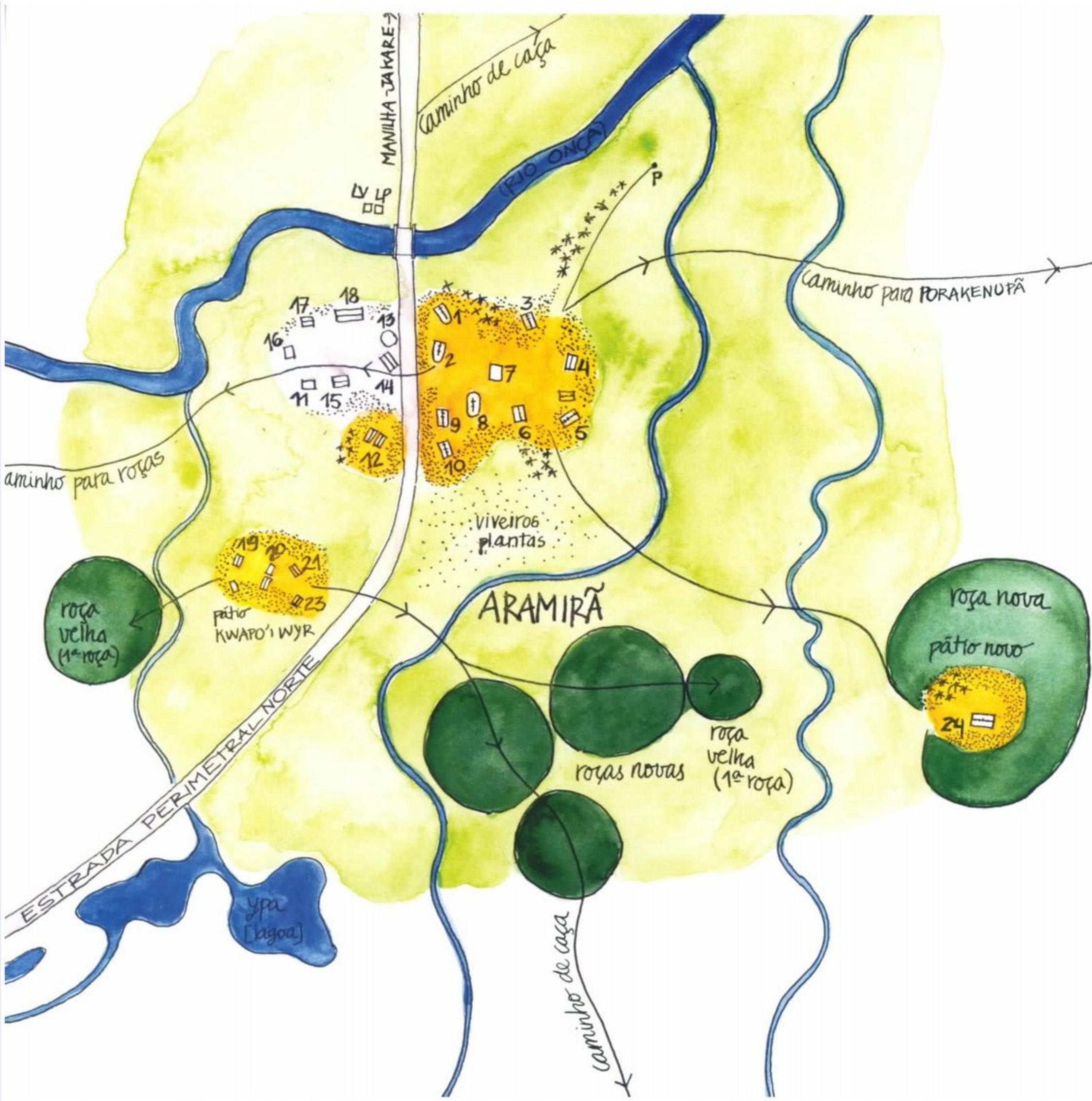
Pátio de Pi'i

24. Casa de Kurapia

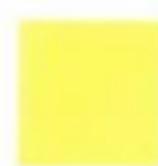
A escala é aproximada, com exceção dos pátios. Este mapa não mostra as distâncias reais entre pátios e roças, pois é uma representação dos estágios de ocupação. A distância entre a aldeia Aramirā e outros pátios, como o de Kwapo'y wyry, por exemplo, é de aproximadamente 1 km.

Este mapa foi feito junto com Wyrai Wajápi em setembro de 2000.





ALDEIAS KOO MITI, YTUWASU E YSURURU



OKARY

[pátios]



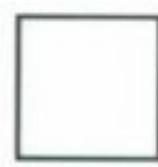
KOO

[roças]



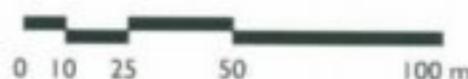
KOO KWERÃ

[mata de capoeira]



KA'A

[floresta]

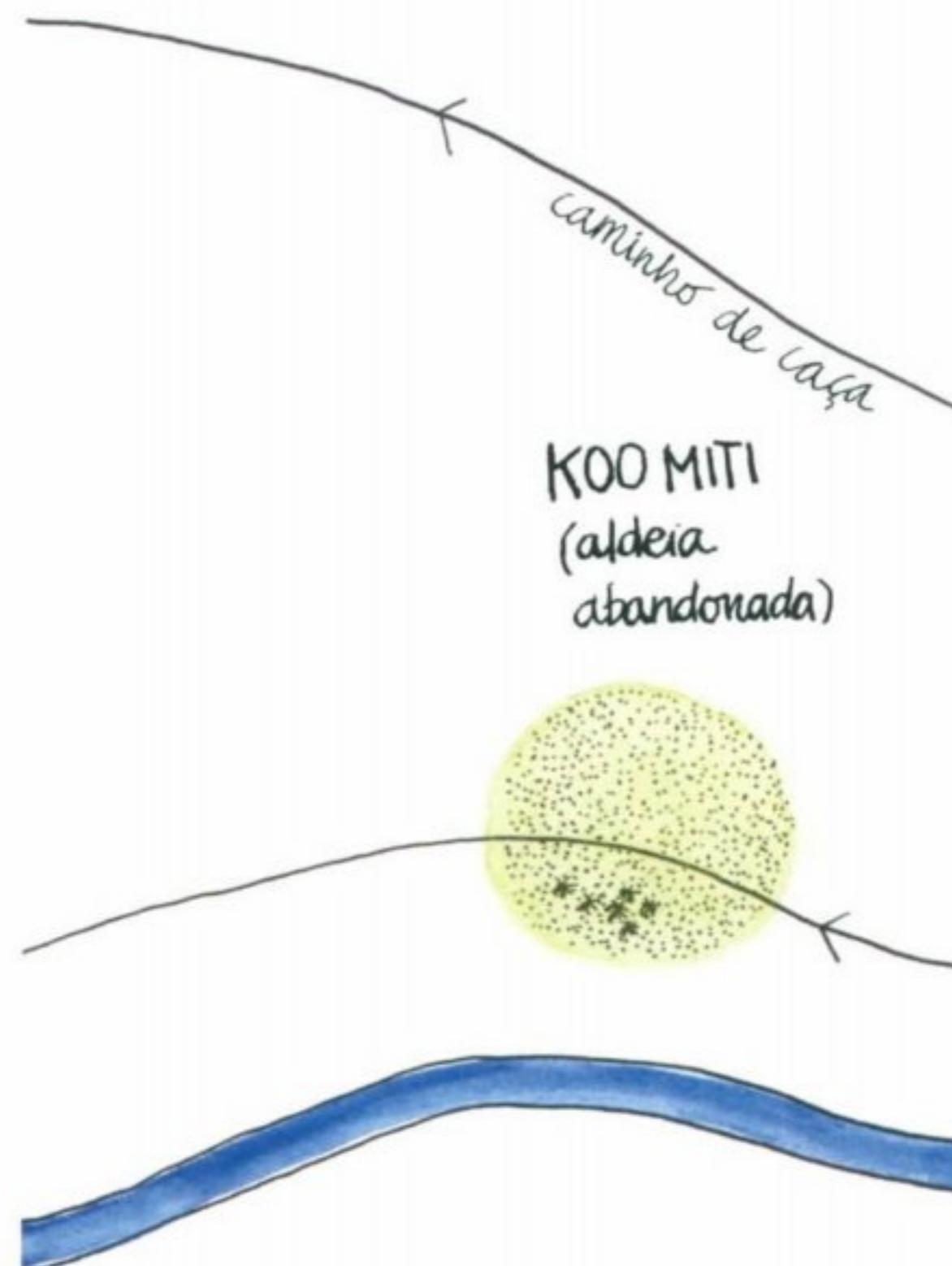


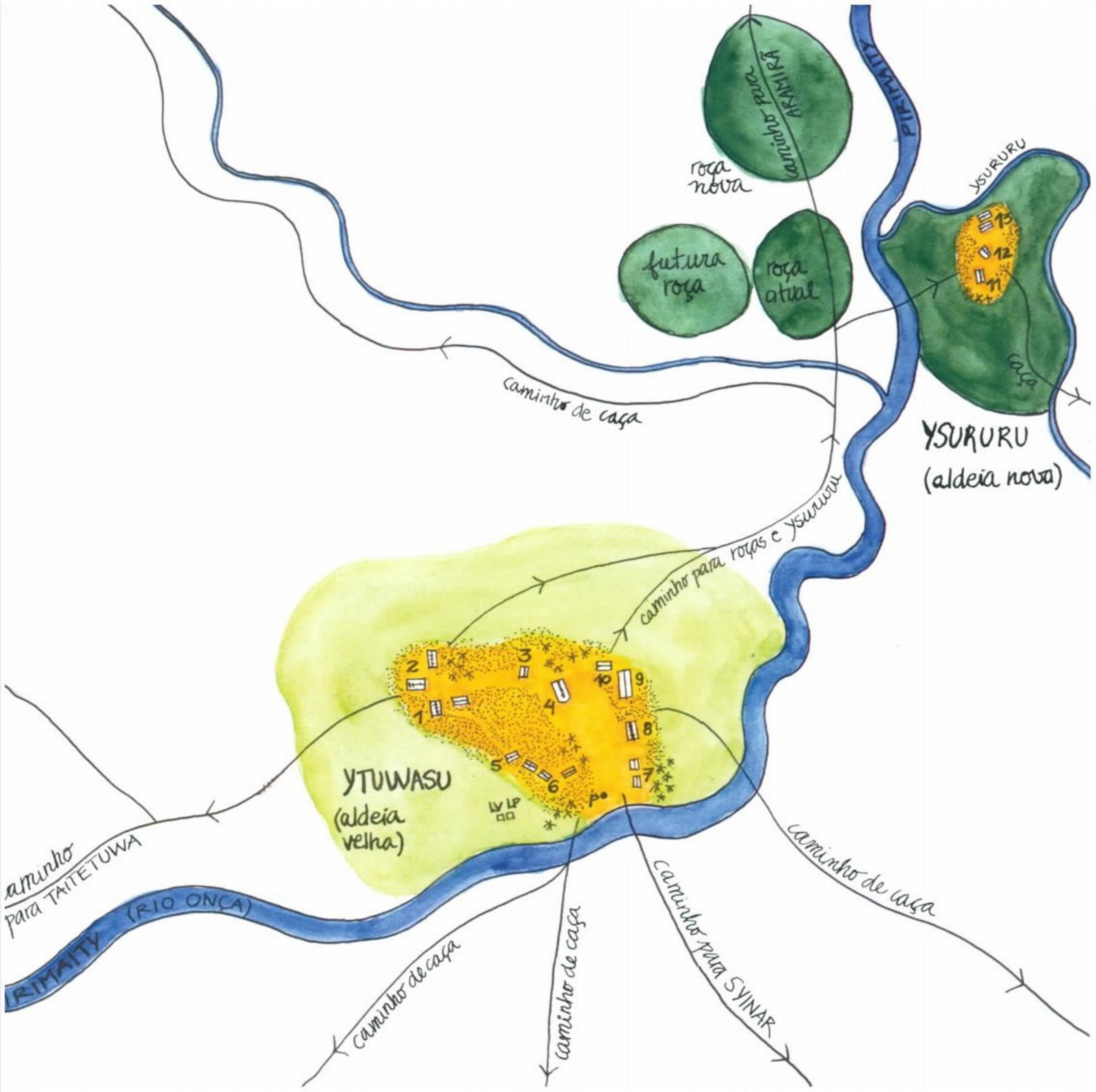
- Aldeia Ytuwasu
1. Casa de Jowatô
 2. Casa de Kanani
 3. Radiofonia comunitária
 4. Casa de passagem (casa de hóspedes)
 5. Casa de Moropi
 6. Antigas casas de Wawa, Moropi, Matia
 7. Antigas escolas, abandonadas
 8. Casa de Kapera
 9. Escola atual (GEA)
 10. Posto de saúde (FUNASA)
 - LV. Lixo vidros
 - LP. Lixo plásticos
 - P. Poço

- Aldeia Ysururu
11. Casa de Paturi
 12. Casa de Matia
 13. Casa de Kaitona

A escala é aproximada, com exceção dos pátios. Este mapa não mostra as distâncias reais entre pátios e roças pois é uma representação gráfica de três estágios de um assentamento wajápi. A distância entre Ytuwasu e Ysururu, por exemplo, é de aproximadamente 15 minutos a pé.

Este mapa foi feito junto com Moropi Wajápi, em setembro de 2000.





ARAMIRÃ

Aramirã é um assentamento complexo, dividido pela estrada Perimetral Norte em duas partes: de um lado, estão as instalações dos *karaikō* (não-índios) e, do outro, um conjunto de pátios ocupados pelos Wajápi. A aldeia principal - hoje abandonada - estava do lado direito da estrada. Foi fundada por Kumai, importante líder falecido em 1996. Neste mesmo local, ficava o pátio de Kumare, atual chefe do assentamento, próximo do rádio para comunicação entre as aldeias e Macapá (este rádio é usado por equipes de saúde, chefes de posto e pelos próprios Wajápi). Nesse pátio, há também uma construção feita pela equipe de trabalho da demarcação do CTI, construída há cinco anos, chamada de 'hotel', onde ficam os assessores do CTI quando estão realizando trabalhos na área.

O assentamento atual está hoje disperso, pois a ocupação do local ao longo dos anos mudou bastante: são roças que se sucederam e deram lugar a matas de capoeira, sítios abandonados por motivos de morte/enterro. Compõe-se de quatro pátios, o de Kumare e seu pai Anísio, o de Seki, filho de Anísio, o de Nazaré (viúva do líder Kumai) e seus filhos, e o de Pi'i e seu marido Kurapia.

Desde 1978, do lado esquerdo da estrada estão instalados a enfermaria e o posto da FUNAI, (depois abandonado e reativado em 1982).

Desde então, este posto não deixou de crescer, formando, como dizem os Wajápi, uma 'pequena cidade': o lugar dos *karaikō*. Além de outras pequenas construções - gerador, galinheiro, etc., também há uma casa recém-construída para os funcionários da construção das escolas. Uma construção redonda, destinada a um 'centro cultural' para atividades turísticas - uma iniciativa de políticos locais, sem consulta aos Wajápi - está fechada e será transformada na nova sede do posto médico. A casa que foi construída para alojar os professores do GEA (Governo do Estado do Amapá) antes da construção das novas escolas, abriga hoje os Wajápi que estiverem de passagem pelo Aramirã, de onde se sai para ir à Macapá.



foto Catherine Gallois

Embaúba e açaí.

KOO MITI, YTUWASU E YSURURU

Essas três aldeias são exemplos dos três estágios de um assentamento wajápi: Koo miti é uma aldeia antiga (onde morava Jowatō), já abandonada, Ytuwasu é uma aldeia velha e Ysururu, uma aldeia nova.

Para chegar em Ytuwasu saindo de Aramirã, é preciso viajar pelo Pirimaity (Rio Onça), um igarapé sinuoso, por cerca de duas horas de voadeira com motor de popa.

Ytuwasu é uma das 'aldeias centrais' da terra indígena wajápi, ou seja, um assentamento com várias aldeias nas proximidades. Ali mora Jowatō, o chefe do grupo local, com seus filhos casados e a família de um de seus genros. Ysururu, é uma aldeia recente, feita há um ano e meio aproximadamente. Syinar é a aldeia secundária situada a dois dias de caminhada, para onde Jowatō e sua família vão passar o verão, para pescar e cuidar de suas outras roças.

Ysururu é um pátio-aldeia ou seja, um aldeia que está ainda no centro da roça, enquanto que em Ytuwasu as roças estão mais distantes (de alguns km) dos pátios de seus donos. Estas roças estão bem próximas de Ysururu, que mantém estreitas relações sociais com Ytuwasu.

Ysururu tem três casas e seus respectivos *tapiri* (casas de cozinha): ali moram Matia e seus genros, Kaitona e Paturi. Este pátio novo é

muito mais farto em plantas como o algodão, pés de pimenta, batata doce, jerimum. Ali também existem pés de pupunha antigos e palmeiras açaí plantadas em uma ocupação vizinha anterior. Troncos atravessados permeiam o pátio, são as árvores derrubadas para fazer esta clareira que agora servem de reserva de lenha. Nesta aldeia, as roças futuras vão se expandir para além do igarapé Ysururu.

Os caminhos de caça representados nos mapas não são caminhos coletivos, pois a caça é uma atividade individual.



Roça e mata em Ysururu.

foto Catherine Gallois

OKA [CASA]

Uma nova casa é feita quando nasce o primeiro filho de um casal. Cada habitação é de uma família nuclear, com algumas pessoas agregadas. O genro, quando acaba de se casar, sempre mora com a família da esposa. Os materiais que os Wajápi usam para construir suas casas é muito variado.

Tudo vem da floresta: são árvores maiores e menores, vários tipos de palha, cipós, resinas.

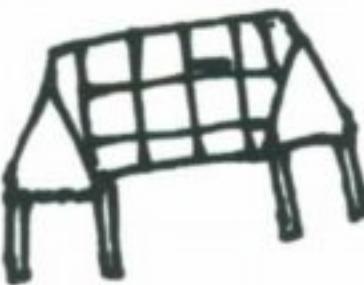
Há basicamente três tipos formais de habitação, habitações estas sempre construídas por seus próprios donos: *jura*, a casa maior, com pavimento sobrelevado; *yvy'o*, a casa térrea e *tapaina*, um tipo de casa provisória, também conhecida regionalmente como *tapiri*. No entanto, as funções dessas habitações podem se confundir, com exceção da casa *jura*, que não será nunca uma casa de cozinha.

Há tudo o que se precisa numa casa Wajápi. Para guardar coisas e cozinhar há vários jiraus (*mara*), mais altos e mais baixos. Os mais baixos servem para cozinhar e os mais altos servem de 'estantes'. Na área mais íntima, jiraus mais altos servem para guardar objetos pessoais, munição e espingardas.

Muitas casas (*oka*) têm, na verdade, outra menor por perto: a casa de cozinha, térrea (*okavu*). Nela, são feitos os beijus de mandioca, farinha, mingaus, moqueadas as caças ou cozidas em panelas, preparadas as bebidas, guardados diversos utensílios.

Os *tapaina* são pequenas construções que podem ser cozinhas menores com jirau baixo para moquear, ou jirau com coxo de ralar mandioca, ou casas provisórias.

As casas wajápi têm muitos pontos em comum em seus aspectos construtivos, mas como são construídas por seu donos, com a ajuda de irmãos ou genros, têm particularidades que lhes são próprias. As proporções das suas partes construtivas mudam bastante. Por exemplo, se for *jura*, a cobertura de uma casa pode acabar quase rente ao piso da casa, ou, então, se for do tipo *yvy'o*, rente ao chão de terra batida. A cobertura das casas tem sempre duas águas, mas às vezes uma de suas extremidades é arredondada, formando um semicírculo, chamado *javi revikwarā*, cuja estrutura pode ser acoplada tanto à estrutura da casa *jura*, quanto à da casa *yvy'o*. Em geral, as casas wajápi são abertas de todos os lados. Então, para se protegerem da chuva,

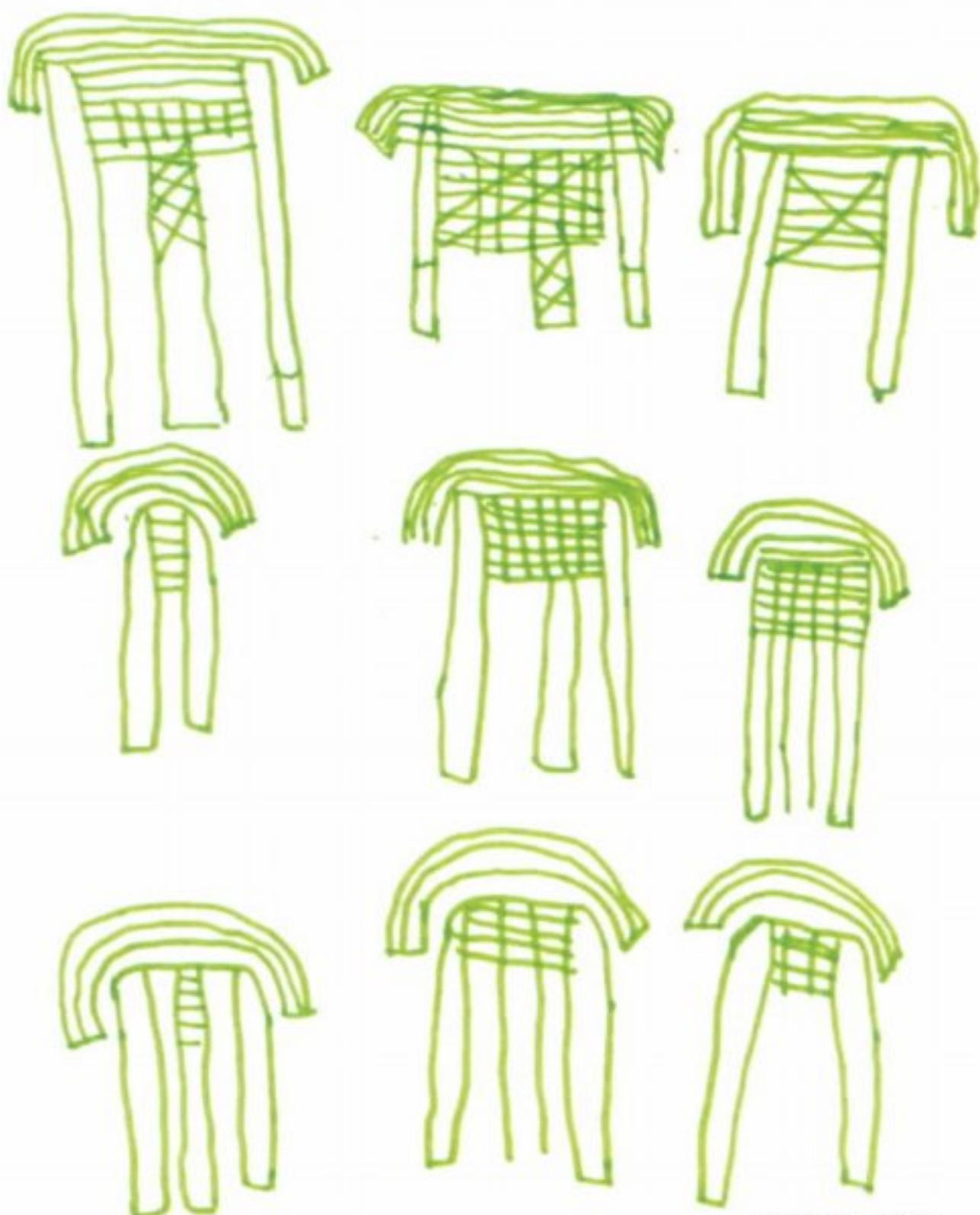


Matupi Wajápi /2000
Oka, tipiti, cesto
urupe e pupunha.

os Wajápi fazem as coberturas em balanço atrás e na frente das casas, criando espaços de transição. Assim, podem se reunir e conversar na frente da casa, numa área que se conforma como um 'terracço'. Esta é a área semipública da casa, que se integra com o pátio. A parte central da casa, se for *yvy'o*, ou superior, se for *jura*, é reservada estritamente ao uso privado da família dona da casa. Não se entra na casa de alguém sem ser explicitamente convidado. Mas quando há uma festa, os convidados que vêm de outra aldeia podem atar suas redes e pernoitar.

Os Wajápi constróem suas casas dentro das possibilidades de combinação de suas estruturas (alguns exemplos serão apresentados posteriormente), de acordo com seus gostos e conforme suas necessidades e disponibilidade de matérias-primas. Cada habitação é muito diferente da outra, porque cada família prefere arrumar suas coisas à sua maneira. Essas variações da arquitetura wajápi também dependem do estágio do assentamento e da etapa das relações sociais em que os moradores se encontram.

Para construir, há várias opções de matéria-prima para fazer cada uma das partes da casa. Por exemplo, a cobertura pode ser de palha *warakuri* (palha preta) ou de folha de *ovi* (ubim), amarradas com *āsimō* (cipó titica). Cada parte estrutural tem seu nome específico, como *topamy* (viga), *kytaypy* (esteio), *javī revikwarā* (ânus do jaboti).



We'i Wajápi /2000

Representações de casas *jura* das aldeias dos 'antigos', com coberturas arqueadas.



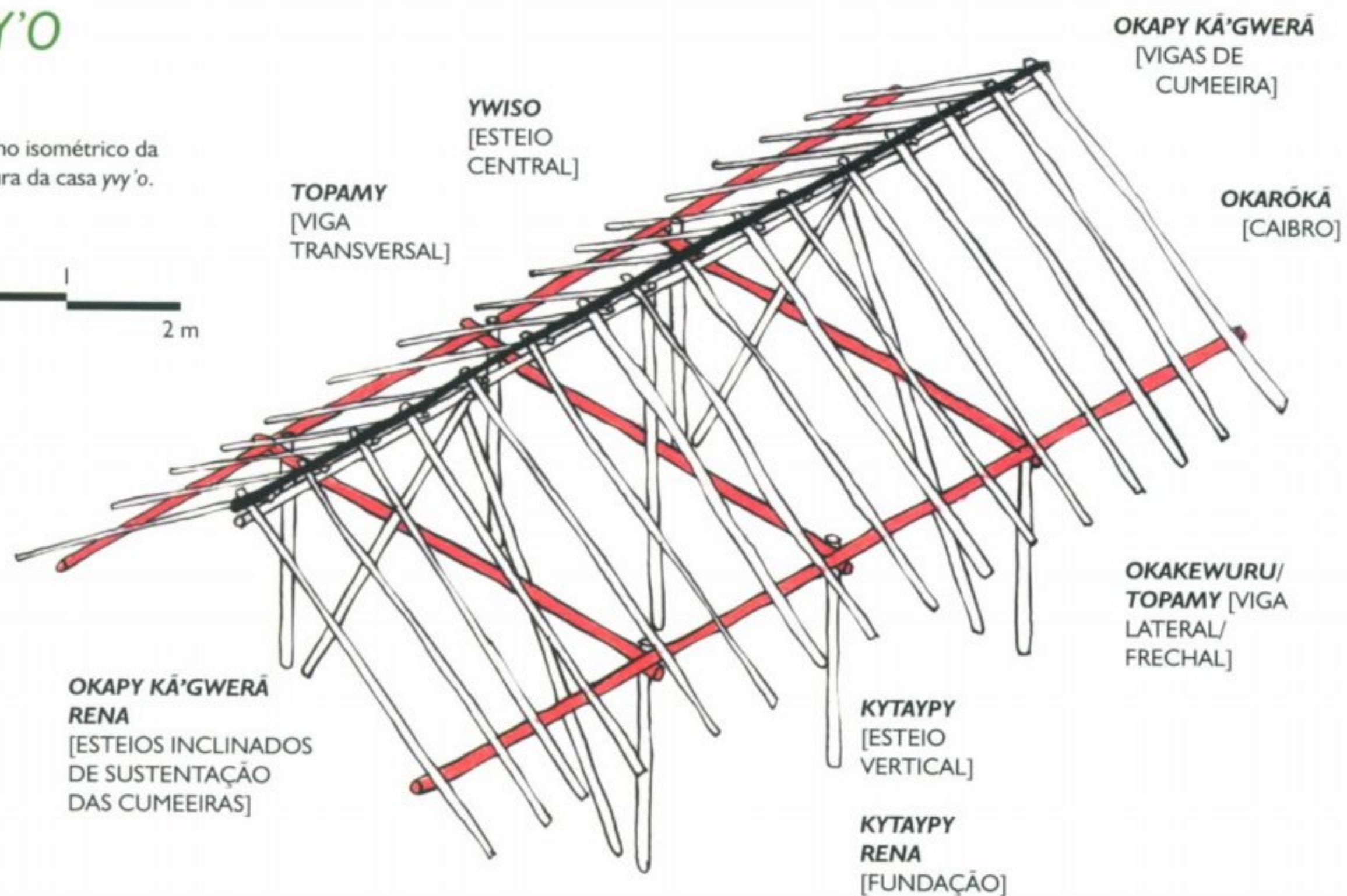
Pajari Wajápi /2000

Representações de duas casas *jura* e de uma casa *yvy'o*.

YVY'Ô

Desenho isométrico da estrutura da casa yvy'ô.

0 1 2 m



O exemplo escolhido para elaborar este modelo foi uma casa de cozinha, *okavu*, em Ytumiti (ver p. 51). As suas dimensões podem ser consideradas grandes em relação às outras casas térreas wajápi, que, atualmente, em sua grande maioria, são utilizadas como habitação principal, acompanhadas de um *tapaina* como casa de cozinha.

Ao redor das casas, nas projeções dos beirais, há sempre um pequeno fosso cavado para canalizar a água da chuva.



Seki Wajápi / 1998

A estrutura das casas wajápi é feita de dois ou mais pórticos, unidos por frechais (**okakewuru** ou **topamy**). A cumeeira (**okapy kā'gwerā**) pode estar apoiada num esteio vertical (**ywiso**) ou sobre o encontro de dois esteios inclinados (**okapy kā'gwerā rena** - pilares inclinados de sustentação da cumeeira), que também servem de contraventamento à estrutura da casa. A utilização do **okapy kā'gwerā rena** - que pode dispensar o uso de esteios verticais ou estar a eles combinado - é frequente, mas não obrigatória, na arquitetura wajápi. Os pórticos têm geralmente entre 1,6 e 2 m de altura e a cumeeira, em média, está a 3m do piso (**pasi'y**, **wasei'y**) na casa *jura* ou da terra batida, na casa *yvy'o*.

As vigas de cumeeira são geralmente apoiadas com encaixe nos esteios e, em seguida, fixadas com amarrações (-**okwa**) de cipó. As vigas (**topamy**) dos pórticos são amarradas e apoiadas com entalhes nos esteios (**kytaypy**), cujas funda-

ções (**kytaypy rena**, lugar/ buraco do esteio) chegam a uns 2 m. A forquilha pode ser usada também para apoiar a viga de cumeeira e a estrutura em semicírculo, *javī revikwarā*. A segunda viga de cumeeira é apoiada sobre as extremidades dos caibros (**okarōkā**) e amarrada com cipó à primeira.

A cobertura da casa é uma das partes construtivas mais importantes, pois é a que define o grau de acabamento, durabilidade e aprimoramento da habitação. De uma casa para outra, há diferenças no grau de capricho dos trançados de fechamento da cumeeira (**okapyrōkā**). Se um está mais caprichado do que outro é porque talvez seu autor tenha mais experiência e disponha de uma palha de melhor qualidade, como a palha **warakuri** (palha preta).



Majawai Wajápi /2000

JURA

Desenho isométrico da estrutura da casa *jura*.

0 1
2 m

OKAKEWURU /
TOPAMY
[VIGA LATERAL,
FRECHAL]

TOPAMY
[VIGA TRANSVERSAL]

PASI'Y RENA /
WASEI'Y RENA
[VIGAS DO PISO]

OKAPY KÂ'GWERÂ
[VIGAS DE
CUMEEIRA]

AWAU KENA
[VIGA PARA FAZER
O JAVÍ REVIKWARÂ,
ÂNUS DO
JABOTI]

OKAROKÂ
[CAIBRO]

PASI'Y /
WASEI'Y
[PISO DE
PAXIÚBA
OU AÇAI]

JURAYTA
[VIGA FRONTAL
DO PISO JURA]

KYTAPY
[ESTEIO]

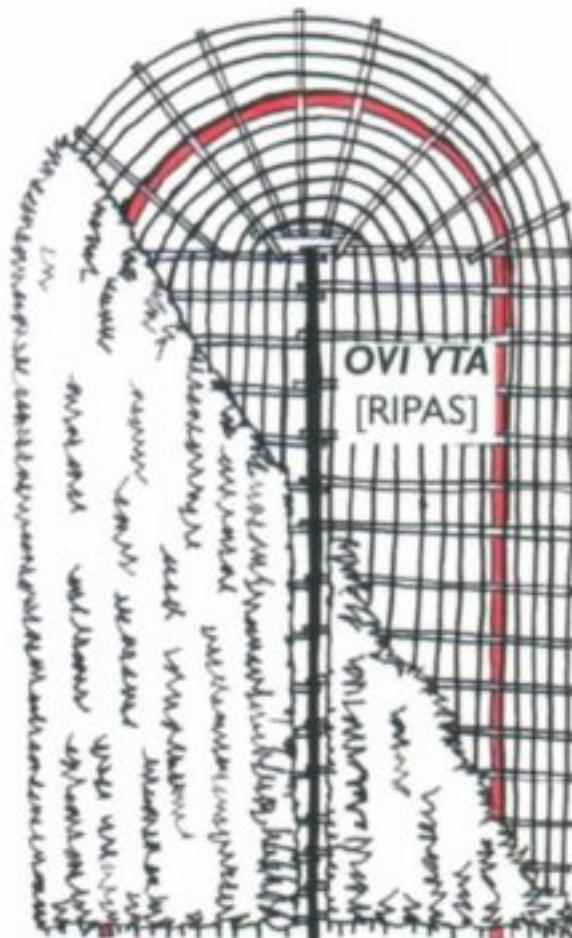
KYTAPY RENA
[FUNDACÃO]



Japu Wajápi /2000

Impressões sobre a casa *jura*: a casa *jura* é aquela que encanta mais quando se chega às aldeias e, principalmente, quando se dorme nela por alguns dias. Quando se sobe em algumas casas *jura*, percebe-se tudo meio instável: o piso, feito de lascas de troncos de açaí ou

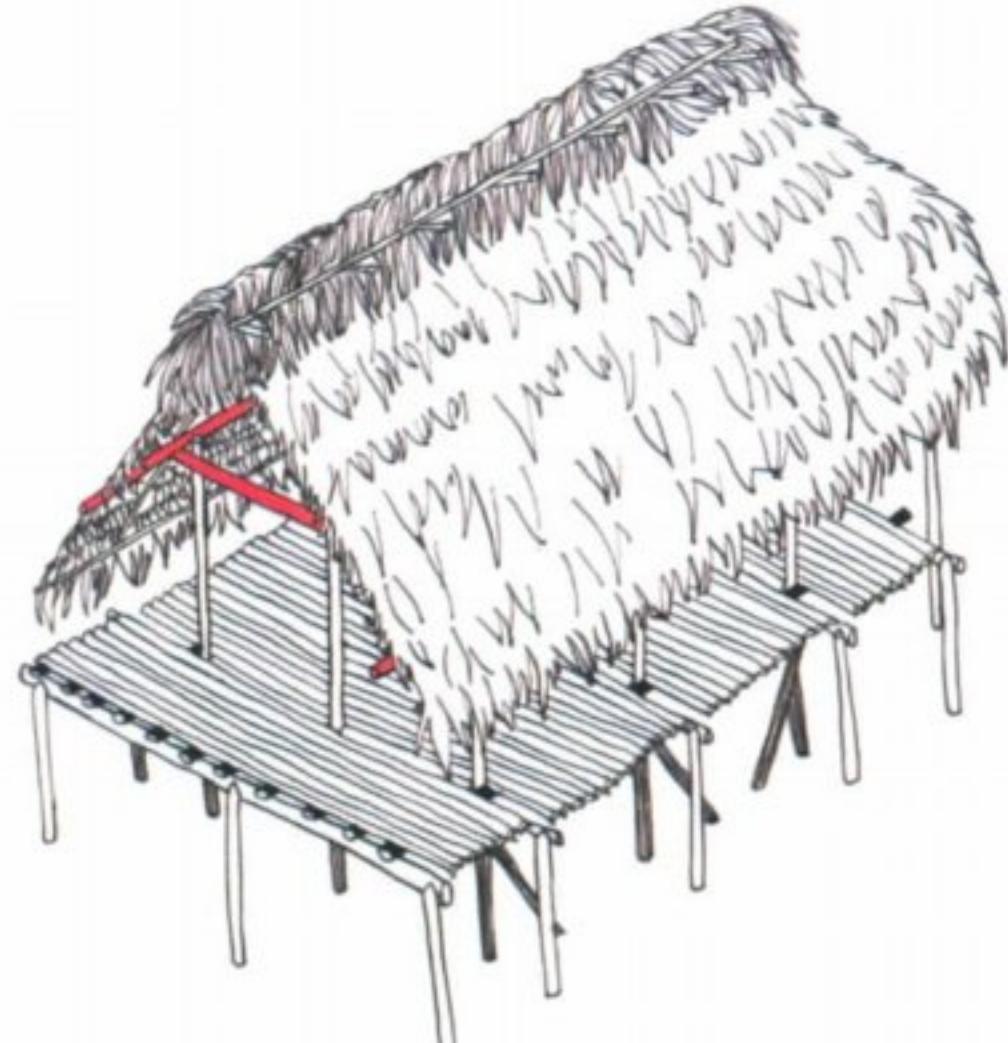
paxiúba, enverga e range a cada passo. A escada, *jura ema*, feita de um tronco de andiroba entalhado, nem sempre está completamente fixa pois quando a família viaja, retira a escada, para evitar que outras crianças ou animais subam na casa. Alguns Wajápi dizem que antigamente as casas *jura* eram mais necessárias do que hoje, para que se protegessem das onças que rondavam as aldeias.



Planta da estrutura da cobertura em ubim. A palha preta, ao contrário do ubim, dispensa ripas, pois o próprio caule é amarrado nos *okaróká* (caibros).



Cobertura pronta com acabamentos da cumeeira.



Desenho isométrico da casa *jura* pronta.



O exemplo escolhido para elaborar este modelo foi uma casa *jura*, em Taitetuwa (ver p. 52), que pode ser considerada a casa ideal na arquitetura wajápi. A nomenclatura das casas wajápi aqui apresentada foi organizada com a ajuda de duas pessoas de aldeias diferentes e posteriormente revista e complementada por ocasião da construção de uma casa *jura* nos jardins do Museu do Índio no Rio de Janeiro (ver p. 78). Pode haver pequenas variações dos nomes, principalmente pelo fato de que em algumas expressões estão embutidos os nomes das matérias-primas utilizadas. Por exemplo: *pasi'y* - piso de troncos de paxiúba, ou *wasei'y* - piso de troncos de açaí, *ovi āpāsi* - cobertura de ubim, *warakuri āpāsi* - cobertura de palha preta.

TAPAINA

As coberturas dos *tapaina*, casas provisórias, geralmente são feitas com folhas de palmeira *pino* (bacaba), *wasei* (açaí) ou *muru-muru* (murumuru).

Observar que, no chão, os pilares do *tapaina* sempre formam um desenho circular, elíptico.

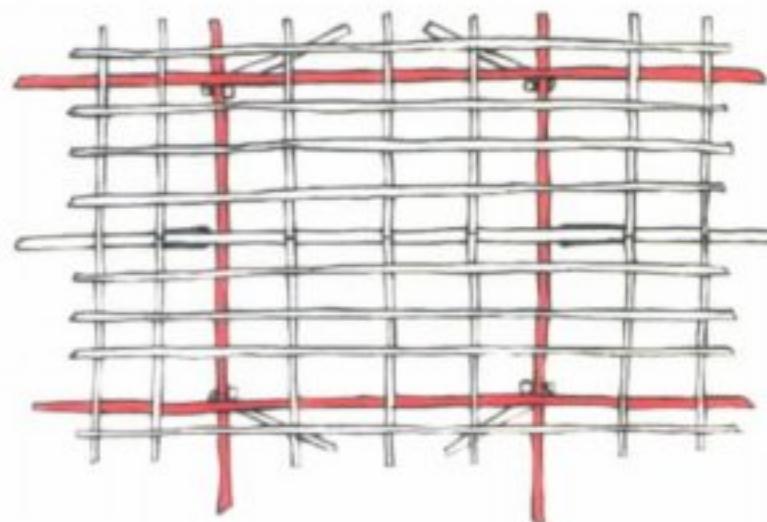
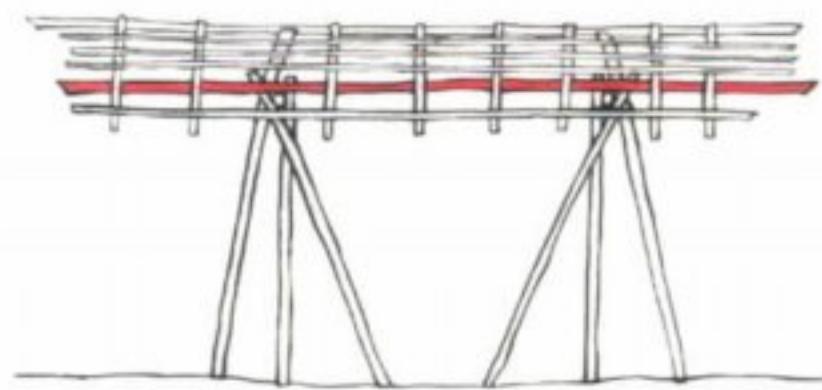


foto Catherine Galloué



Desenho isométrico, planta de cobertura, vistas laterais.



Namaira Wajápi / 1998

O *tapaina* pode ser: a primeira habitação feita provisoriamente numa nova roça, que será transformada em casa de apoio/cozinha, quando a *oka* for construída; a primeira habitação de um casal (ainda no pátio da mãe da esposa); uma casa de apoio para guardar palhas, panos, utensílios; uma pequena casa de cozinha



Tapaina utilizado para moquear carne de caça (aldeia Ysururu).



Tapaina utilizado como local para ralar mandioca (aldeia Ysururu).



Tapaina como primeira casa de um jovem casal (aldeia Kwapo'y wyr).

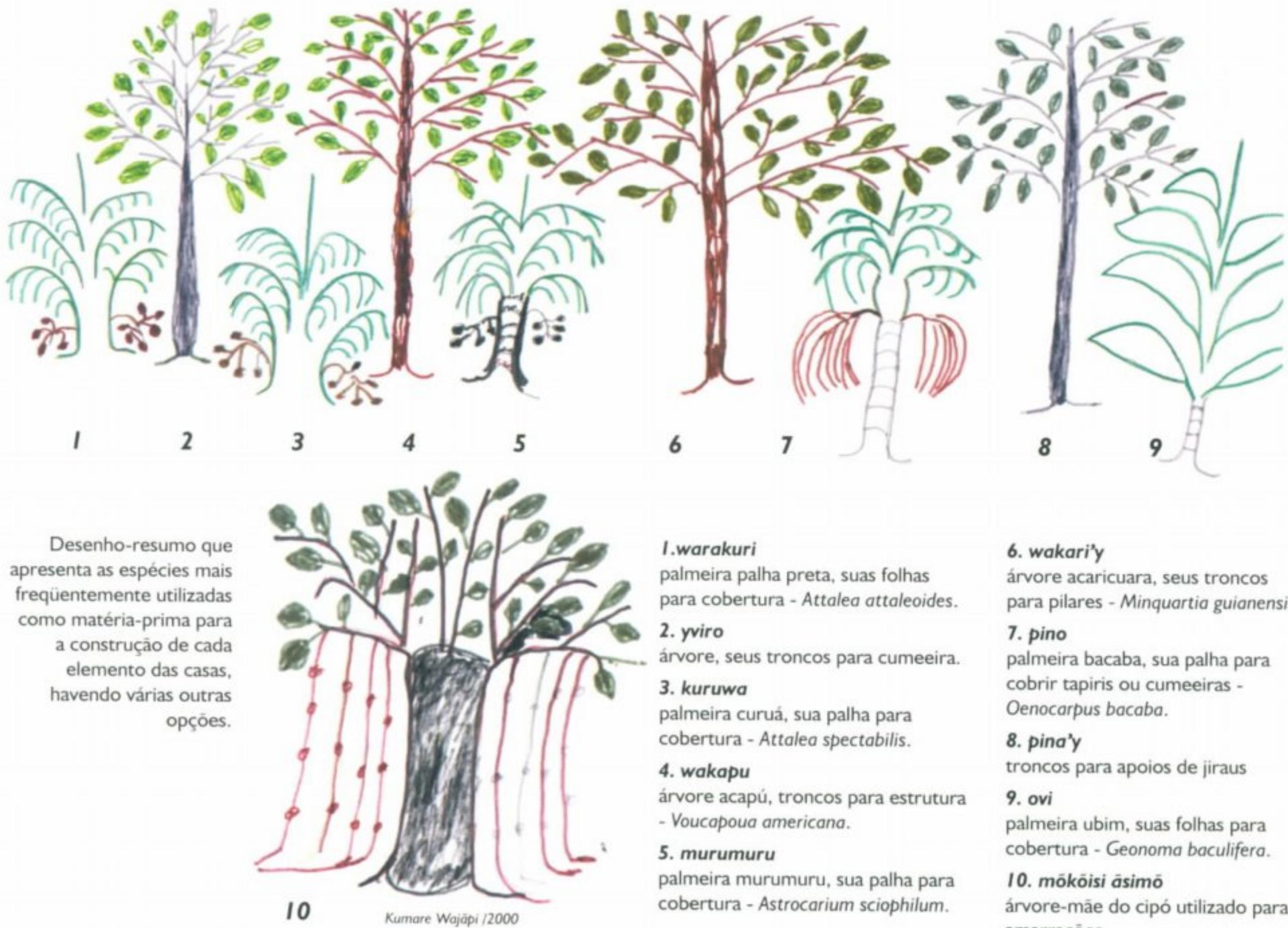
Desenho isométrico (mesma escala) de outra variação construtiva de *tapaina*. Este está no pátio de Sara Wajápi, aldeia Ytumiti (ver p. 51).

fotos Catherine Gallais

com *kurata* (coxo para ralar mandioca), ou com *jirau* para cozinhar, moquear, etc.; um abrigo feito para o descanso no meio de uma viagem a pé entre duas aldeias, que dure mais de um dia (ver relato de Waiwai p. 41); casa temporária para a moça que menstruou ou mãe com recém-nascido, durante seus resguardos; habitação principal e casa de cozinha, como na aldeia Tajaoywyry (o que pareceu ser uma exceção em relação às outras aldeias visitadas, pois todas as construções ali eram *tapaina*).

MATÉRIAS-PRIMAS PARA CONSTRUIR

Numa casa wajápi podem ser encontradas por volta de 20 espécies vegetais diferentes. As espécies mostradas aqui não se encontram assim facilmente na floresta, pois pertencem a diversas categorias de ambientes naturais. Daí o conceito de 'desenho-resumo'.



Waiwai conta a expedição rumo à cabeceira do igarapé Pakwar:

"Saímos de minha aldeia, Najaty. Para chegar lá, dormimos primeiro no Wyrarewyr, depois no garimpo Yjy Pijō. Depois no Parananypykai. Aí chegamos ao igarapé Najaty. Temos cinco roças, ali. A primeira que abrimos, a que fizemos no ano seguinte, outra, a roça produtiva e a nova. Também temos cinco casas: a minha, a de meu genro, outra do genro dele, a de meu outro genro e a de meu filho Taraku'ā si. Apenas cinco. Por ali só tem folha de inajá. Lá não tem ubim, por isso é difícil fazer casas nesse lugar.

Quando chegamos à Natajy, logo no dia seguinte, saí para abrir um caminho. Fui eu que comecei a fazer o caminho. No outro dia, já seguimos todos rumo ao igarapé Pakwarā, mas não levamos rede. Só levamos as redes no terceiro dia. Dormimos primeiro no lugar chamado "Mytu py'amā", o mutum amarrado. No outro dia, continuamos abrindo o caminho e não levamos rede. Mas construímos um tapiri. Chamamos o lugar "Pinovu tetā", o abrigo de folha de bacaba, porque não tem palha preta. Derrubamos todas as bacabeiras do lugar para fazer o tapiri. No dia seguinte, levamos as redes. No outro, levamos também. Abrindo caminho, doía muito o punho, é uma mata fechada.

Desenho-resumo que apresenta algumas das espécies utilizadas como matéria-prima para construção. Na ordem: árvores *yviro* e *wakari'y*, palhas *ovi* e *pino*.

É um caminho no meio da mata, que segue primeiro rumo ao rio, para chegar à beira do igarapé Pakwar. Não dá para fazer o caminho pela beira, porque tem muita curva. De vez em quando, eu ia até à beira para reconhecer a distância até a cabeceira. Abrimos um caminho bem reto. Eu ia e voltava, do igarapé ao caminho.

Então, dormimos no lugar que chamamos "Murumuru tetā", o abrigo de murumuru. Um lugar muito difícil, onde não tem palha para cobertura. Furamos nossas mãos, com os espinhos do murumuru. É difícil mesmo, tem muito espinho no tronco e nas folhas. No outro dia, dormimos num lugar que tinha palha boa, na beira de um igarapé pequeno que chamamos "Warakurityary", o igarapé da palha preta. No dia seguinte, também ficamos naquele lugar. E voltamos a procurar o rumo da cabeceira do igarapé Pakwarā".

Narrado por Waiwai, chefe da aldeia Mariry em 1995 - Tradução de D.T. Gallois, in: Livro de Leitura "Relatos da Demarcação da Terra Indígena Wajápi", Programa Educação Wajápi / CTI, 1999.



Aparau Wajápi /2000

COBERTURA DE WARAKURI [PALHA PRETA]



Vista interna de cobertura de palha preta.

A palha preta dá um bom acabamento à cobertura. Sua amarração é bem mais simples que a do ubim, pois a palha preta tem um caule bastante rígido que serve de ripa. As folhas são colocadas duas a duas, com aproximadamente 15 cm de distância entre elas.



Casa em construção no meio da roça. Os caibros são amarrados dois a dois na primeira cumeeira e no frechal, com um cipó que o percorre. A segunda cumeeira é apoiada sobre os caibros e amarrada à primeira, a cada três caibros.



Kuruari construindo uma casa com warakuri. Notar as folhas de palha preta no chão, já dobradas e prontas para serem amarradas nos caibros.

fotos Catherine Gallois

foto Dominique T. Gallois

COBERTURA DE OVI [UBIM]



Vista interna de cobertura de ubim.

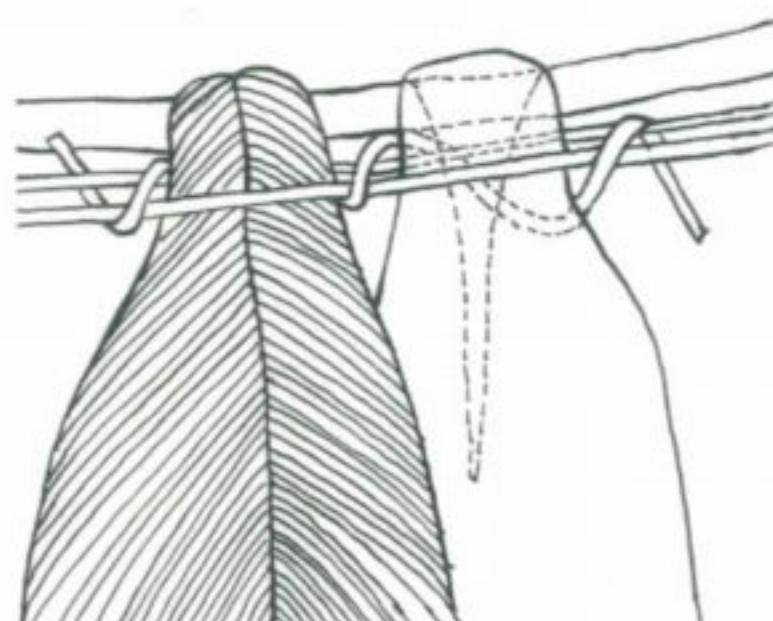
As folhas de ubim, com 50 cm de comprimento médio, são a melhor matéria-prima para cobrir a casa pois, além da estética de seu acabamento, proporcionam uma ótima proteção contra a chuva. Porém, sua colocação é muito mais lenta do que a da palha preta, pois suas folhas são costuradas de três em três em ripas feitas com galhos flexíveis, por sua vez, amarrados nos caibros. O ubim é que permite criar os belos arredondados *javī revikwarā*.



fotos Catherine Gallois



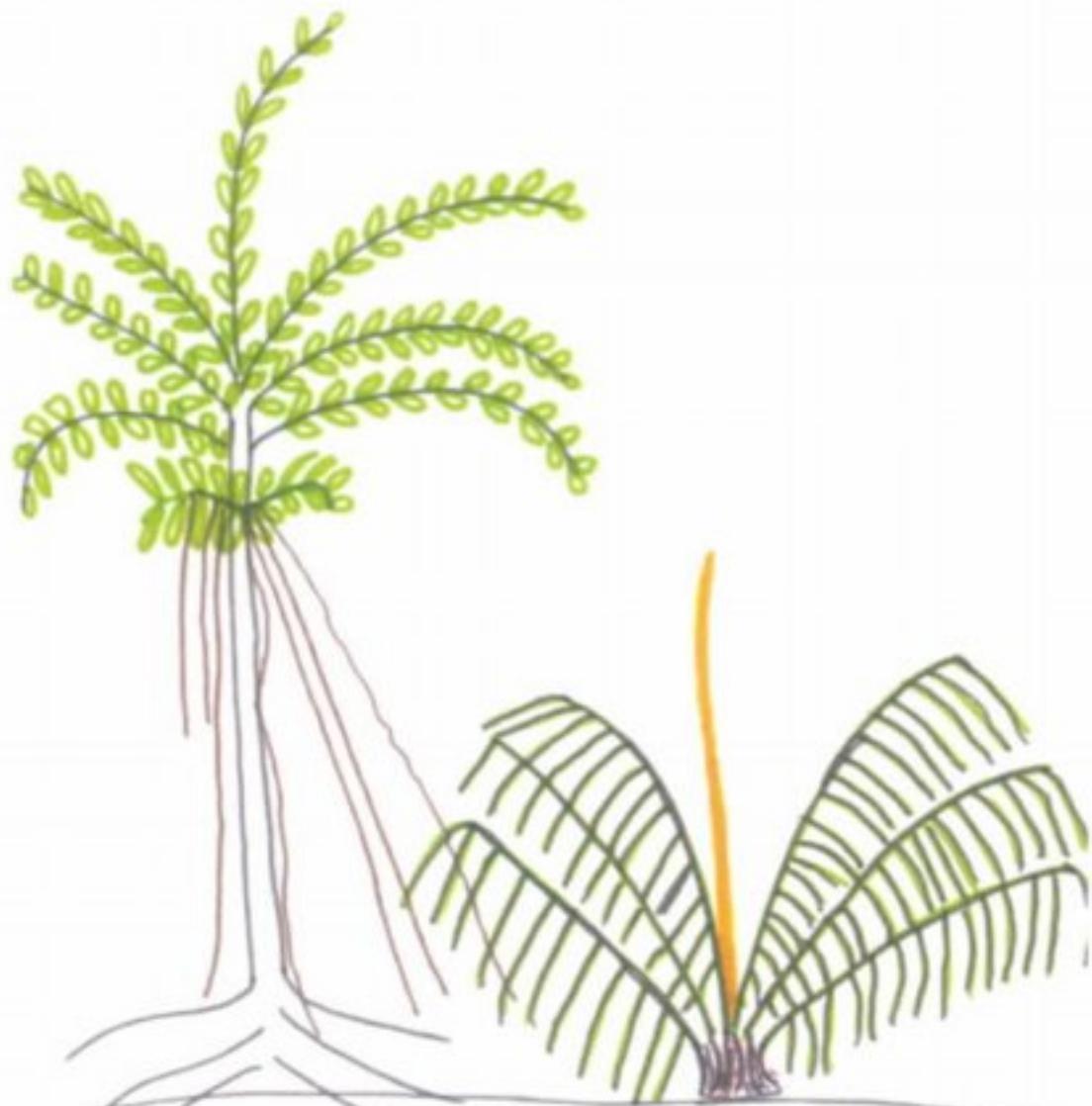
Matéria-prima e seu transporte: ubim encontrado em ambientes de igapó e *panaku* (cestos cargueiros) cheios de ubim coletado.



Detalhe: vista interna. As folhas, com os caules dobrados para trás, são costuradas com cipó sobre as ripas *ovi yta* e nas duas 'sub-ripas' feitas de lascas de talo de palha preta ou bacaba.

FAZENDO O OKAPYRŌKĀ [ACABAMENTO DA CUMEEIRA]

Esta solução construtiva é utilizada tanto em coberturas feitas com *warakuri*, quanto com *ovi*.



Desenho de *mōkōisi ásimō*, arvore-mãe do cipó titica, o mais utilizado para fazer as amarrações e *warakuri*, palha preta.

Somente as folhas verdes (centrais) são utilizadas para cobertura. Medem em média 3 m. As folhas adultas podem ser utilizadas para dar acabamento externo à cumeeira.



Cobertura em andamento, sem acabamento de cumeeira.



Waiwai preparando o trançado de palha preta, *kamarijō* (costas de jacaré).



fotos Catherine Gallois



Colocação do *kamarijō* entre as duas vigas de cumeeira.



Último acabamento externo: colocação das folhas adultas de palha preta.



O acabamento está feito. Com o tempo, essas folhas de palha preta ficarão da mesma cor que o restante da cobertura.

fotos Catherine Gallois

As folhas de palha preta (ou de *pino*, *bacaba*), verdes, nas fotos acima, são colocadas e amarradas sobre a cumeeira como acabamento final. São colocadas nos dois sentidos, uma atravessada à outra. Grampos, *ovi rena*, são passados transversalmente pela própria palha. Sobre eles, são apoiados outros grampos, longitudinalmente, para fixar estas folhas (ver p. 37).

JÃVI REVIKWARÃ [ÂNUS DO JABOTI]

A estrutura em semi-círculo, possibilitada pelas folhas de ubim e um feixe de galhos amarrados em curva, *javí revikwarã* (ânus do jaboti), pode ser construída tanto em casas térreas *yvy'o*, quanto em casas *jura*.



Sanã Wajápi /2000

Representação de uma casa térrea com *javí revikwarã*: a casa de Sanã, em Taitetuwa.



fotos Dominique T. Gallois



Vista externa do *javí revikwarã* de uma casa *jura* (ver pg. 52). Observar os grampos *ovi rena*.

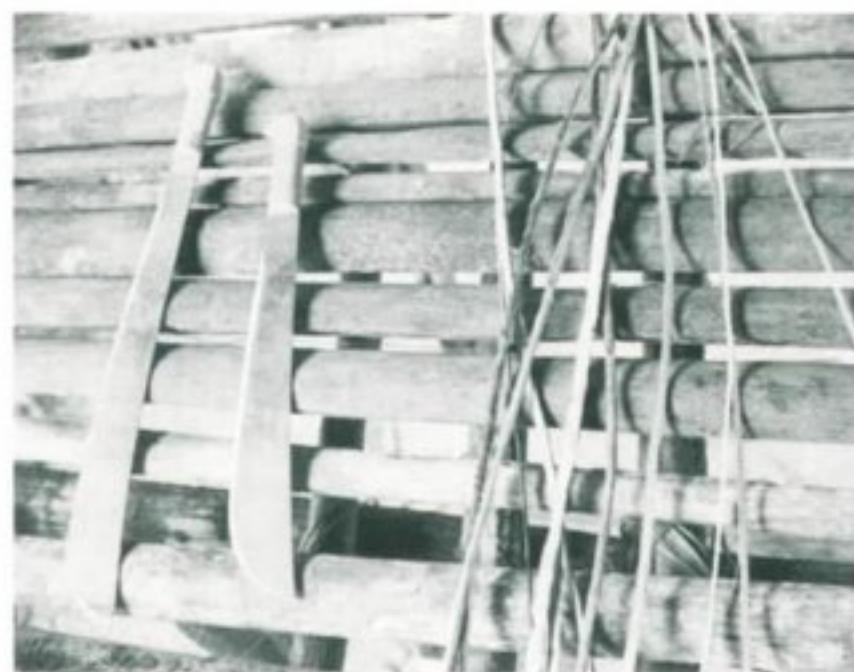


Vista interna do topo da cobertura curva. Os caibros que darão a curvatura são amarrados nos dois últimos caibros no extremo da cumeeira e apoiados na viga em semicírculo que estrutura o *javí revikwarã*.

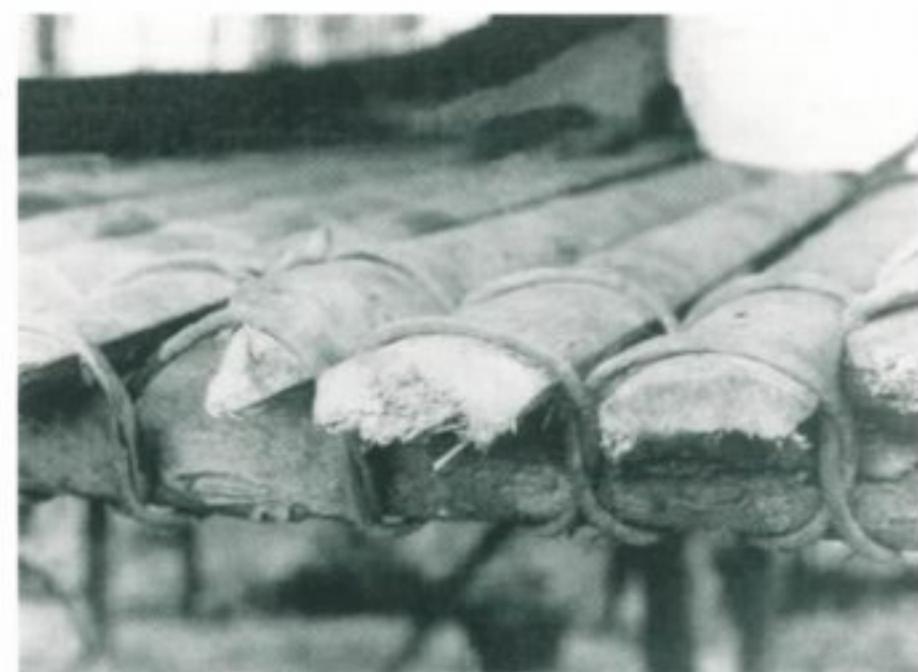
montagem croqui e foto: Catherine Gallois

PASI'Y [PISO DA CASA JURA]

Para fazer os pisos das casas *jura*, são utilizados os troncos cortados em partes das palmeiras paxiúba, como primeira opção, ou do açaí. O tronco da paxiúba tem uma textura mais lisa e fina do que o do açaí.



Terçados e dois tipos de cipó, *uame* e *âsimô*, utilizados para costura do piso. Este piso é de açaí.



Borda de piso *pasi'y* (de paxiúba) costurada com *âsimô*, cipó-titica.

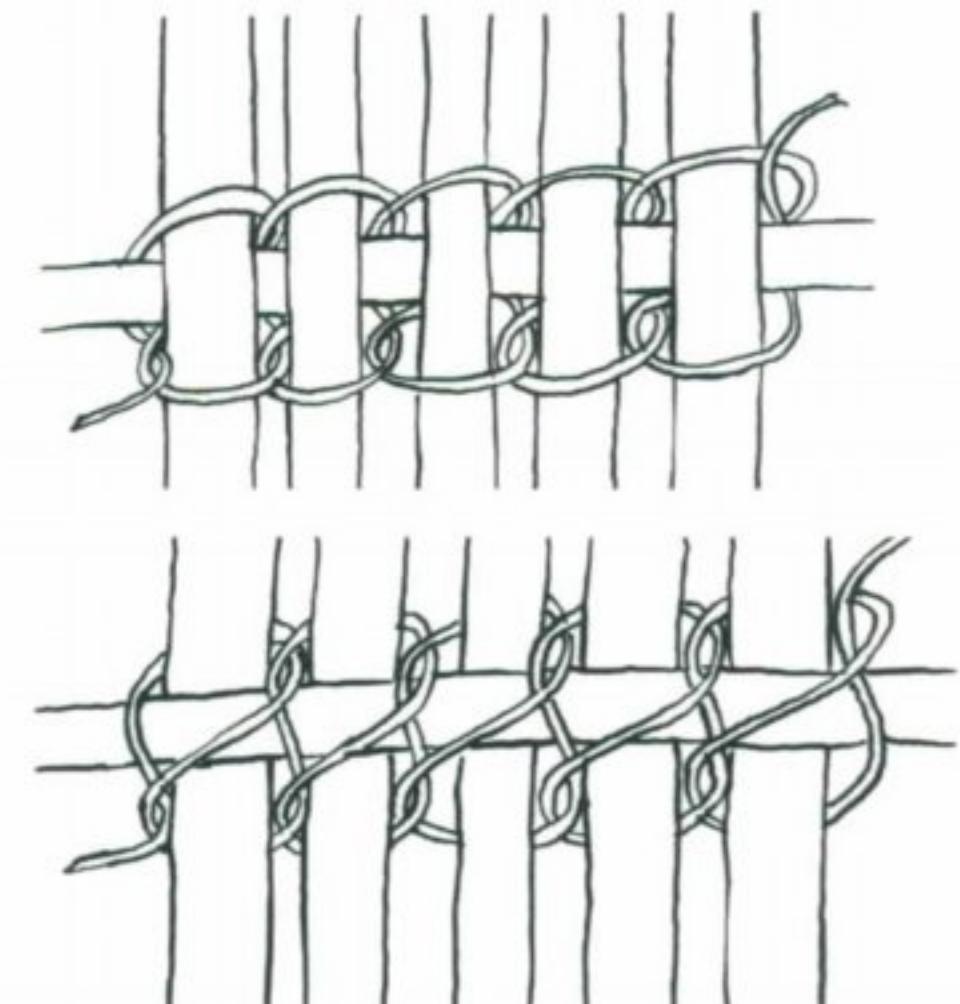
fotos Catherine Gallois



Singau Wajápi /2000

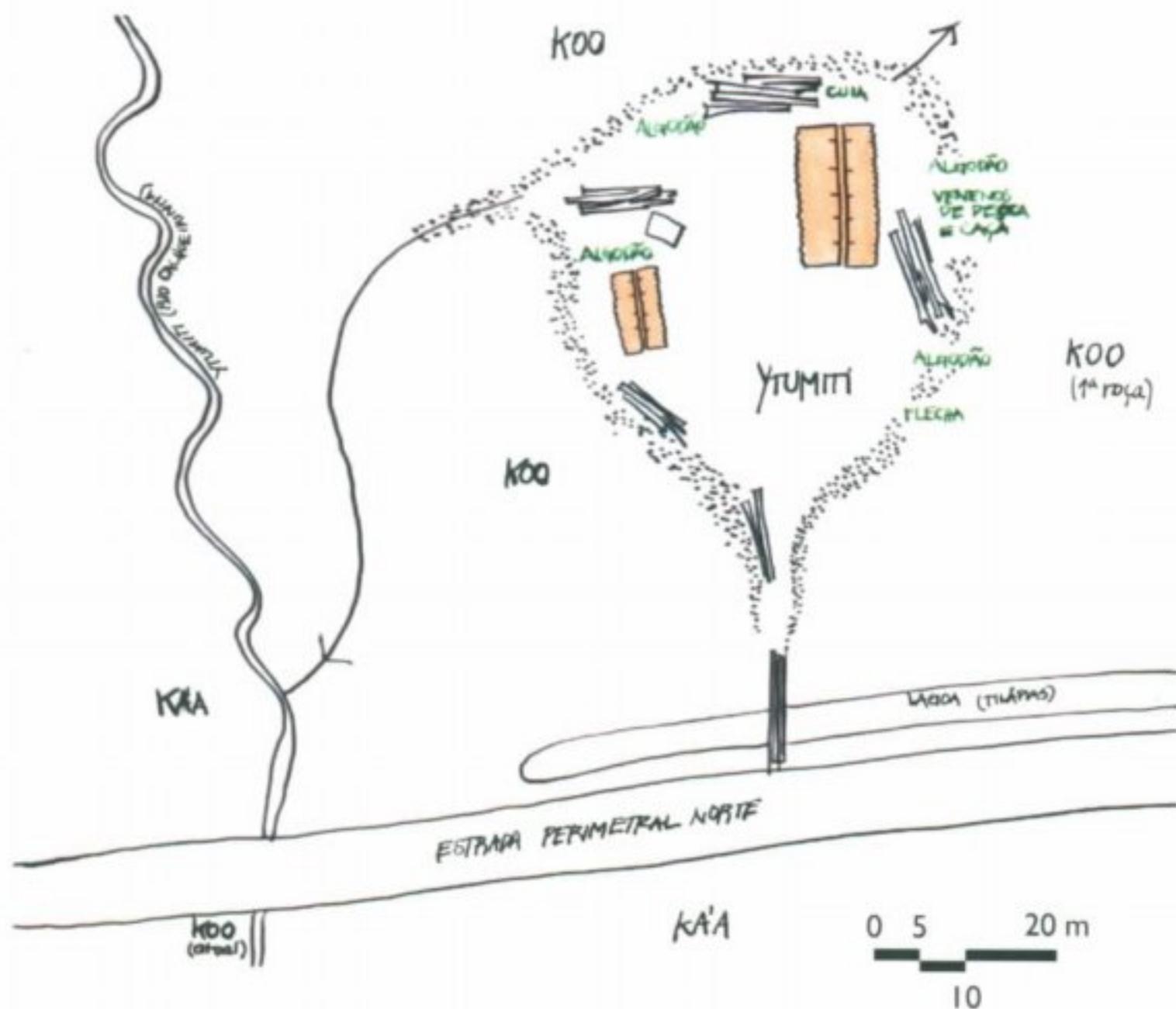
pasi'y
palmeira paxiúba
Iriartea exorrhiza

wasei
palmeira açaí
Euterpe oleracea



Detalhes de costura (*taitetu pyporâ*, rastro de *taitetu*), com cipó, do piso com a vigota *pasi'y rena* (na horizontal). Vistas de cima e de baixo.

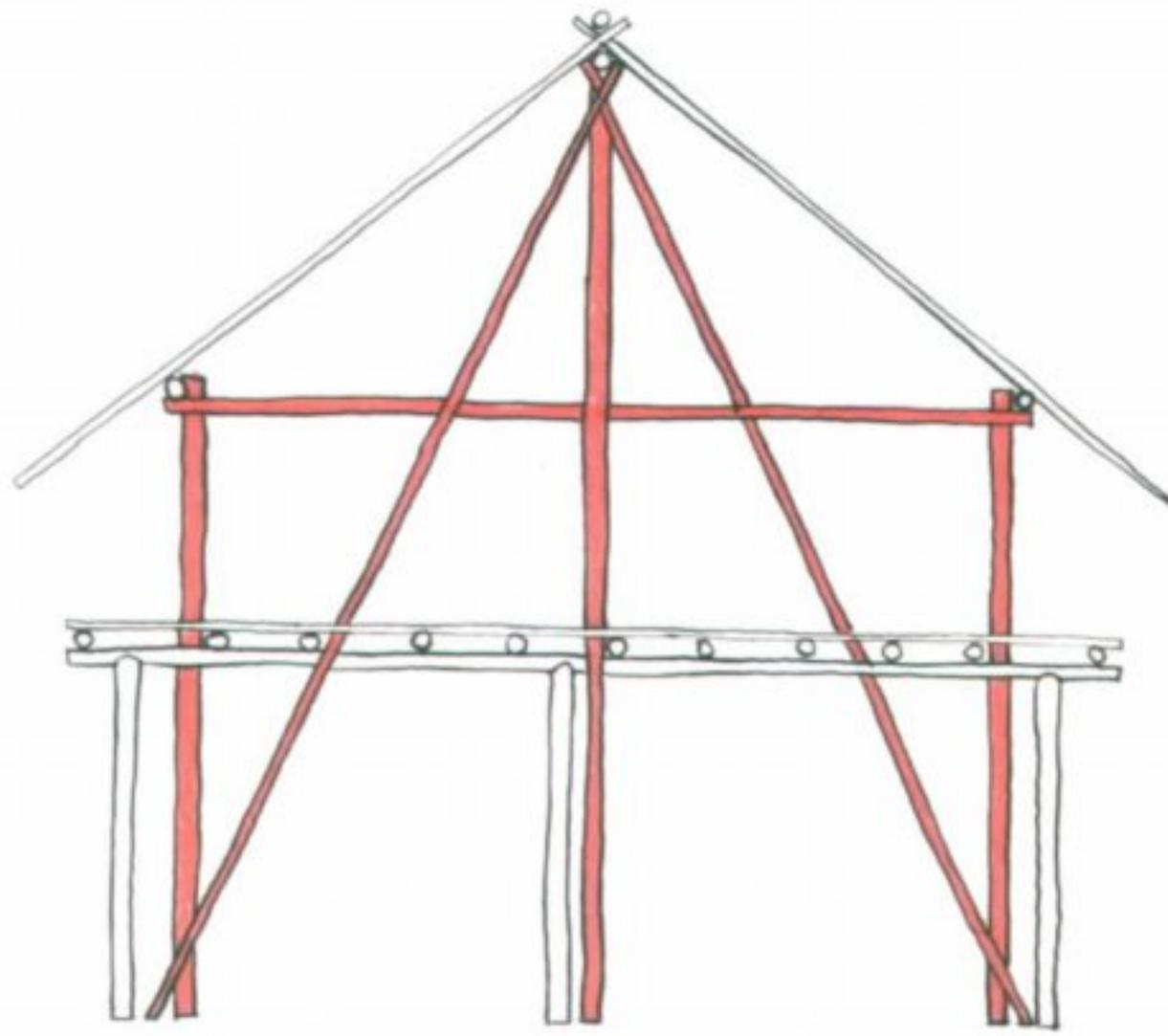
OKARY DE SARA - YTUMITI



Casa jura de Sara.

Ytumiti é um pátio-aldeia situado à beira da estrada, no meio de sua primeira roça. Em seu pátio, uma ampla casa *jura*, com muito espaço para a família de Sara: duas esposas, dois filhos homens, uma menina e uma nora. Do outro lado da estrada, de frente, a segunda roça. Ytumiti é um pequeno paraíso situado depois de uma pequena ponte instável de uns 7 m, feita de quatro paus de açaí que atravessam um riacho preto, formado pelo represamento de águas devido ao aterro da estrada. Pode-se observar a qualidade e a beleza deste assentamento, com sua variedade e abundância de

plantas no pátio, a limpeza (não é deixado nenhum lixo, nem mesmo espinhas de peixe) e, sobretudo, a beleza da casa *jura*. A grande casa *jura* de Sara comporta no térreo, um espaço para ralar mandioca, espremer o tipiti e preparar o *kasiri*, próximo à roça. Do outro lado do pátio, uma *okavu*, casa de cozinha, onde são cozinhadas carnes, peixes.



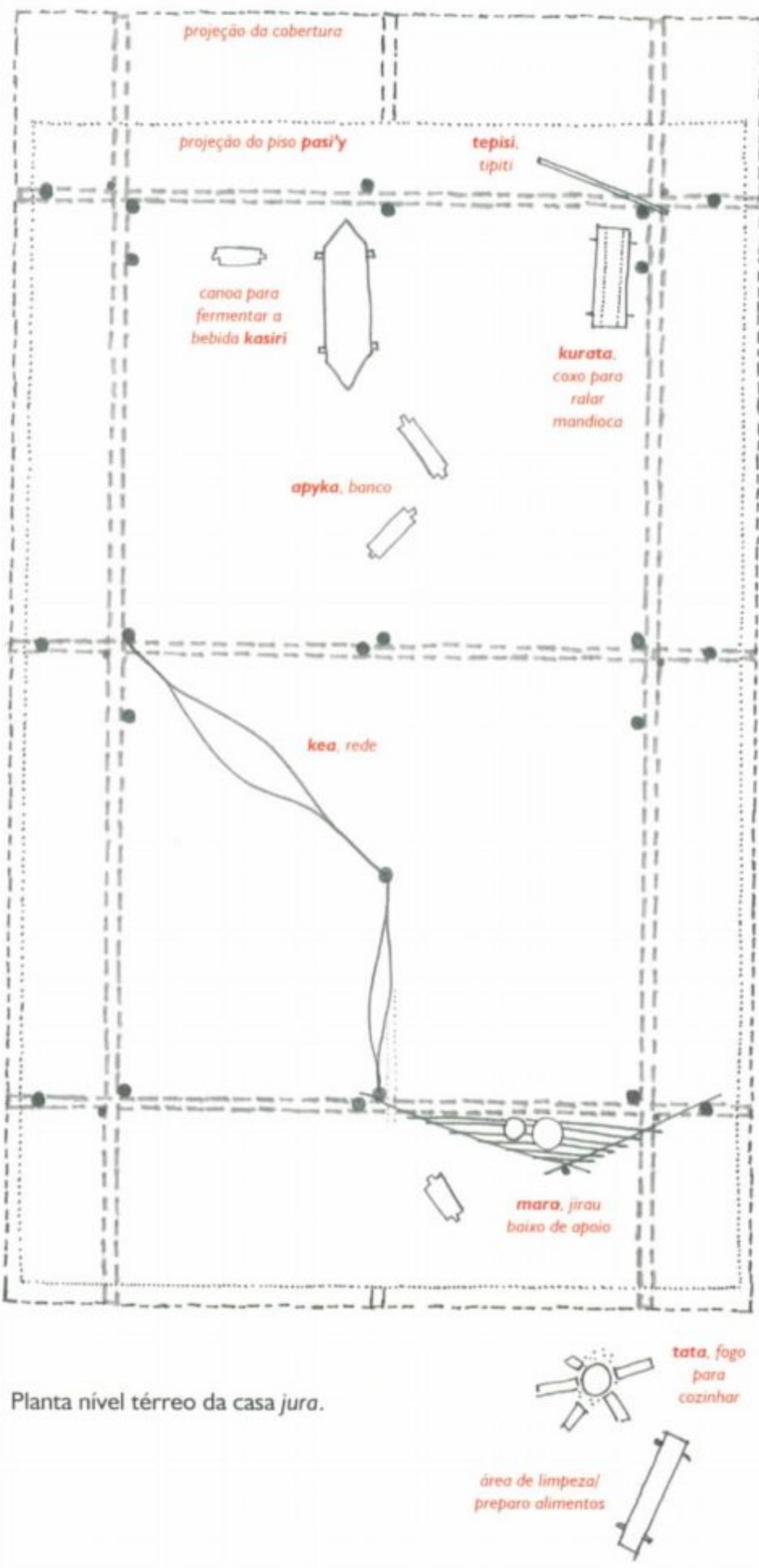
Vista frontal da casa *jura*.

Esta é a maior e mais espaçosa casa *jura* encontrada, sustentada por vigorosos pilares de acaricuara. O piso *pasi'y* é feito de troncos de açaí, mais grossos que os de palmeira paxiúba. A cobertura desta casa e da casa de cozinha é de ubim.

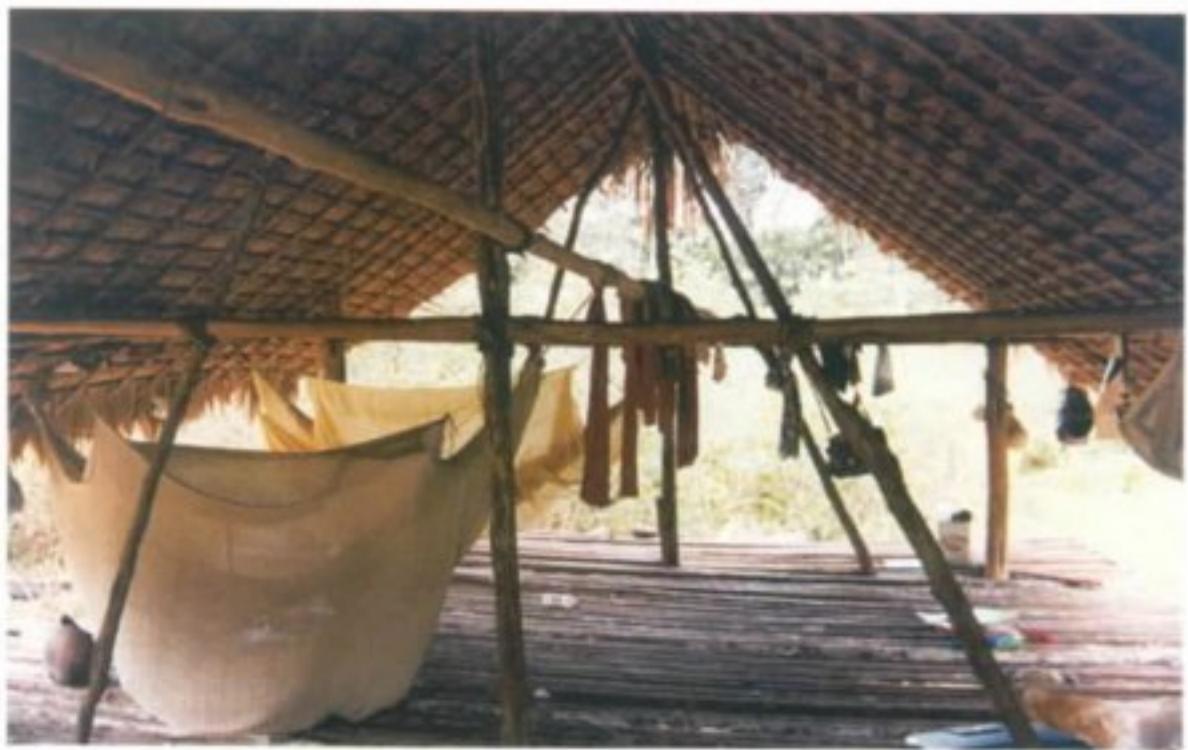
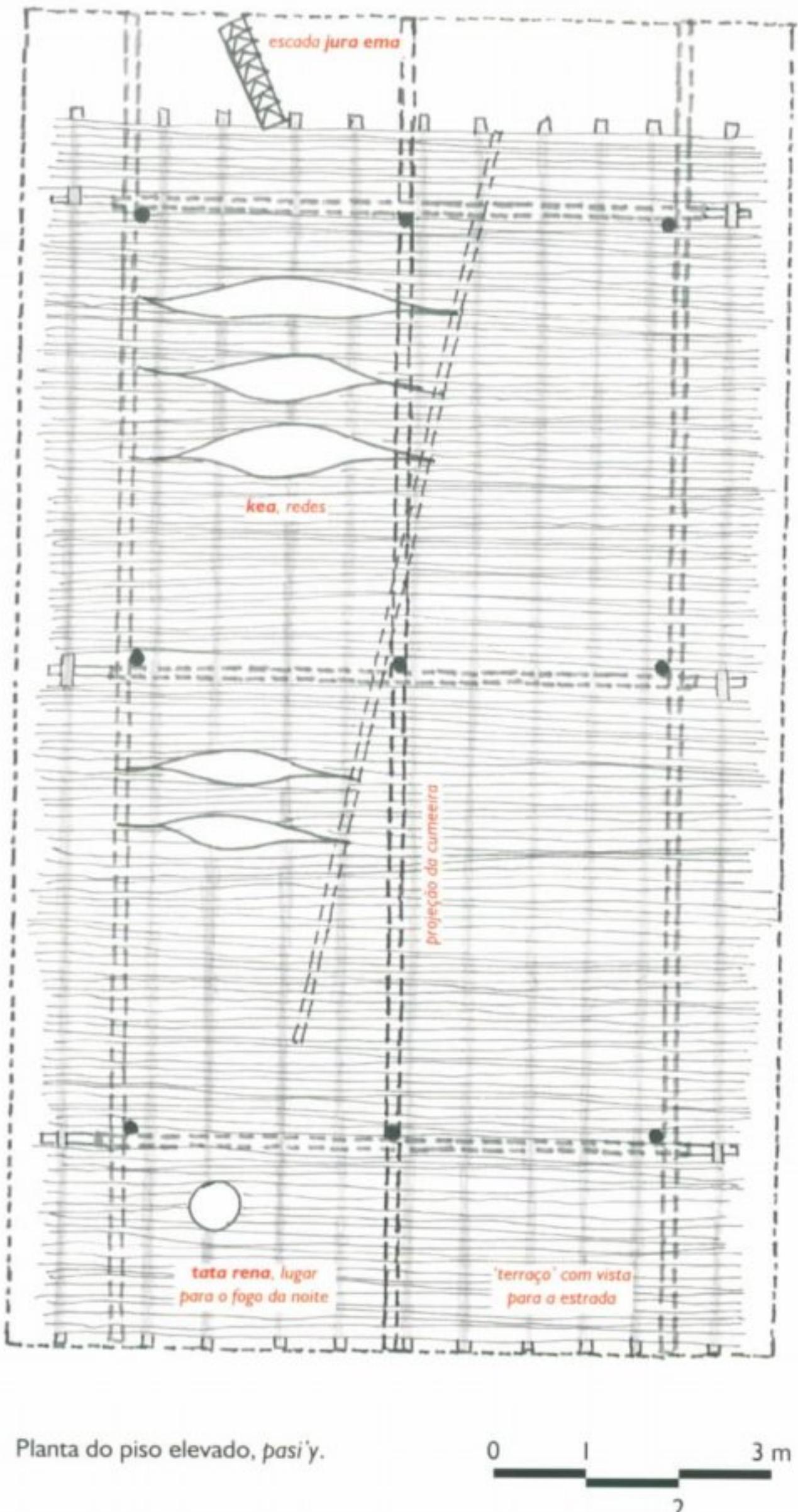


foto Catherine Gallois

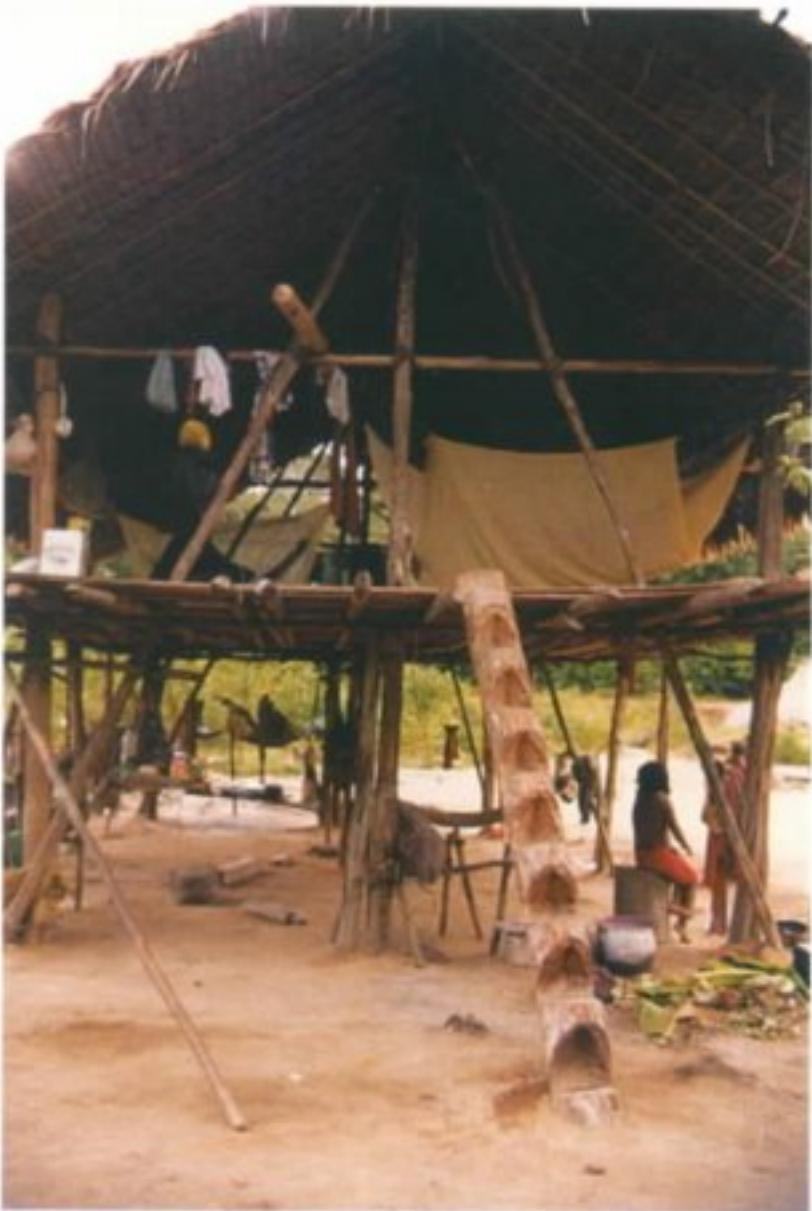
Vista de Ytumiti: *okavu*, em primeiro plano, e *jura*.



Planta nível térreo da casa *jura*.



O piso *pasi'y* é a área íntima da casa. Nesta casa, o espaço entre os frechais é tão grande que é preciso amarrar as redes na viga central. Na parte da frente da casa *jura* há um 'terraço' com vista para a estrada.



fotos Catherine Gallois

Vista de trás - escada *jura ema* (lado da roça).



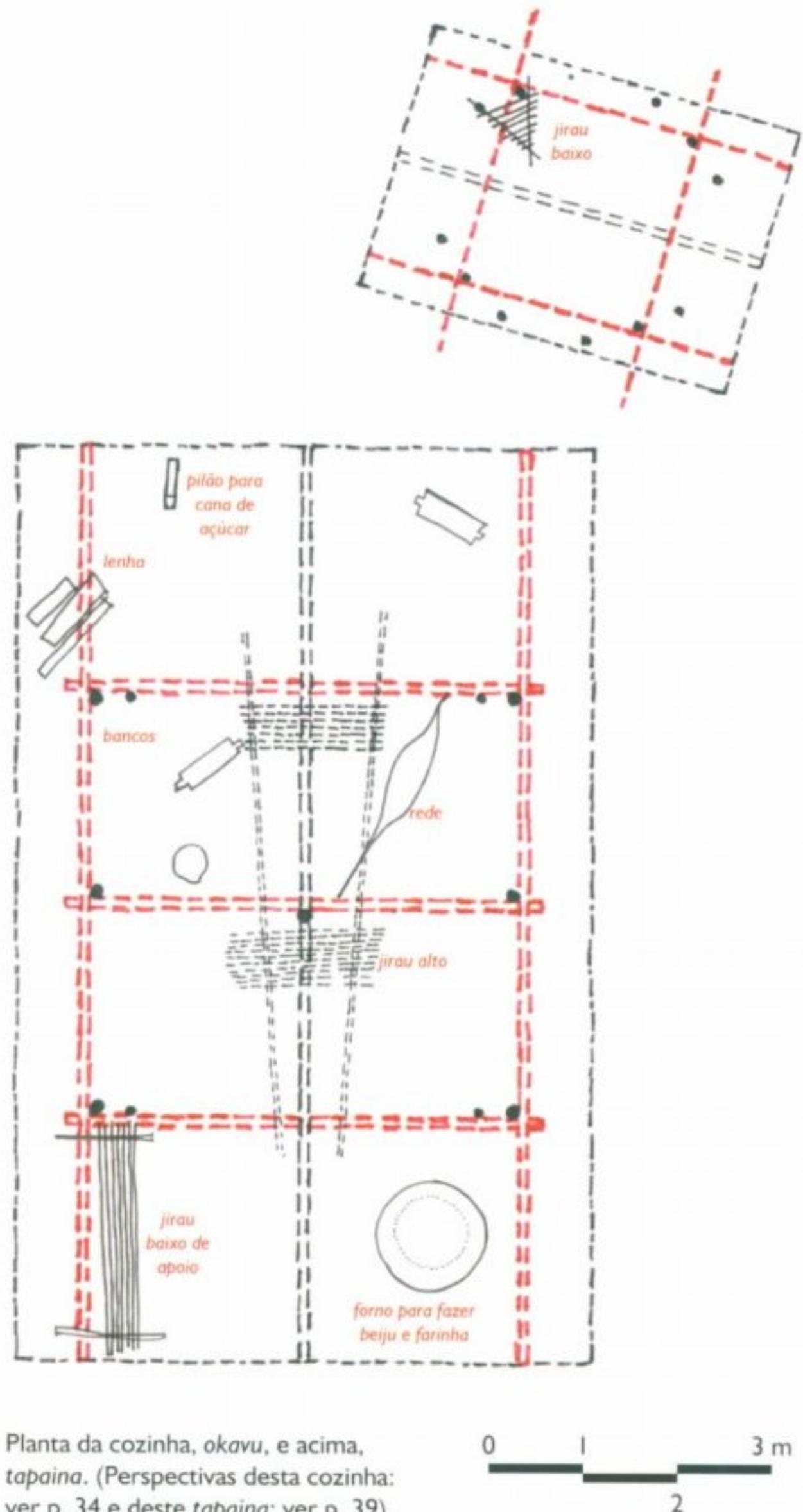
Tapaina.



fotos Catherine Gallois

Arakura fazendo farinha de mandioca.

A casa de cozinha abriga o forno de beiju, utensílios de caça (espingarda, pólvora), objetos pessoais da família e fusos para fiar algodão. É nela principalmente que se tomam as refeições, preparadas na cozinha da casa *jura*. Junto dela está um *tapaina*, um tapiri para guardar as tangas limpas, brinquedos, palhas para trançados.



Planta da cozinha, *okavu*, e acima, tapaina. (Perspectivas desta cozinha: ver p. 34 e deste *tapaina*: ver p. 39).

CASA JURA - TAITETUWA



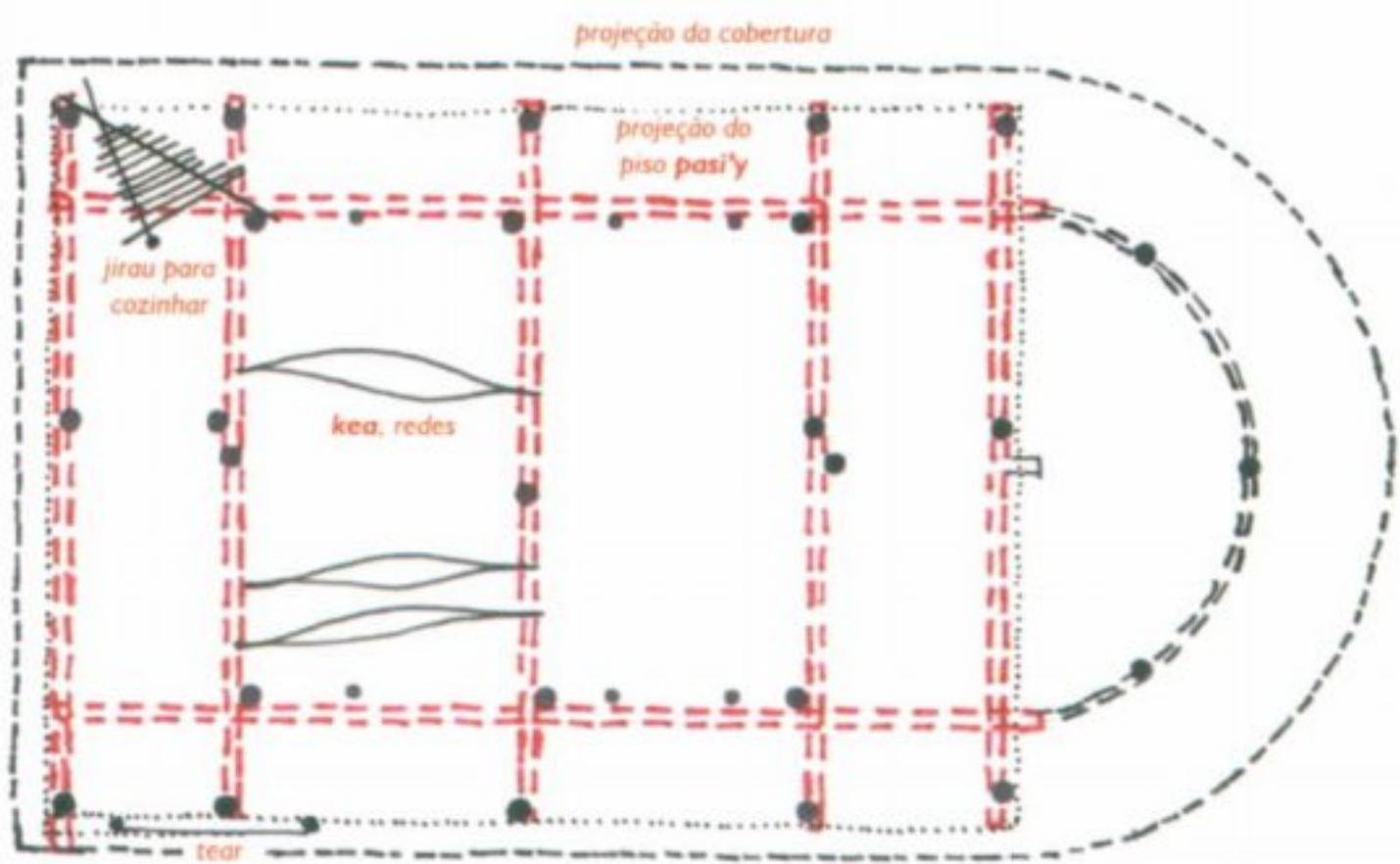
fotos Dominique T. Gallois

Escada jura ema e cesto rykyry.

Esta casa *jura* teria as proporções e características ideais da arquitetura wajápi, por suas dimensões, sua forma, pela existência do *javí revikwará* e pelos materiais empregados: piso de *pasi'y* (paxiúba), cobertura de *ovi* (ubim). Esta casa dispensa uma casa de cozinha junto dela, formando um todo completo.



Vista frontal da casa jura.

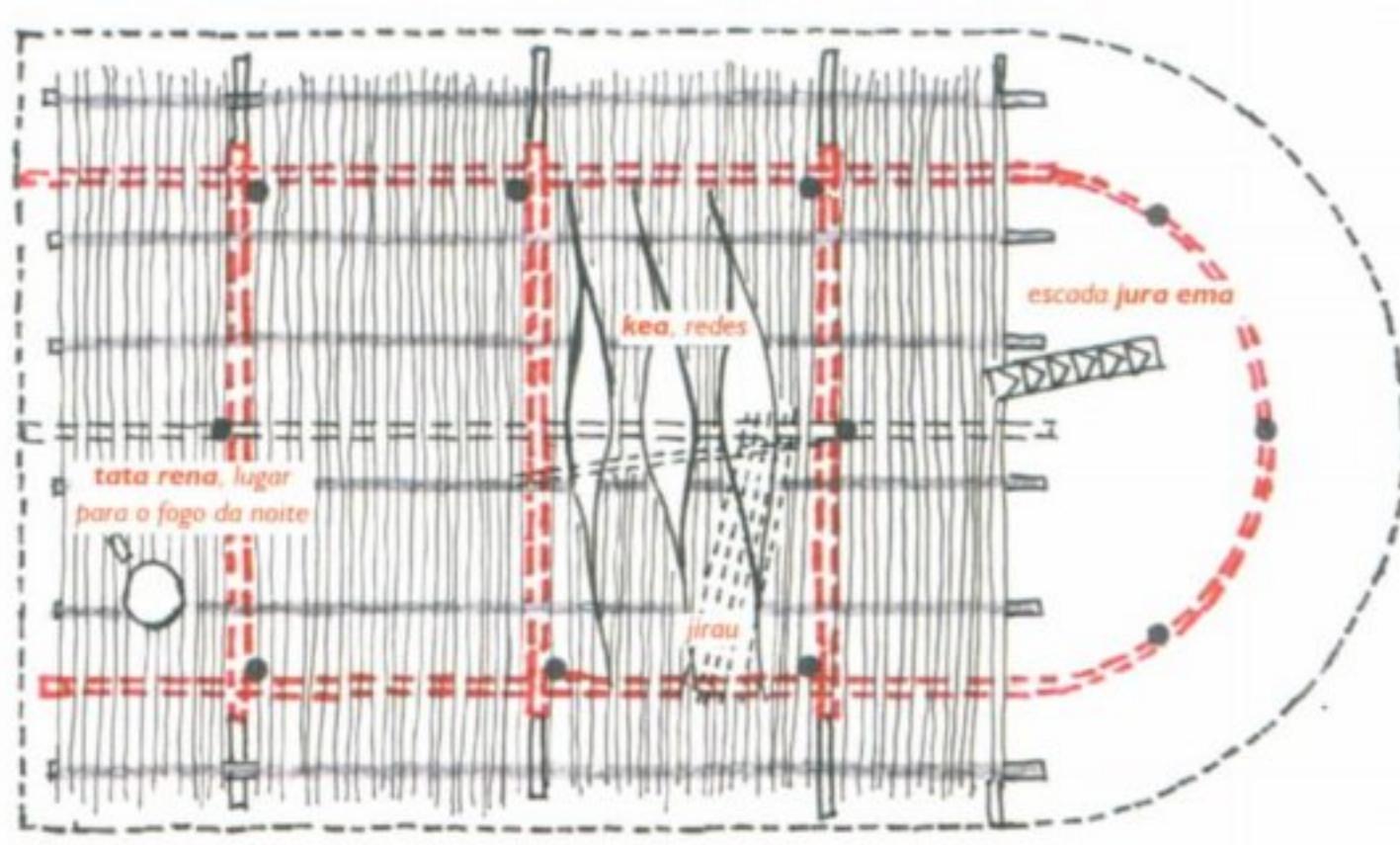


Planta do térreo.



Jiraus para 'cozinha acoplada'.

fotos Catherine Gallais



Planta do piso pasi'y.

0 1 2 3 m



Piso superior pasi'y: área íntima.

CASA YVY’O - ARAMIRÃ

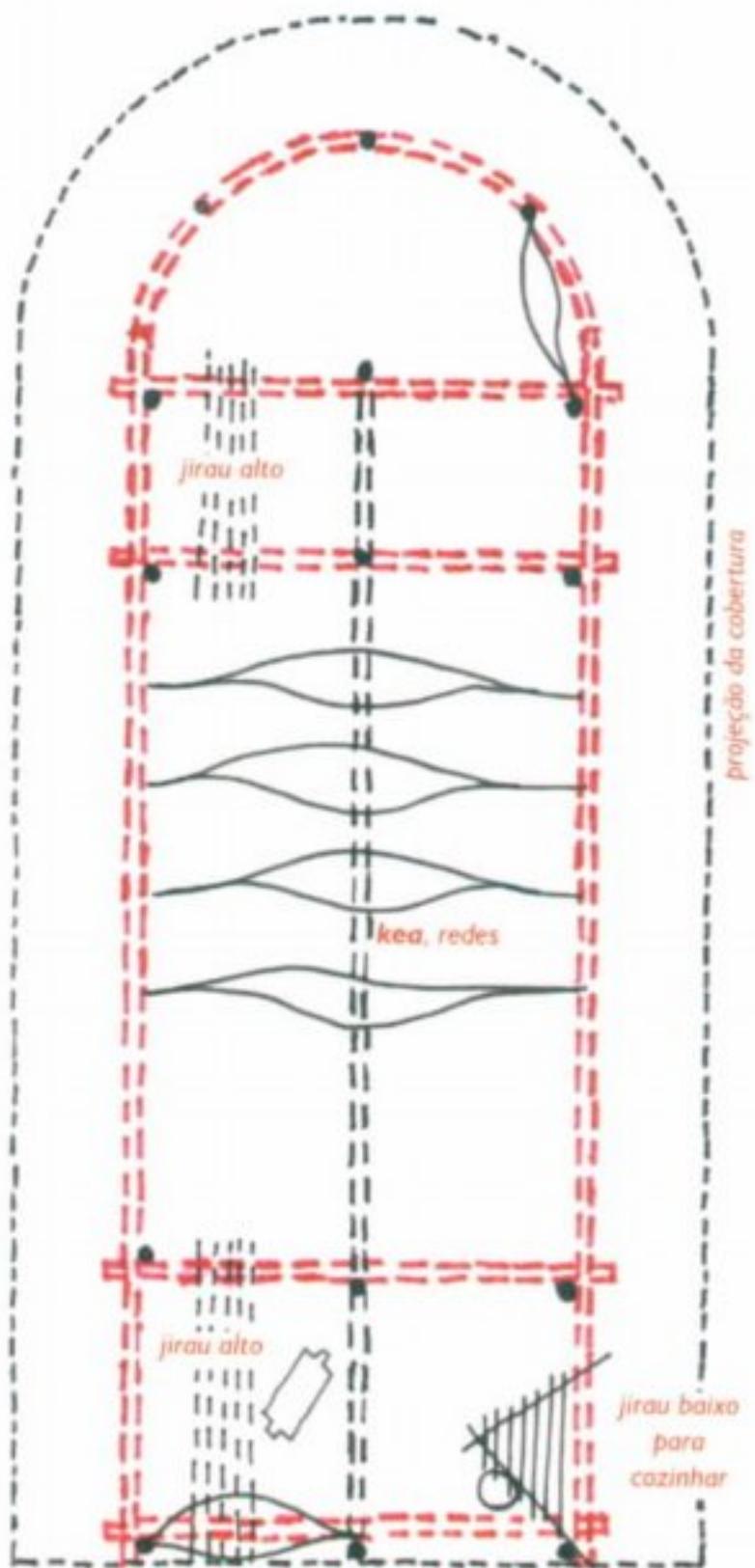


Vista frontal da entrada da casa de Anísio.



fotos Catherine Gallois

Vê-se que há uma clara compartimentação da casa. Na frente: área de jiraus com utensílios diversos, com cozinha interna funcionando num jirau mais baixo. Também há espaço para armazenar diversas matérias-primas para os trançados.

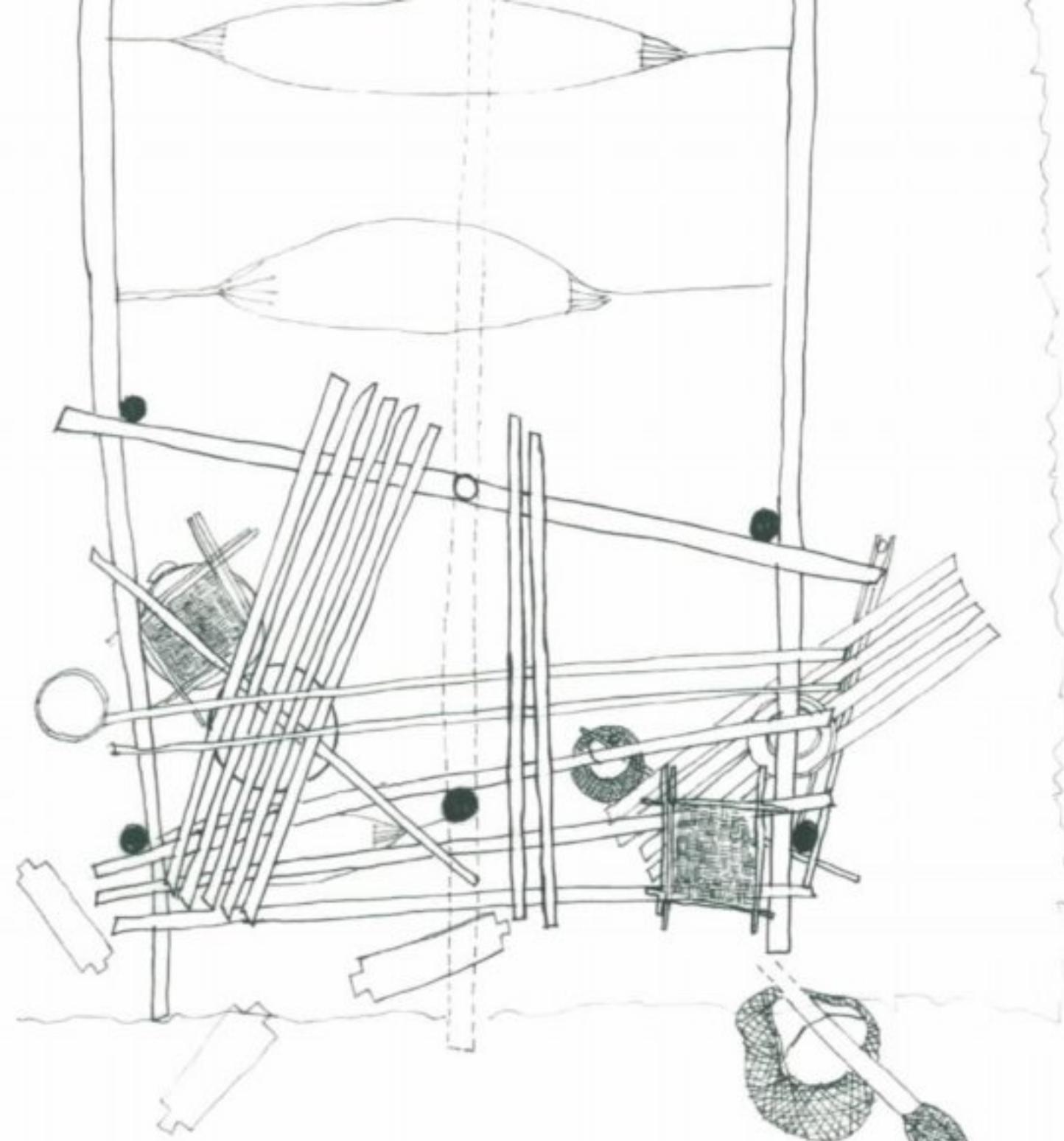


Planta.

Milho guardado em casa, em setembro, para plantio das sementes na próxima estação.

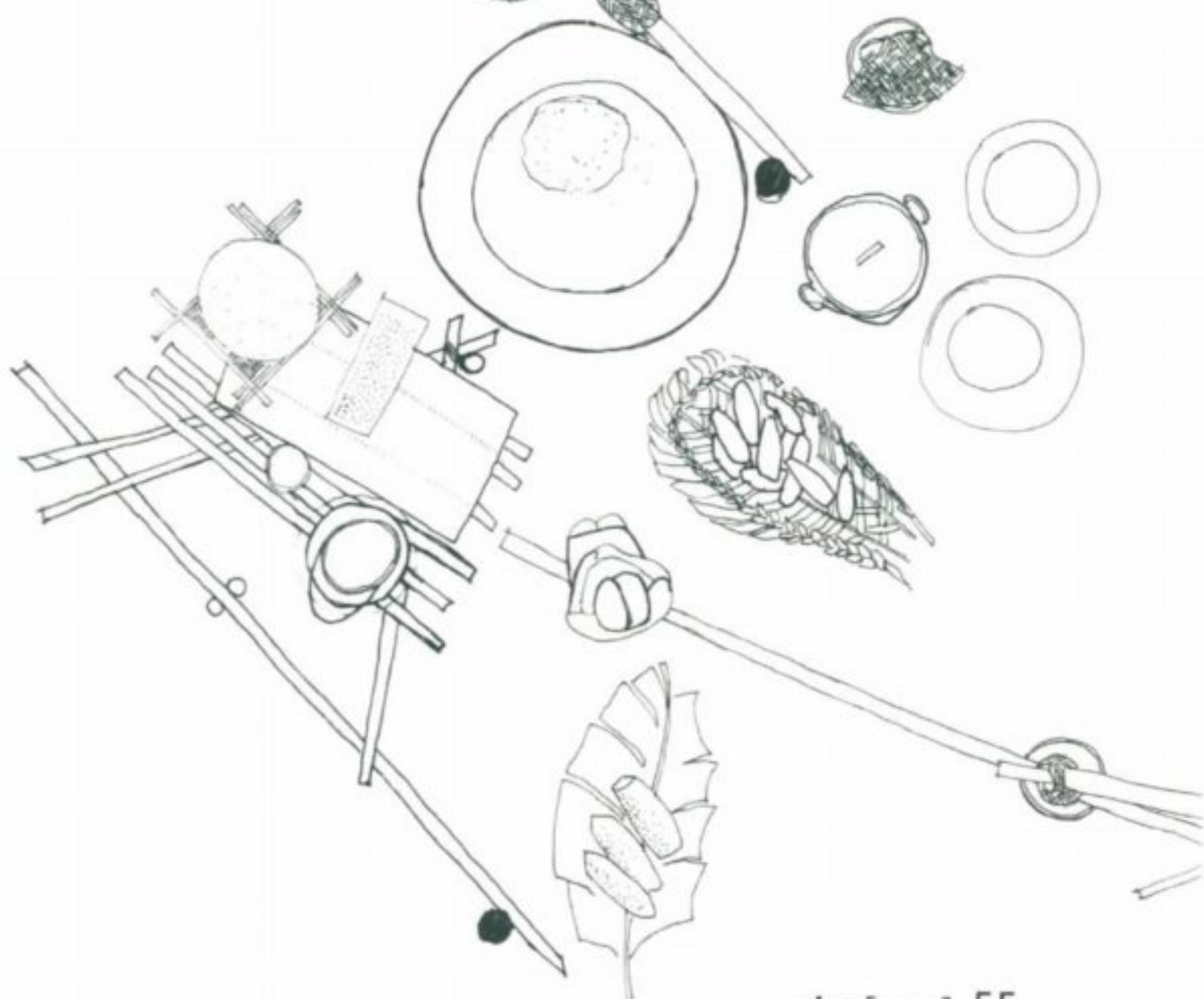


Cozinha interna.



fotos Catherine Gallois

Espaço comum às casas de Anísio e Kumare. Este espaço servia principalmente para processar a mandioca: ralar no coxo de casca de *kurata*, coar o veneno da mandioca no tipiti, cozinhar beijus e farinha no forno. Kumare e seu pai, Anísio, fizeram novas roças e abandonaram a aldeia Aramirã.



CASA JURA - PYRAKENOPĀ



Casa jura de Sisiwa, com cobertura de palha preta.



fotos Catherine Gallois



As escadas, uma de cada lado, o que não foi observado em outras casas *jura*, não precisam necessariamente ser de tronco talhado, como a *jura ema*. Há muitas crianças morando nessa casa, como na casa de Pikui (ver p. 9), portanto esta casa tem proteções laterais. Nas fotos, em destaque: *kweri*, brinquedo feito de cabaças, sacos plásticos, redes com mosquiteiros, mala *karyru*, cesto de tampa de encaixe retangular, onde o xamã Sisiwa guarda objetos miúdos e artifícios usados por ele.

OKARY DE SEKI - ARAMIRÃ



O pátio de Seki, com muitas pupunhas, na aldeia Aramirã.

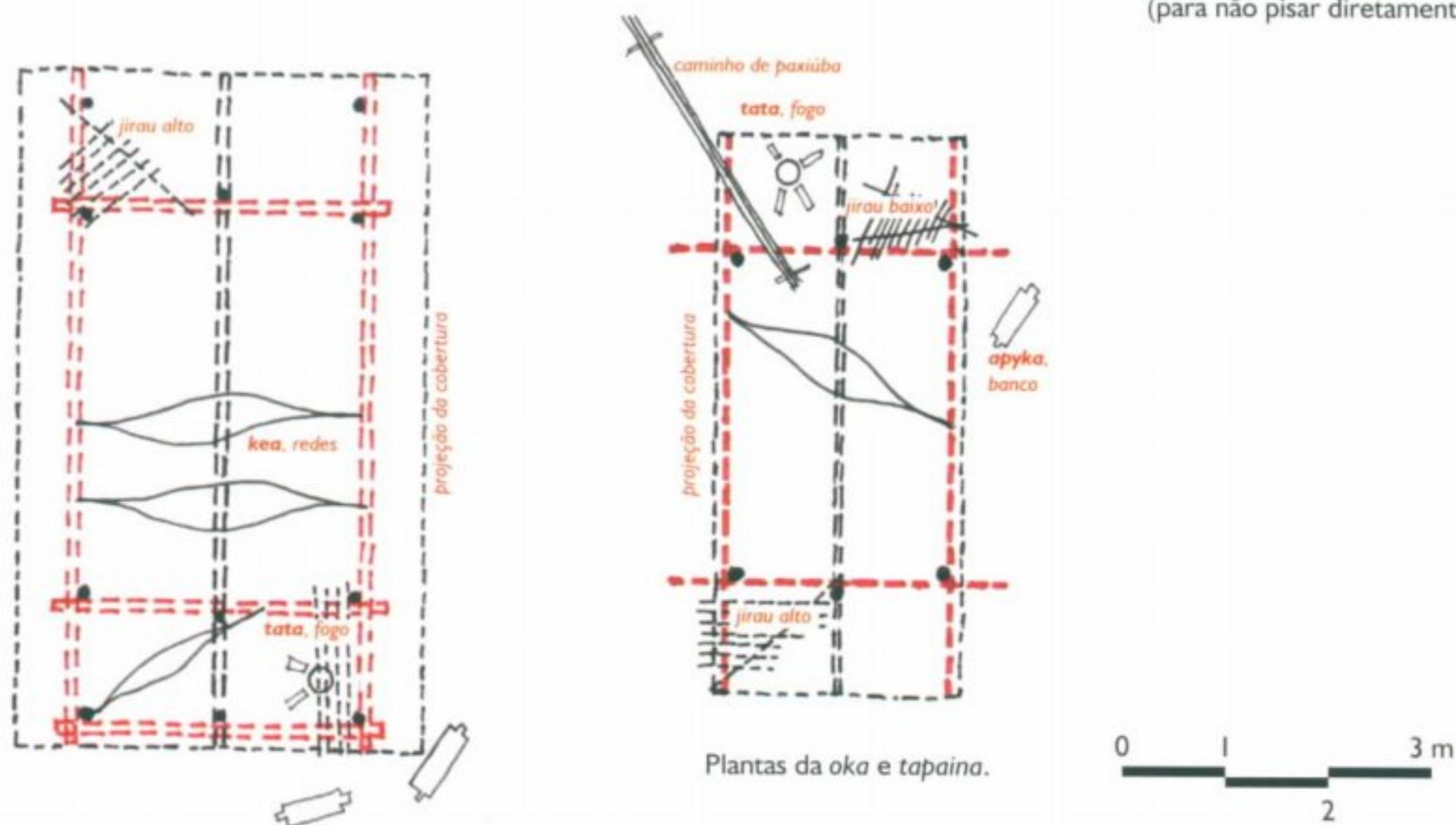


Armazenamento, no *tapaina*, de palha curuá para fazer malas *karyru*, caixas *warape'a*.



foto Catherine Gallais

Tapaina onde a moça em resguardo permanece durante suas primeiras menstruações, com caminho de paxiúba (para não pisar diretamente no chão).



OKARY DE TARAKU'Ã SI - MARIY



Pátio de Taraku'ã si, na aldeia Mariry.



Jura

A casa se encontra em um pátio isolado, com uma *okavu* onde a esposa de Taraku'á si prepara *kasiri* e assa deliciosos beijus, que acompanham necessariamente as refeições de carne. Podem ser deixados para secar ao sol, por cima da palha da *okavu*. Neste pátio



Vista interna da cobertura da casa *jura*.



Okavu

há também um pequeno *tapaina*. A casa *jura* tem, voltada para o pátio, uma proteção lateral, ou uma terceira áqua. Diferentemente do *javí revikwarã*, construído somente com ubim, esta estrutura é reta e independente por ser de palha preta.

TAPUI

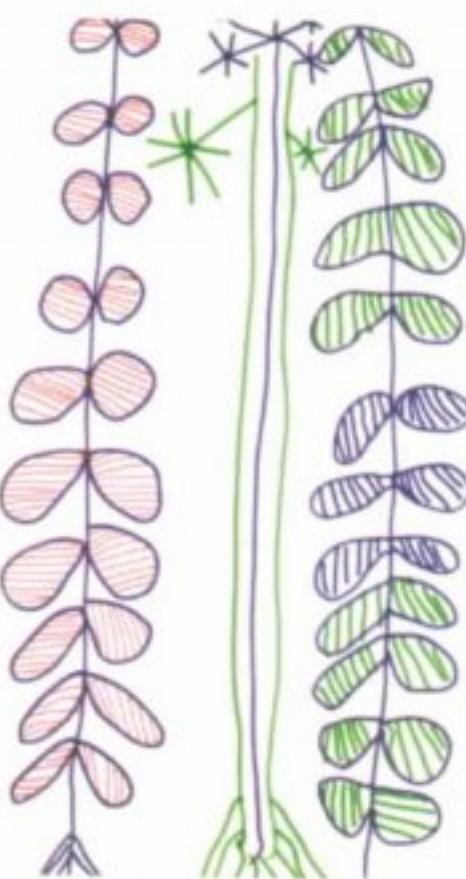
Que surpresa essa construção em curso, que alguns meses depois foi abandonada! Seria uma escola redonda, onde o professor Parara daria suas aulas. Mas o jovem professor faleceu abruptamente e a aldeia Pinoty teve que ser abandonada por um tempo. Esta casa-escola, como qualquer casa, era uma criação de seu dono, por isso, ninguém a terminará e a ocupará.

O esforço de fazer redondo era inovar e ao mesmo tempo retomar uma forma de construir dos 'antigos'. Parara tinha se inspirado na arquitetura dos índios Wayana e nas conversas que tinha com homens mais velhos sobre as casas dos antigos wajápi.

A cobertura deste tapui é de folhas de *myrsi* (buriti), que os Wajápi normalmente não usam em suas casas, pois o ubim e a palha preta são muito melhores.



Jowatô Wajápi /2000



Nazaré Wajápi /1983
Palmeira *myrsi* (buriti).

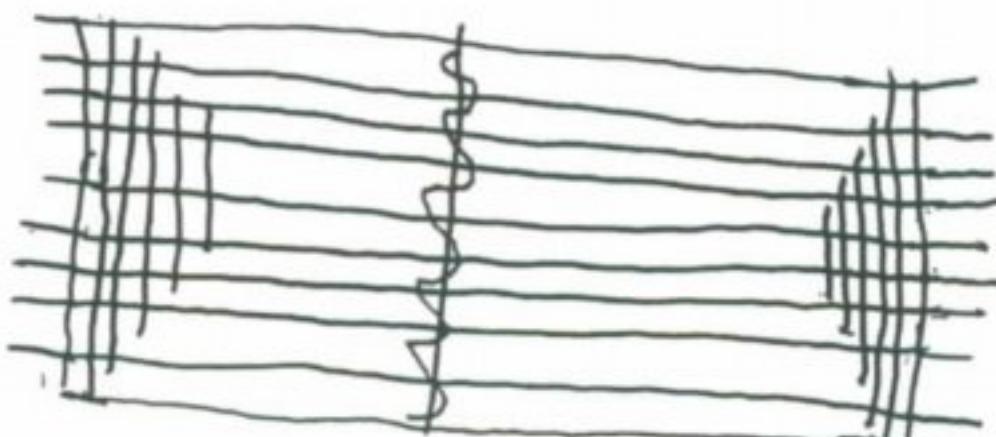


fotos Catherine Gallois

TUJUPA



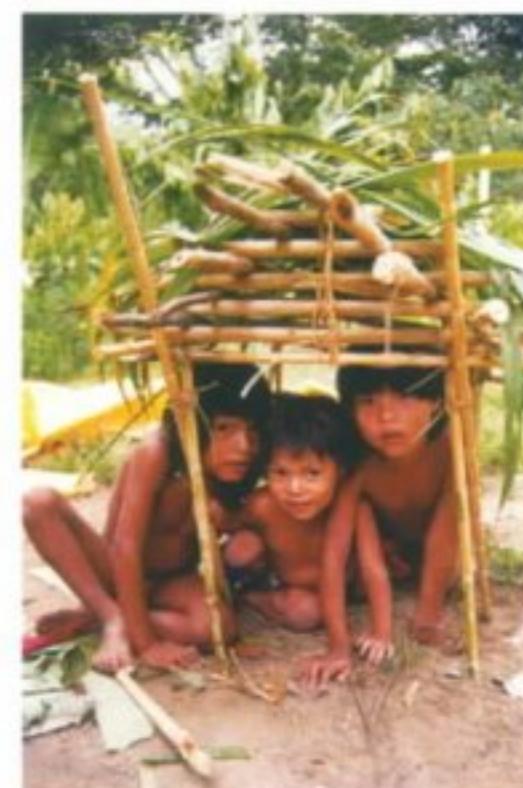
A casa *tujupa* é dita somente como casa dos antigos e não é mais construída hoje em dia pelos Wajápi, com exceção da recriação de uma casa *tapui*. Jowatō fez seu filho e genro construírem esta maquete de casa *tujupa* e desenhou sua estrutura (à esquerda). Este *tujupa miti* (*tujupa* pequeno) também serviu para a alegria das crianças. Segundo ele, as folhas de palmeira *naja* que os Waiápi antigos utilizavam para cobrir casas eram muito grandes, um pouco como na proporção das fotos abaixo.



Jowatō Wajápi /2000



Jowatō Wajápi /2000
Palmeira *naja* (inajá).



fotos Catherine Gallois



KOO KWER [CAPOEIRA]



Maira Wajópi /2000

Mata de capoeira com árvores frutíferas que atraem os animais.

Depois de 4 a 5 anos, quando a mandioca das roças se esgotou, quando as casas ficam velhas e a caça reduzida nas proximidades da aldeia, as famílias procuram outro lugar na floresta para abrir novas roças e fazer novas habitações. Ao longo de sua vida, um Wajápi pode morar em uma dezena de aldeias.



Mata de capoeira.

Os ambientes representados nos desenhos são formações vegetais que os Wajápi reconhecem como tais, em sua língua e vivência. A expressão 'ambiente natural' é obviamente inexistente no pensamento indígena, que tem outras formas de identificar a imensa diversidade de ambientes manejados, escolhidos, transformados e ocupados pelos próprios wajápi.

“Quando acaba a mandioca de uma roça, crescem embaubeiras e a capoeira vai virando floresta de novo. Por isso, nós não derrubamos no mesmo lugar. Nós derrubamos somente um pedaço de mata em outra parte da floresta. No outro verão derrubamos mata pura, que não é capoeira. Agora, os não-índios da Perimentral derrubam de modo diferente. Eles derrubam as roças, queimam e plantam e, quando acabam as plantações, fazem a roça de novo na mesma capoeira. Ali, depois, no futuro, a mata não cresce mais. Só cresce capim”.

Makarato Wajápi - Curso /1999.



Aikyry Wajápi / 1999

Mata de capoeira .

RECREANDO A FLORESTA



Japu Wajápi /2000

Árvores que frutificam no inverno.



Taraku 'a si Wajápi /1998

Y'apo



Tapenaiky Wajápi /1998

Ka'a pe

As famílias wajápi ocupam seu território circulando entre sucessivas roças e aldeias, dando tempo e deixando espaço para a vegetação e os animais se recomponrem. Viver em lugares novos e se deslocar constantemente entre os locais de ocupação mais antiga garante fartura e possibilita que a floresta se recrie.



Japu Wajápi /2000

Árvore tawari, frutas e peixes.

SEDENTARIZAÇÃO E MOBILIDADE

O questionamento sobre a ausência ou a escassez de recursos vegetais e faunísticos no entorno imediato das aldeias, ou seja, a discussão de problemas que resultam da sedentarização, depreendeu-se do próprio tema da segunda Oficina de Desenho (Programa Educação / CTI, 2000), quando foram produzidas as ilustrações deste livro. Durante as atividades das Oficinas, o que motivou a discussão sobre a sedentarização foram os próprios desenhos. Seus participantes ilustraram o que tinha ou o que não tinha por aqui ou ali. Os comentários comparavam as aldeias velhas, ou 'centrais', às aldeias mais distantes: "Aqui no Ytuwasu não tem essa árvore, nem temos essa planta. Essa árvore só nasce no Pypyiny. Lá é que tem isso, aquilo. Aqui não tem".

A instalação de postos de assistência (enfermarias, escolas, etc.) tem atraído a presença de muitas famílias e envolvido cada vez mais a participação de jovens wajápi que estão se formando como professores e agentes de saúde.

Ao mesmo tempo, a presença de chefes de aldeia, de idosos que recebem aposentadoria, é cada vez mais requisitada nas aldeias Aramirã, Ytuwasu, Mariry, Taitetuwa e Manilha. Todo esse movimento em torno dos postos e das agências de assistência favorece a sedentarização e compromete a auto-sustentação. É para manter a qualidade de vida, proporcionada pela ocupação dispersa, que as famílias wajápi vivem hoje em aproximadamente 40 assentamentos, sendo dez deles assentamentos de ocupação intermitente. As famílias que vivem nas aldeias 'centrais' deslocam-se freqüentemente para as aldeias secundárias, onde se caça, se pesca e onde as roças são fartas e se come bem, de acordo com os padrões de qualidade de vida dos Wajápi. Os assentamentos têm então condições bastante diferentes, tais como a distância até as roças, maiores ou menores, a disponibilidade dos recursos naturais para construção das habitações e produção dos utensílios, caça, coleta, etc. Nas aldeias 'centrais', onde foram construídos os postos de assistência, os recursos já estão em fase de esgotamento. Porém, essas aldeias não foram abandonadas, considerando-se a necessidade de acesso às escolas e enfermarias.



Casa velha de Waiwai, na aldeia Mariry com telhas de amianto na frente da casa e na área de cozinha (a cobertura de ubim já tinha se degradado). Naquele momento, Waiwai já estava começando a construir uma nova casa, no mesmo pátio, no estilo wajápi.



Casa neo-brasileira de Pi'i e Kurapia, na aldeia Pinoty. A construção de uma casa neste padrão foi motivada pelo desejo de trancar as coisas compradas com o salário de Kurapia, evitando assim 'ciúmes', pedidos ou furtos. Para eles, esta casa não é para se morar. O lugar para morar é o novo pátio e roça que estão fazendo nos arredores de Aramirã. No pátio das famílias que moram em Kwapo'y wyry, também há dois tipos de casas: casas para morar, no estilo wajápi, e casas fechadas para guardar objetos comprados, como esta.



Casa neo-brasileira na aldeia CTA, construída com alicerce de concreto e telhas de madeira, com apoio de verbas da Administração regional da FUNAI. Funcionários de órgãos assistenciais têm incentivado a construção desse tipo de moradia, alegando poder ajudar na construção de "casas higiênicas", como propôs a Prefeitura de Pedra Branca aos moradores da aldeia Manilha. Esse tipo de casa, se for disseminado, será certamente mais um importante fator de sedentarização e perda de qualidade de vida, como acúmulo de lixo, poluição dos rios, esgotamento de recursos naturais e empobrecimento dos solos para roças.

fotos Catherine Gallois

“Sempre penso em morar como antigamente.

Se ficarmos parados muito tempo no mesmo lugar só pensando em criar peixe, aí, quando esse peixe acabar, vamos acabar também. Já tem peixes nos rios! Temos que cuidar dos rios para karaikō (não-índios) não sujar. Quero morar onde tem muito peixe no rio. Eu penso muito sobre isso. Por isso, fico doente e a minha cabeça dói. É que estou muito preocupado com o futuro de minha terra. Quero levantar a cabeça dos meus parentes para cuidar da nossa terra, porque estou preocupado com a floresta. Eu quero que continue a ter tudo o que a gente precisa para viver. Como antigamente, com a água limpa, que não faz mal quando a gente bebe.

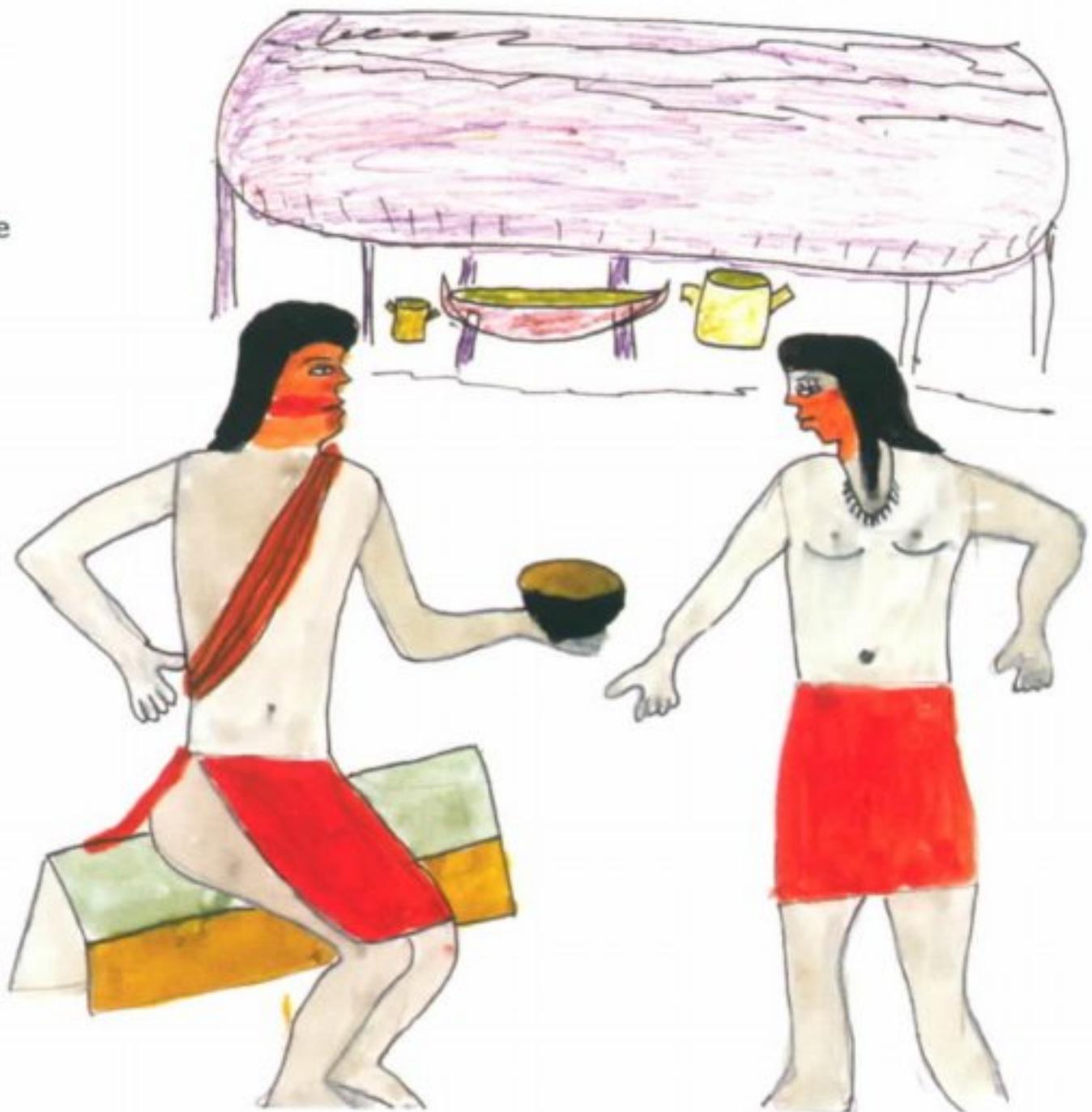
Porque, agora, a gente fica só parado em aldeias velhas? Antigamente não era assim! A gente morava um tempo num lugar e mudava logo para deixar crescer a caça, os animais. Para a floresta crescer rápido de novo. Agora estamos derrubando os açaizais e as bacabas para cobrir nossas casas. Antigamente não era assim! Se acabava a palha para cobrir nossas casas, mudávamos para outro lugar onde tem muita palha. Se derrubamos tudo o tempo todo, aí a floresta não cresce bem. A terra vai ficar fraca. Porque a floresta também quer viver, criar filhos também. Quer viver como a gente.

Antigamente, quando morria alguém, a gente se mudava logo e deixava a aldeia do morto virar cemitério. Agora, no Mariry e Aramirā, está cheio de cemitério. Isto não é da cultura dos Wajápi. Nosso avô ia no mato e ensinava tudo para nós: como se caçava, usava as plantas, os remédios. Agora nós não ensinamos os remédios para os nossos filhos. Agora Wajápi está só acostumado com remédio de karaikō. Um dia, um médico me ensinou que remédio de karaikō não é bom, faz mal para a gente. Médico só dá remédio para ajudar. O que faz a gente não pegar gripe é comer bem. Se nos alimentamos bem, com muita fruta, muita caça, tomamos muito caldo, aí a gente fica forte e não fica doente. Eu gosto de falar no rádio com o pessoal para saber como está indo tudo. Nas aldeias distantes sempre está tudo bem, com muita comida, muita saúde. Nas aldeias velhas e centrais sempre falta comida e o pessoal só fala em doença.

Karaikō não vai cuidar da nossa terra. Quem tem que cuidar da nossa terra somos nós mesmos. Eu sempre falo isso para os chefes. Alguns me escutam, outros não. Por isso é que eu quero ir logo até o garimpo que invadiu o alto Inipuku para resolver esse problema de poluição do rio. Peixe também quer tomar água limpa. Não é só peixe, todos os animais bebem essa água. A gente então vai ficar doente quando comer sua carne.

Por isso eu estou o tempo todo falando com todo mundo. Eu não penso só em pedir dinheiro. Alguns Wajápi estão fazendo como antigamente. Vão com suas famílias para aldeias novas para plantar, caçar e comer bem. Estão ensinando tudo aos filhos deles. Assim eu estou gostando. Assim eu vou ficar feliz. Mas tem Wajápi que só está pensando em pedir dinheiro. Só estão querendo conseguir salário. Tem gente que só quer criar peixe e galinha. Eles estão querendo que a energia chegue na estrada para poder só assistir televisão. Só estão pensando em viver como karaikó. O pensamento deles está fora da cabeça. Eu só quero painel solar para o rádio, soro de cobra e poder assistir meus filmes e dos meus parentes".

Kasiripiná Wajápi, documentarista da aldeia Mariyá e autor do vídeo "Nossas festas". Hoje é chefe da nova aldeia Okakai, no extremo norte da terra indígena.



Puku Wajópi /2000
Mulher oferecendo kasiri.

COMO FOI FEITO ESTE TRABALHO

A pesquisa que resultou neste livro iniciou-se com experiências de convívio e trabalho com os Wajápi, motivada por vários anos de contato indireto - e por vezes direto - com o mundo wajápi e pela vontade de aliar um outro campo de estudo ao da arquitetura e urbanismo: a antropologia. Estudar as habitações wajápi não seria um trabalho viável sem um entendimento básico daquela sociedade, o que foi possível graças ao contato com o vasto trabalho coletado e produzido sobre este grupo pela antropóloga Dominique Tilkin Gallois.

Os contatos mais recentes e diretos com os Wajápi se deram quando coordenei duas Oficinas de Desenho, no contexto das atividades do Projeto de Educação Wajápi do Centro

de Trabalho Indigenista¹. Essas Oficinas foram realizadas em cinco aldeias diferentes, com pessoas de várias faixas etárias. Aconteciam nos pátios das aldeias e não no espaço da escola, o que possibilitou a participação de todos os interessados e não apenas das crianças que freqüentavam as aulas na escola.

A primeira Oficina de Desenho, realizada em fevereiro de 2000, teve como tema o grafismo tradicional dos Wajápi. Os participantes elaboraram e discutiram o repertório de padrões gráficos *kusiwa* e suas significações simbólicas. Dessa experiência, decorreu a exposição “*Kusiwa - desenhos dos Wajápi do Amapá*” e o livro “*Kusiwa: pintura corporal e arte gráfica wajápi*” (Conselho das Aldeias, Museu do Índio - Funai, 2002).

Já a segunda Oficina, realizada em setembro de 2000, propôs uma temática que articulava três

aspectos do modo de vida dos Wajápi: seus assentamentos, a diversidade de ambientes conhecidos e os perfis de suas roças². A oficina tinha como objetivo produzir narrativas e desenhos sobre as relações sócio-ambientais vivenciadas pelos Wajápi em seu cotidiano, complementando o material produzido pelos professores indígenas nos módulos de ciências naturais do Curso de Formação em Magistério.

A temática desta segunda Oficina colocou-se em um momento em que estava sendo oportuno discutir com os Wajápi todo um conjunto de problemas resultantes do processo de sedentarização, que vem transformando a organização espacial das aldeias e sobretudo as formas de manejo tradicional dos recursos naturais de sua terra. O objetivo principal não foi de obter estritamente uma produção de artes gráficas, mas de obter traduções³, em termos gráficos, da relação ecológica e cultural vivenciada pelos

Wajápi com as formas de habitar, no sentido mais amplo: escolher, ocupar e habitar os espaços da floresta, roças e aldeias. A exposição “Roças, pátios e aldeias - desenhos wajápi” (2001) teve como objetivo apresentar, por meio de textos elaborados nos cursos de formação de professores e de desenhos produzidos nas oficinas, o seu ponto de vista sobre as maneiras de manejar seus assentamentos. Os desenhos selecionados para a exposição eram de crianças, jovens e adultos que se interessaram em ilustrar as atividades familiares nas aldeias, os jardins e os pátios, as espécies cultivadas nas roças e os ambientes diferenciados da floresta, de onde provêm todos os recursos para construção de casas e utensílios.

Neste livro⁴, partiu-se do mesmo pressuposto adotado na Oficina de Desenho: o habitar não se restringe à casa, mas amplia-se para o pátio, para a roça, para a floresta, para o território.

Para iniciar e fundamentar este trabalho, contribuíram leituras que relacionam arquitetura e sociedades indígenas, sendo o livro “Habitações Indígenas” (Novaes, 1983) a referência principal para entrever a diversidade das habitações e apropriações culturais do espaço nas sociedades indígenas no Brasil. Outra referência importante foi “Pour une anthropologie de la maison” (Rapoport, 1972), que apresenta a diversidade mundial das formas de habitar e demonstra como as escolhas de formas construtivas e espaciais das habitações são antes escolhas culturais do que propriamente escolhas físicas ou climáticas. Os fatores físicos (clima, matérias-primas para a construção, etc.) devem então ser considerados fatores modificantes - e não determinantes, das adaptações ao meio e das formas finais que assumem as habitações de um determinado povo. Assim, povos diferentes vivendo em regiões com condições materiais similares, pensam, constróem e dispõem suas

habitações no espaço de maneiras muito diversificadas. Para estudar as habitações dos Wajápi, partiu-se então do fato de que os aspectos das relações sociais (estrutura dos grupos locais, práticas matrimoniais, etc.) não poderiam ser separados de suas formas de adaptação ao meio (agricultura itinerante, roças e seus manejos, caça, coleta).

Hoje, mudanças significativas estão ocorrendo no ritmo de vida e nas formas de manejo dos Wajápi. A intervenção de agências e de políticas de assistência cada vez mais diversificadas, tem resultado num processo de sedentarização⁵, cujos impactos deveriam ser avaliados levando-se em conta as transformações em curso na qualidade de vida e na sustentabilidade antes propiciada pelos modos tradicionais de habitação. Esperamos que este livro possa contribuir para esta reflexão.

¹ O Centro de Trabalho Indigenista realiza, dentre seus diversos projetos junto aos Wajápi, a formação e capacitação de professores indígenas. O apoio é dado pela ONG Norwegian Rainforest Foundation e a avaliação e apoio para algumas atividades são feitos em parceria com o Núcleo de Educação Indígena (NEI/ AP) e com a Coordenadoria de Educação Indígena/ Secretaria de Educação/ MEC.

² Estes tópicos foram definidos por prioridades de estudo e análise desenvolvidas pelo Programa Ambiental do CTI, assessorado pelo biólogo Dafran Gomes Macario.

³ Tradução como conceito de tradução cultural, ou seja: representações da cultura wajápi inteligíveis para nós, brancos, neste caso, os desenhos e suas explicações.

⁴ Este livro está baseado em meu trabalho final de graduação, feito sob a orientação da Profa Dra Vera Pallamin, apresentado em julho de 2001, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ USP, com o título: "Waiápi rena - Habitação dos Waiápi do Amapá".

⁵ Para saber mais sobre a organização territorial dos Wajápi do Amapá e os aspectos da sedentarização, ver: GALLOIS, Catherine J. S. Sentidos e formas do habitar indígena: entre mobilidade e sedentarização. Estudo de caso entre os Wajápi do Amapá. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. (nota da 2a edição)



BIBLIOGRAFIA

APINA (Conselho das Aldeias Waiápi) / CTI (Centro de Trabalho Indigenista) - **Livro do Artesanato Waiápi**. Brasília: MEC, 2000.

BOURDIEU, Pierre - **A casa Kabyle ou o mundo às avessas** in Revista Cadernos de Campo N.8. São Paulo: FFLCH USP, 1999.

CTI (Centro de Trabalho Indigenista) - **Terra indígena Waiápi: alternativas para o desenvolvimento sustentável**. Macapá: SEICOM / GEA / PSDA, 1999.

CTI (Centro de Trabalho Indigenista) - **Relatos da demarcação da Terra Indígena Waiápi**. Livro de Leitura / Escola Waiápi. São Paulo, 1999.

CASTRO, Eduardo Viveiros de - **Araweté: o povo do Ipixuna**. São Paulo: CEDI, 1992. (cap. 4)

COSTA, C. R. Zibel - **Habitação guarani: tradição construtiva e mitologia** (tese doutorado). São Paulo: FAU USP, 1989.

- **Desenho cultural da arquitetura guarani** in Revista pós. No 4. São Paulo: FAU USP, dez. 93.

COSTA, Maria Heloísa Fenelón; **MALHANO**, Hamilton Botelho - **A habitação indígena brasileira** in RIBEIRO, Berta (coord.) - Suma Etnológica Brasileira vol. II: Tecnologia indígena. Petrópolis: Finep/ Vozes, 1986.

DESCOLA, Philippe - **La nature domestique. Symbolisme et praxis dans l'écologie des Achuar**. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l' Homme, 1986. (capítulos 1 e 4).

FERRAZ, Marcelo Carvalho - **Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1996.

FRANCHETTO, Bruna - **As línguas indígenas** in Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância - Cadernos da TV Escola: Índios no Brasil, N.2. Brasília: 1999.

- **Povos, aldeias, histórias e culturas** in Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância - Cadernos da TV Escola: Índios no Brasil, N.2. Brasília: 1999.

GALLOIS, Dominique T. - **Contatos** in Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância - Cadernos da TV Escola: Índios no Brasil, N.3. Brasília: 1999.

- **Novos e velhos saberes** in Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância - Cadernos da TV Escola: Índios no Brasil, N.2. Brasília: 1999.

- **Mairi revisitada: a reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiápi**. São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo (NHII USP) / Fapesp, 1993. (Introdução)

- **A casa Waiápi** in NOVAES, S. C. (org.) - **Habitações Indígenas**. São Paulo: Nobel / Edusp, 1983.

- **Ka' ete: Waiápi, povo da floresta**. São Paulo: FFLCH USP, 1989.

- **Migração, guerra e comércio. Os Waiápi da Guiana**. São Paulo: FFLCH USP, 1986. (cap. 2)

- **Arte iconográfica waiápi** in VIDAL, Lux Boelitz (org.) - Grafismo Indígena. Estudos de antropologia estética. São Paulo: Nobel / FAPESP, 1992.

GRENAND, Françoise - **Dictionnaire Wayápi - Français**. Paris: CNRS, 1989. (pp. 318-322, 423-425)

GRUBER, Jussara Gomes (org.) - **O Livro das Árvores**. Benjamim Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingües, 1997.

GRUPIONI, Luís D. B. (org.) - **Índios no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, 1994. (pp. 252-273)

KAHN, Lloyd (ed.) et alii - **Cobijo**. Madrid: Hermann Blume Ediciones, 1981.

LADEIRA, Maria Elisa - **Uma aldeia Timbira** in NOVAES, Sylvia Caiubi (org.) **Habitações Indígenas**. São Paulo: Nobel / Edusp, 1983.

LENGEN, Joan van - **Manual do Arquiteto Descalço**. Rio de Janeiro: TIBÁ - Instituto de Bio-arquitetura, 1987.

LOPES da SILVA, Aracy - **Xavante: Casa - Aldeia - Chão - Terra - Vida** in NOVAES, Sylvia Caiubi (org.) - **Habitações Indígenas**. São Paulo: Nobel / Edusp, 1983.

MALHANO, Hamilton Botelho - **Glossário da habitação** in RIBEIRO, Berta (coord.) - **Suma Etnológica Brasileira** vol. II: **Tecnologia indígena**. Petrópolis: Finep / Vozes, 1986.

MONTERO, Paula - **A casa Kabyle na perspectiva estruturalista de Pierre Bourdieu** in **Revista Cadernos de Campo** N.8. São Paulo: FFLCH USP, 1999.

MORAN, Emílio - **Adaptabilidade humana. Uma introdução à antropologia ecológica**. São Paulo: Edusp, 1994. (cap. 2 e 9)

MOULIN, Nilson (org.) - **Amapá. Um norte para o Brasil: diálogo com o governador João Alberto Capiberibe**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

NOVAES, Sylvia Caiubi - **As casas na organização social do espaço Bororo** in NOVAES, Sylvia Caiubi (org.) - **Habitações Indígenas**. São Paulo: Nobel / Edusp, 1983.

OLIVEIRA, J. L. Fleury de - **Amazônia: proposta para uma ecoarquitetura**. (tese doutorado) São Paulo: FAU USP, 1989.

POIRIER, Jean - **Ethnologie générale**. Encyclopédie de la Pléiade. vol. n. 24. Paris: Gallimard, 1968. (pp. 864-869)

RAPOPORT, Amos - **Pour une anthropologie de la maison**. Paris: Dunod, 1972.

RIBEIRO, Berta G. - **O índio na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: UNIBRADE / UNESCO, 1987. (cap. I)

RIBEIRO, Darcy - **Os índios Urubus. O ciclo anual das atividades de subsistência de uma tribo na floresta tropical** in SCHADEN, Egon - **Leituras de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

RICARDO, Carlos Alberto (Editor) - **Povos indígenas no Brasil, 1996-2000**. São Paulo: ISA / Instituto Socioambiental, 2000. (pp. 7-16, 387-396)

RICARDO, Carlos Alberto (Editor) - **Arte Baniwa**. São Paulo: ISA / Instituto Socioambiental, FOIRN / Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2000.

SÁ, Cristina - **Observações sobre a habitação em três grupos indígenas brasileiros** in NOVAES, Sylvia Caiubi (org.) - **Habitações Indígenas**. São Paulo: Nobel / Edusp, 1983.

VELTHEM, Lúcia Hussak van - **Equipamento doméstico e de trabalho** in RIBEIRO, Berta (coord.) - **Suma Etnológica Brasileira** vol. II: **Tecnologia indígena**. Petrópolis: Finep / Vozes, 1986.

VELTHEM, Lúcia Hussak van - **Onde os Wayana penduram suas redes?** in NOVAES, Sylvia Caiubi (org.) - **Habitações Indígenas**. São Paulo: Nobel / Edusp, 1983.

VIDAL, Lux - **O espaço habitado entre os Kayapó-Xikrin (Jê) e os Parakaná (Tupi) do médio Tocantins, Pará** in NOVAES, S.C. (org.) - **Habitações Indígenas**. São Paulo: Nobel / Edusp, 1983.

CONSTRUÇÃO DE UMA CASA JURA NO JARDINS DO MUSEU DO ÍNDIO

A CASA JURA CONSTRUÍDA

Em agosto de 2001, Matapi, Matā, Emyra e Noe construíram nos jardins do Museu uma bela e grande casa, com matérias-primas vindas diretamente da área indígena, no Amapá.

Esta casa *jura* tem aproximadamente 13 m de comprimento por 5,5 m de largura e 6 m de altura, com uma área total de projeção de 82m². A casa, assim como seus detalhes arquitônicos, foram reprojetados pelos Wajápi no próprio ato da construção, em dimensões que não fugiram do tamanho médio atual das casas *jura* construídas nas aldeias e dentro das dimen-

sões planejadas para a casa no Museu. Portanto, esta casa não é uma miniatura mas sim uma reconstrução em escala 1:1 (um para um) de uma casa *jura* wajápi.

O TEMPO DE CONSTRUÇÃO

Os quatro índios Wajápi trabalharam intensamente sete dias inteiros, com a ajuda dos funcionários da manutenção do Museu, sobretudo nos dois primeiros dias.

Primeiro dia: Foram locados os buracos para fundação dos esteios, em seguida montados e contraventados, um a um, os três pórticos. Foram também colocadas as vigas de sustentação do piso e do piso de açaí, ainda sem fixá-lo. Depois, foram posicionados os frechais e vigas para montar a estrutura da 'caixa' da casa (croquis 1, 2, 3 e 4).

Segundo dia: Uma vez posicionados os três conjuntos de esteios oblíquos (em triângulos verticais, no plano dos pórticos), para sustentar a primeira viga de cumeeira, foram posicionados os caibros dois a dois, cujos encaixes foram feitos na hora. Em seguida, foi apoiada a segunda viga de cumeeira. No fim deste dia, toda a estrutura principal da casa, com duas águas de cobertura, estava montada (croquis 5 e 6).

Terceiro dia: Foram amarradas as ripas sobre os caibros e deu-se início à amarração das folhas de ubim, na primeira águia (croqui 7).

Quarto dia: No fim deste dia, a primeira águia estava coberta de ubim.

Quinto dia: Amarração das folhas de ubim na segunda águia.

Sexto dia: Término da amarração do ubim da segunda águia e início da estruturação da cobertura arredondada *javī revikwarā* (croqui 8).

Sétimo dia: Amarração do ubim para a cobertura do *javī revikwarā*, acabamento interno e externo da cumeeira, e costura do piso com as vigas de piso (croquis 9 e 10).

AS MATERIAS-PRIMAS E SUAS QUANTIDADES

Contam-se 19 espécies vegetais empregadas na construção. Para cada ítem foram utilizadas as seguintes matérias-primas:

Andaimes (*oka tarawa*): *yviro*.

Estrutura geral: para os esteios verticais e oblíquos (respectivamente *kytaypy* e *okapy* *kā'gwerā rena*): troncos descascados de *wakari'y* (acaricuara); para as vigas (*topamy*): troncos descascados de *yviro* (espécie mais usada), *pina'y*, *tarakua'y*, *jumi'y*; para as vigas de sustentação do piso (*pasi'y rena*): troncos não descascados de *turi*, *karamuri*, *ywyra pirā*, *pina'y*, *wawiju*, *wa'i ipijō*, *inga*, *ywiro*, *anyra wisi*; para as vigas de cumeeira: troncos descascados de *ywiro*.

Piso (*pasi'y*): *wasei'y* (lascas de troncos de palmeira açaí).

Estrutura da cobertura: para os caibros (*okarōkā*): galhos médios descascados de *yviro*; para as ripas (*ovi yta*) e para a viga em semi-círculo do *javī revikwarā*: galhos finos não descascados de *yviro*, *pina'y*, *tura*, *karima'y*.

Cobertura e seu acabamento: palhas *ovi* (ubim), *pino* (palmeira bacaba), *ywiro* para os grampos (*ovi rena*).

Amarrações: cipó *āsimō*.

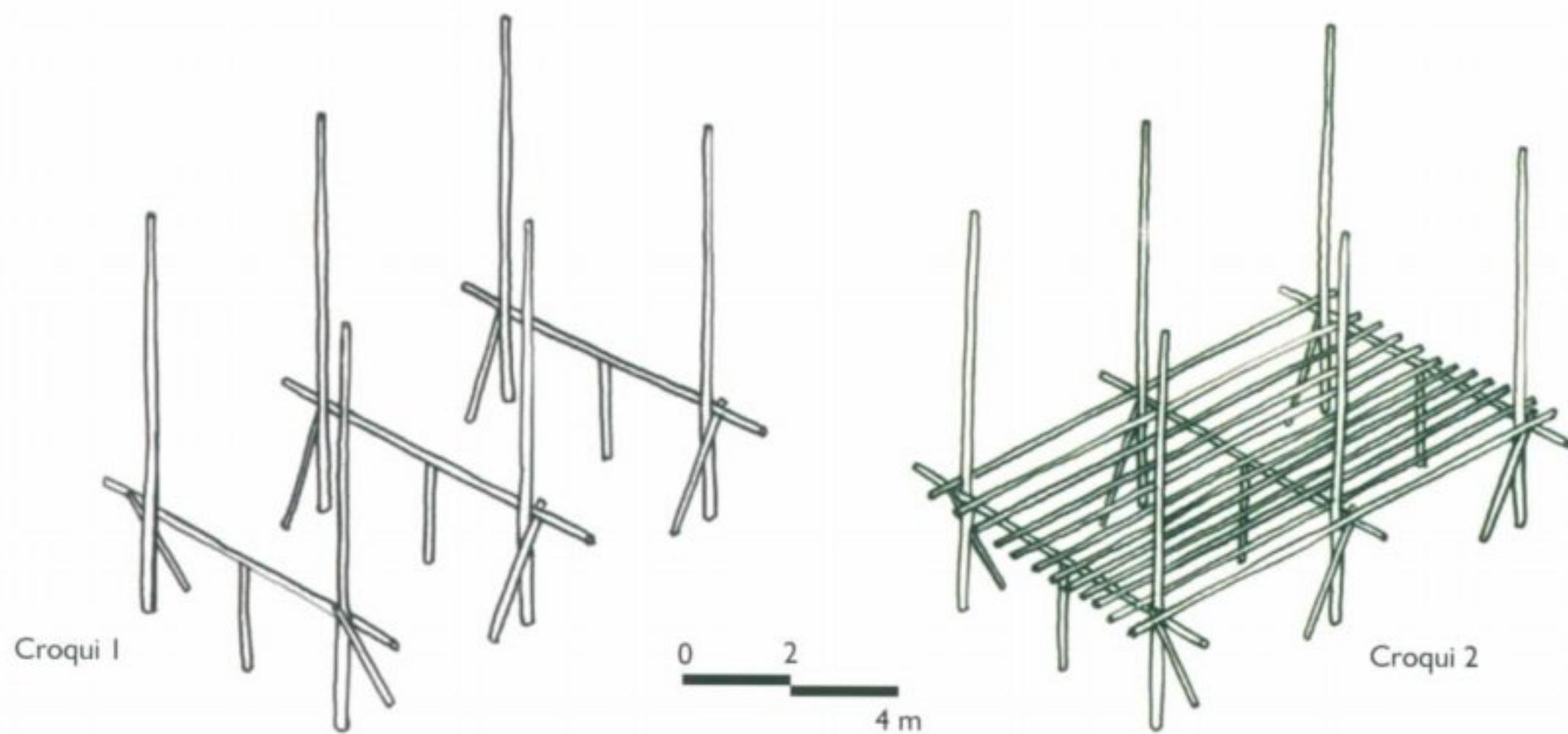
Costura do piso: cipós *uame* e *āsimō*.

Os troncos vieram em grandes dimensões (até cerca de 10 m) e em quantidade pouco superior à empregada na construção da casa. Durante uma reunião com Aikyry Wajāpi (um mês e meio antes da chegada do caminhão que trouxe

as matérias-primas), foi feita a previsão aproximada da dimensão da casa *jura*, assim como do lugar que ela ocuparia nos jardins do Museu. A quantidade de cestos cargueiros com folhas de ubim também foi estimada. Galhos para ripas, cipós e folhas de ubim vieram, no entanto, em quantidades bem maiores às que foram empregadas na construção da casa: de cerca de 40 *panaku* de ubim, foram utilizados somente 25. Mesmo assim, são 25 mil folhas de ubim, amarradas de 3 em 3! O piso da casa é feito de aproximadamente 100 lascas de tronco de açaí. Somente para a costura do piso foram empregados cerca de 240 m de lascas de cipó *uame* (que se desfia em 4 lascas).

A grande preocupação dos Wajápi era de que o cipó e o ubim chegassem ressecados, o que poderia talvez inviabilizar a construção da casa. Afinal, as matérias-primas vieram todas num

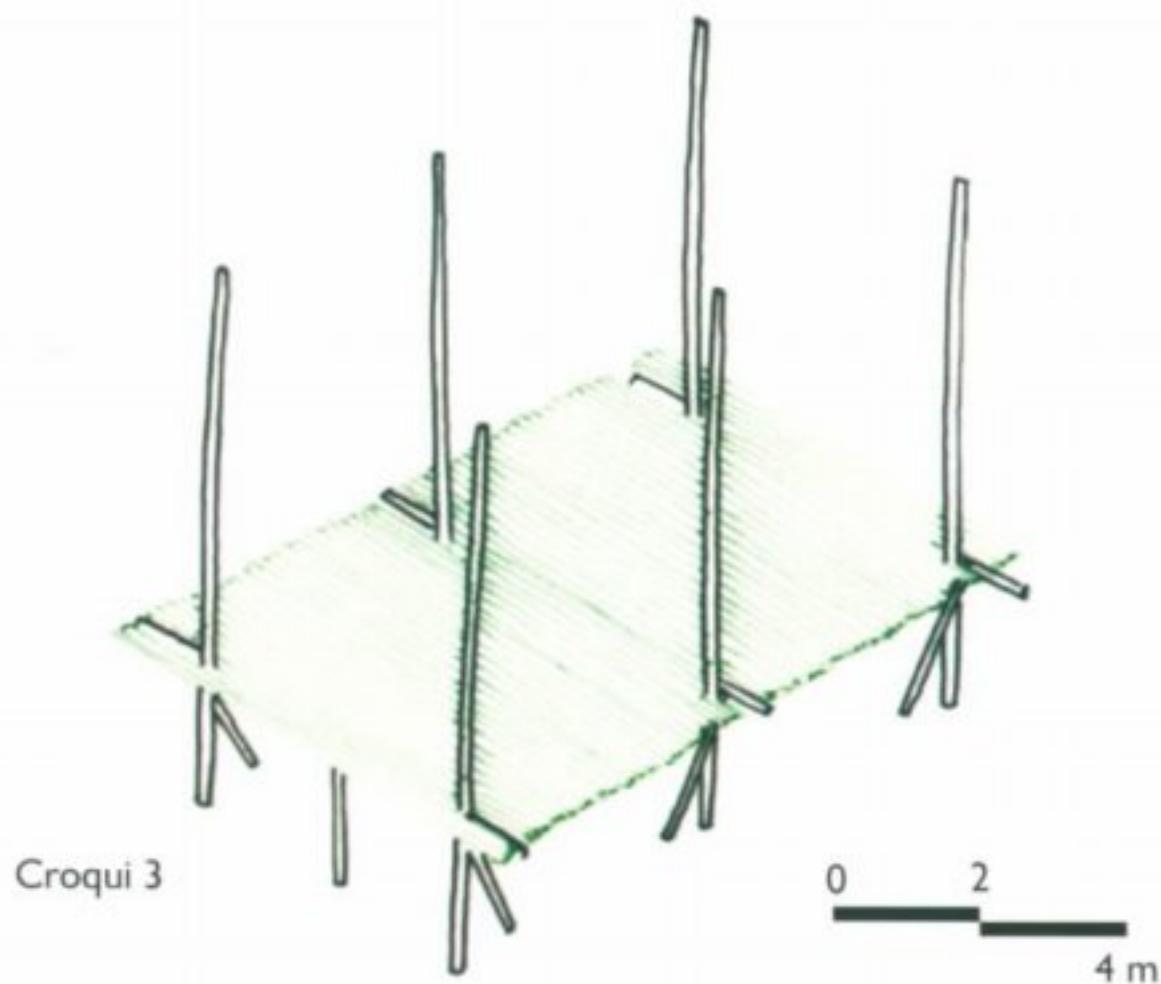
caminhão-baú que atravessou todo o Brasil, por mais de 10 dias. Os cipós estavam com casca, o que conservou relativamente bem sua umidade. Das folhas de ubim, uma pequena parte estava ressecada. As folhas adultas de palmeira *pino*, para o acabamento externo da cumeeira, é que chegaram muito secas.



Estruturação da casa *jura*.



foto Catherine Gallois



Detalhe de amarração com cipó.



foto Paulo Mumia

Colocação do piso *pasi'y*.

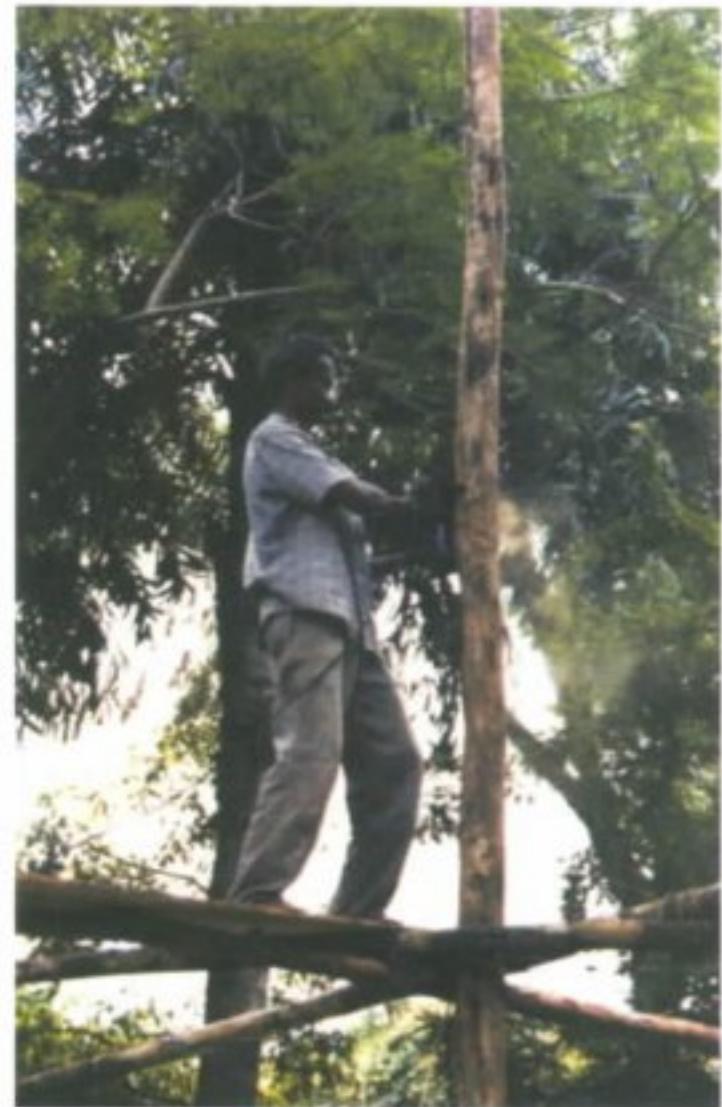
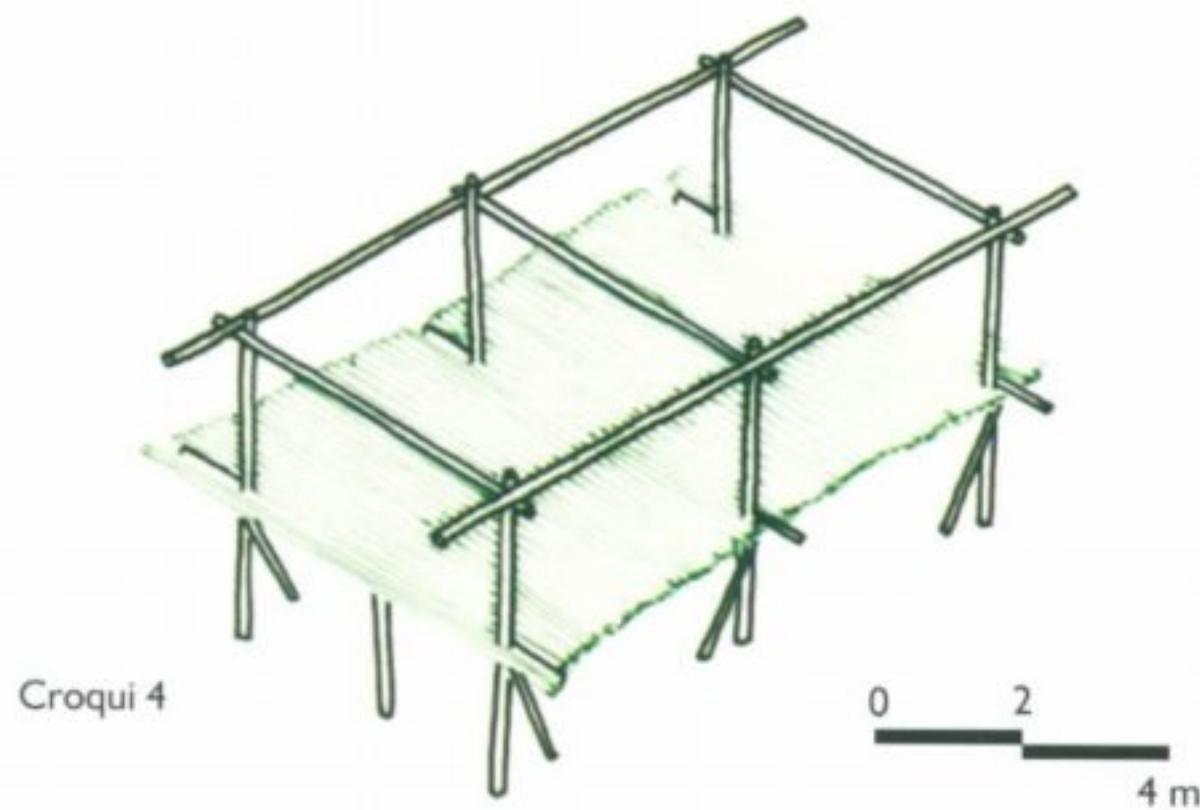


foto Ronaldo Brilhante

Cortando o excesso de pilar.



Noe nivelando as vigas.

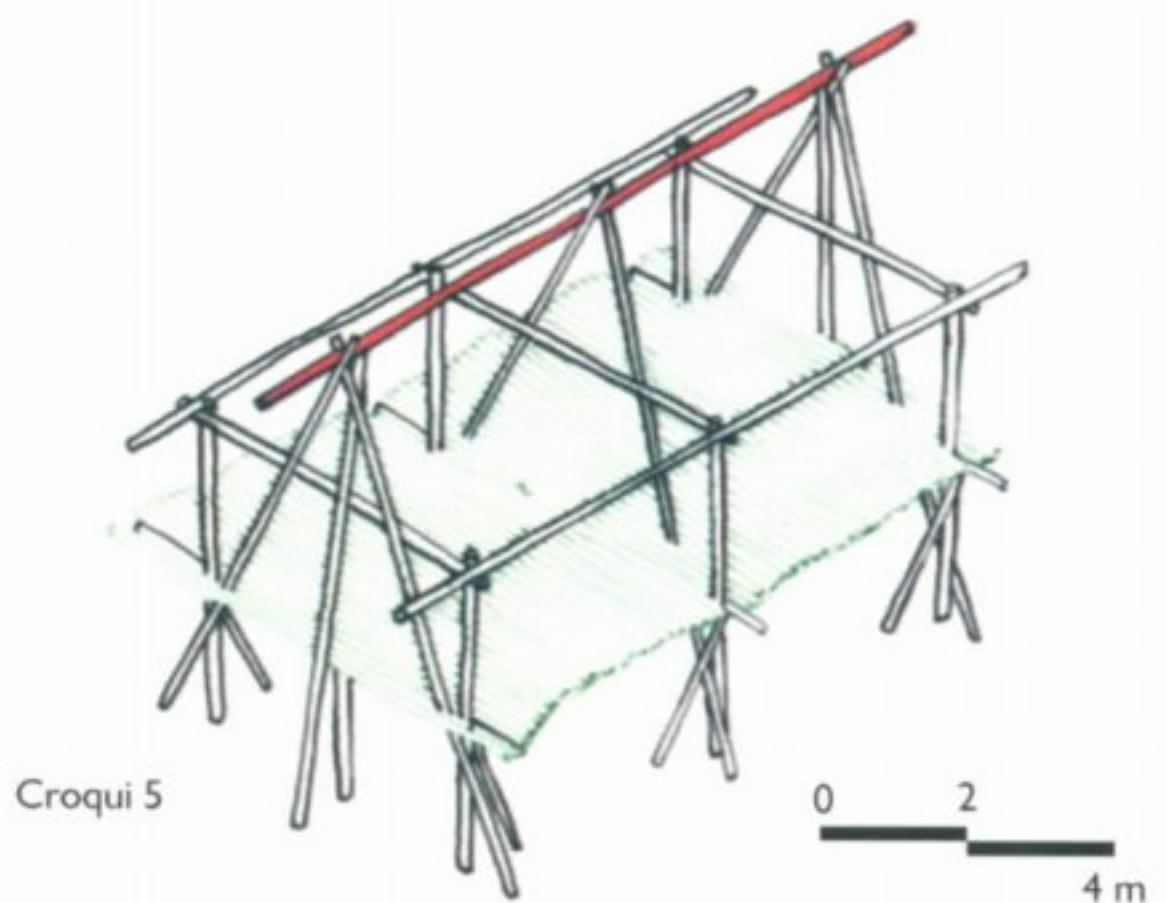


fotos Catherine Gallois

Emyra passando bolo de cipó *ásimô*.



Noe e Emyra posicionando um esteio *okapy kā'gwer rená*.



Vista da estrutura quase pronta, faltando a segunda cumeeira.

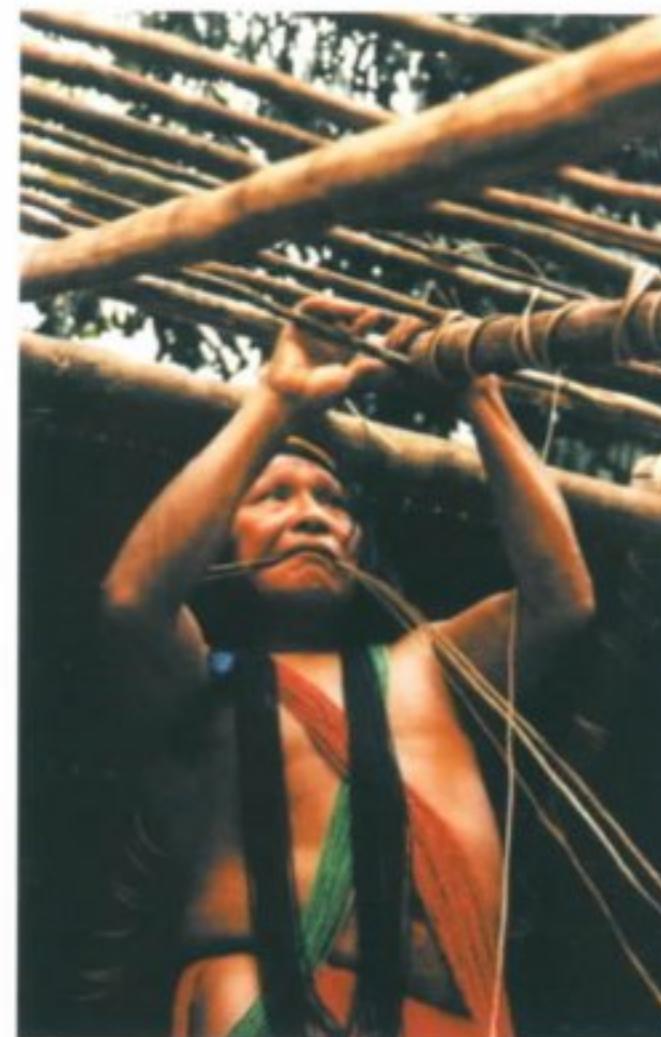
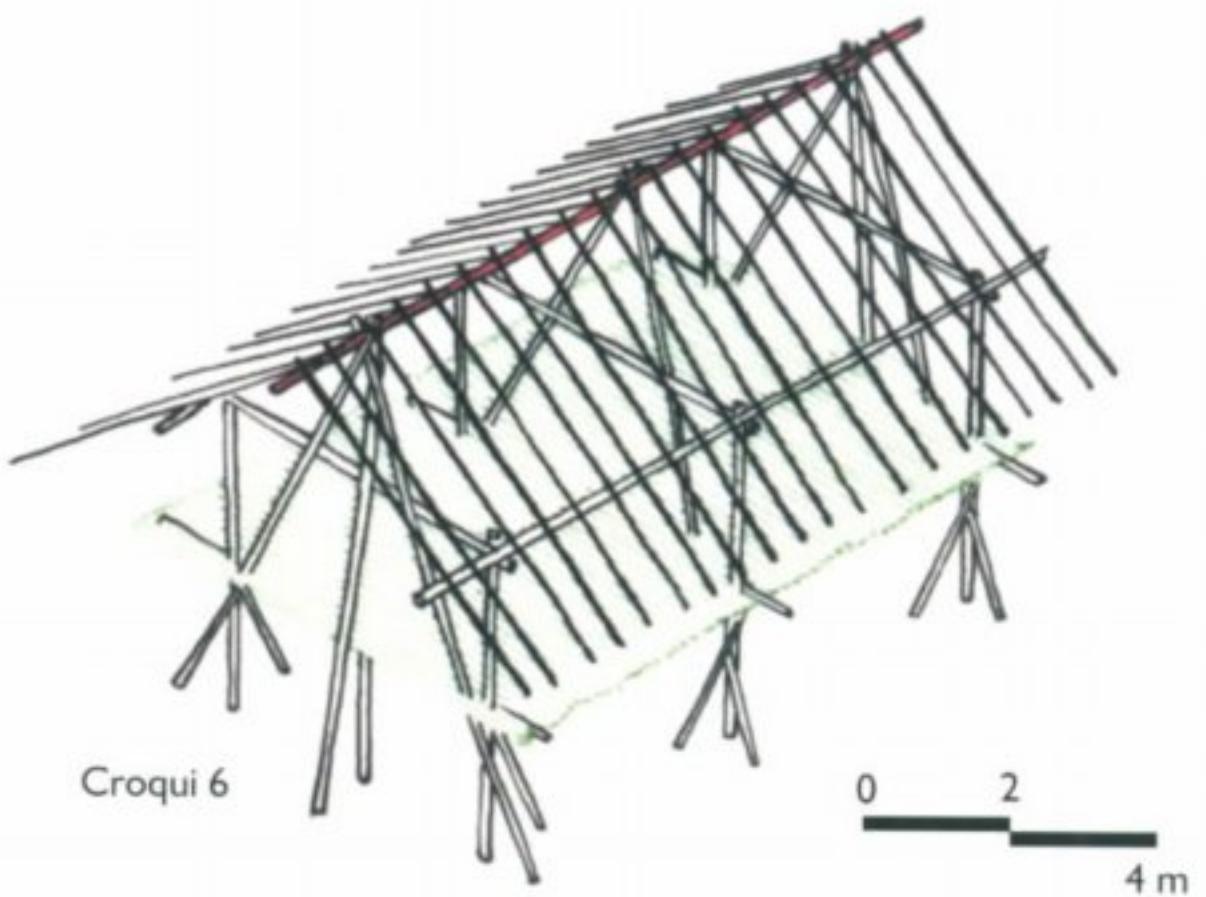
fotos Paulo Múmia



Emyra e Matā posicionando a primeira cumeeira.



Matapi, Emyra e Noe posicionando os caibros.

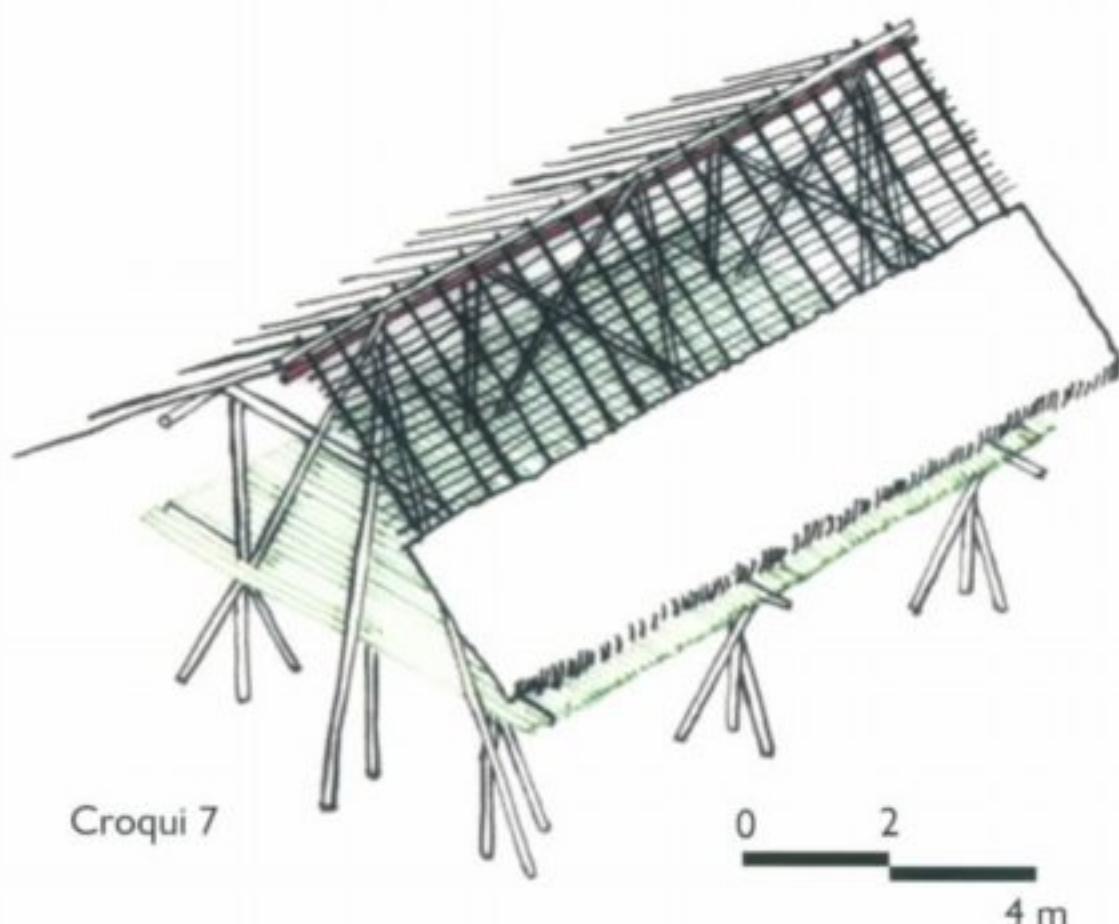


Matā amarrando as ripas.

Fotos Paulo Mumio



Em cada *panaku*, contamos aproximadamente 1000 folhas de ubim.



Início da costura do ubim.



Uma das águas já foi inteiramente coberta. Um andaime foi colocado à disposição para agilizar a construção.



Emyra passando ubim para Matapi.



Matapi costurando ubim.

fotos Paulo Mumia



foto Paulo Mumia

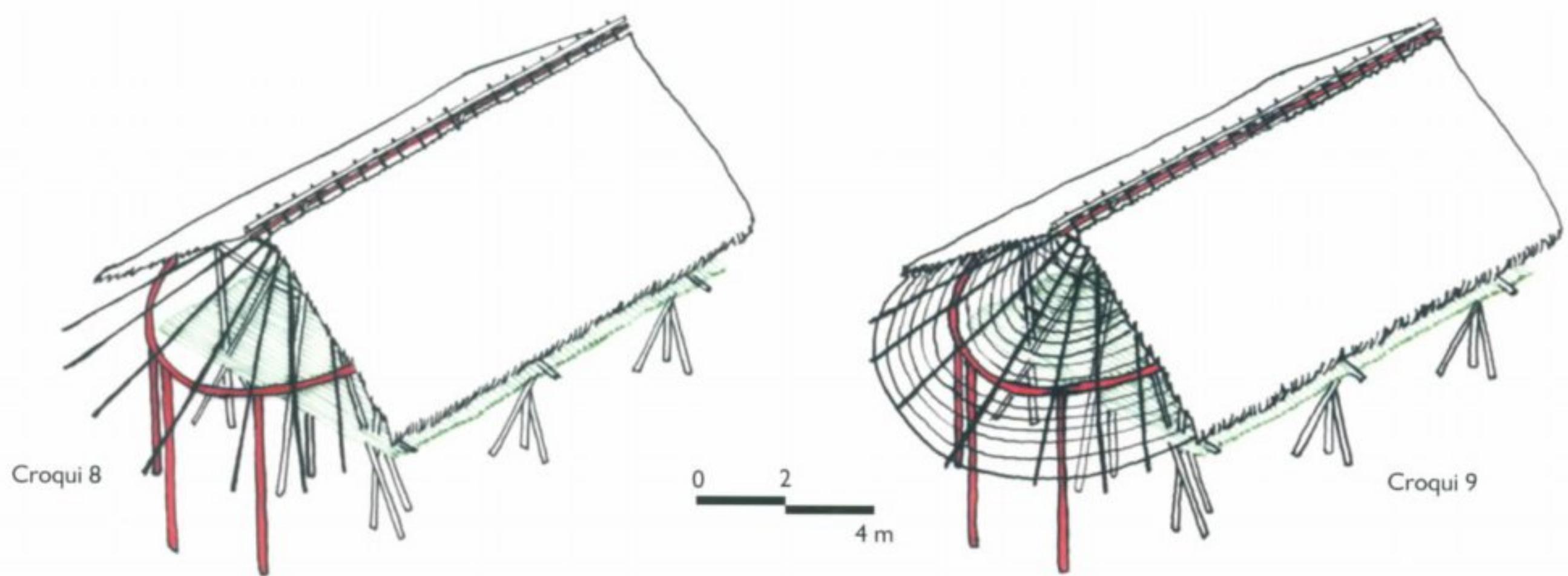
Noe, Emyra e Matā costurando ubim.



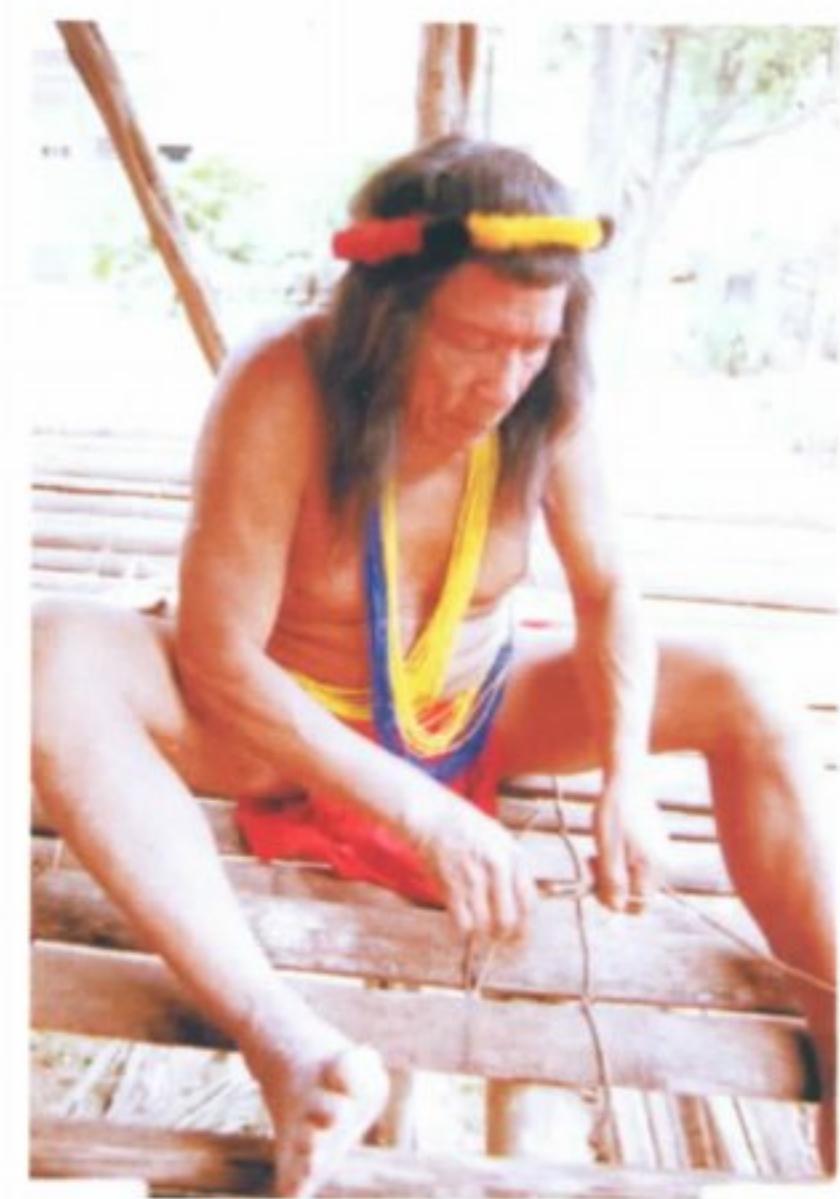
foto Ronaldo Brilhante

Vista externa da costura do ubim.





Estruturação do *javī revikwarā*.



Matapi costurando o piso.

foto: Paulo Mumio



foto Paulo Mumia

Noe colocando folhas de ubim para proteção das cumeeiras, como substituição do *kamarijō*.



Emyra cobrindo as cumeeiras com ubim.



Vista interna da cumeeira.

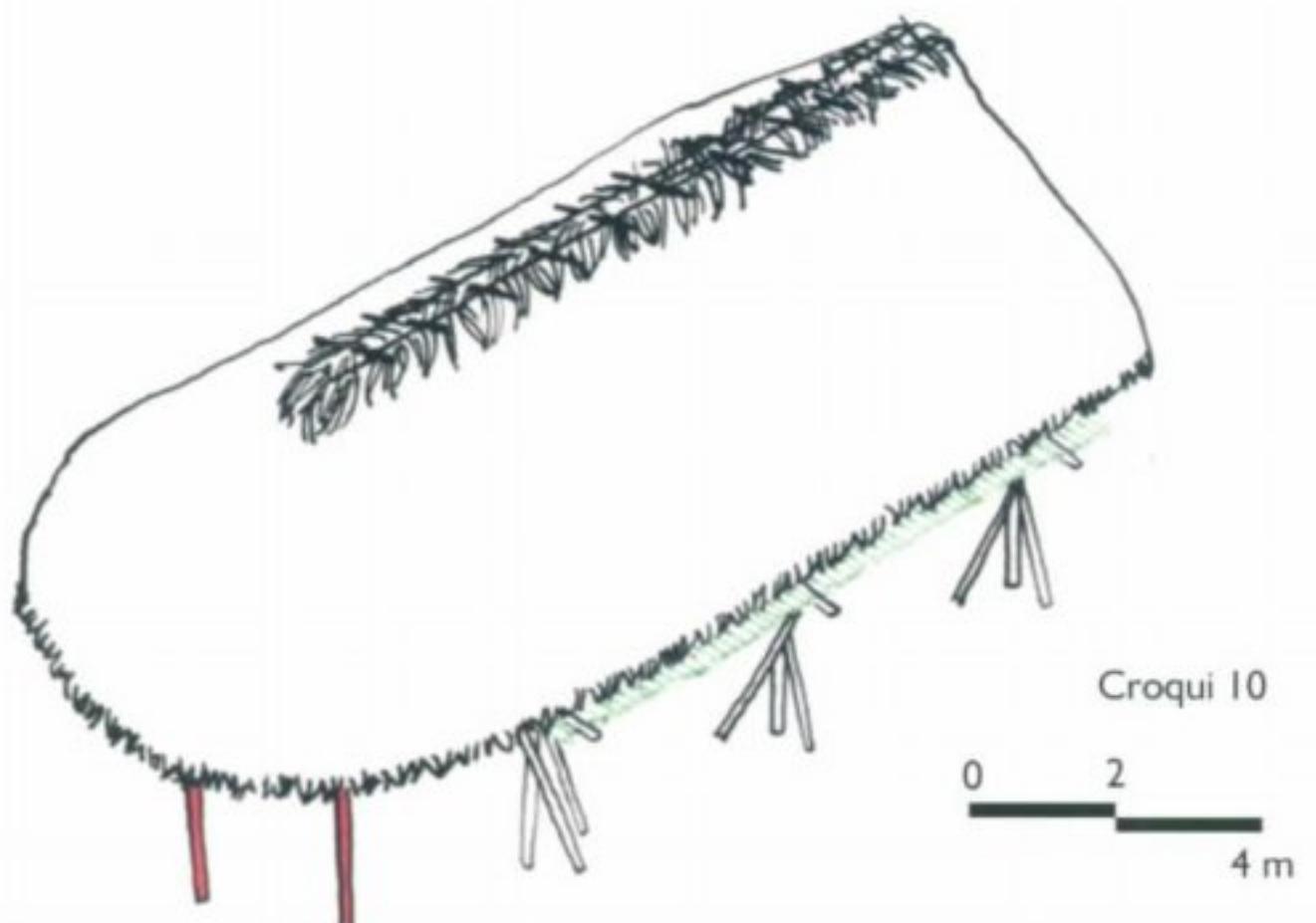


foto Catherine Gallois



Folha de bacaba para acabamento da cumeeira.



foto Paulo Mumia

Casa jura no Museu do Índio.



foto Paulo Númio

Casa jura no Museu do Índio. Observar *javí revikwarā* e escada *jura ema*.

CRÉDITOS DOS DESENHOS

Desenhos:

Aikyry Wajāpi, Ana Wajāpi, Apamu Wajāpi, Arinā Wajāpi, Januari Wajāpi, Japaita Wajāpi,
Japarupi Wajāpi, Japu Wajāpi, Jatuta Wajāpi, Jowatō Wajāpi, Kari Wajāpi, Kumare Wajāpi,
Kumaru Wajāpi, Maima Wajāpi, Maira Wajāpi, Majawai Wajāpi, Makarato Wajāpi,
Matupi Wajāpi, Namaira Wajāpi, Nazaré Wajāpi, Pajari Wajāpi, Parara Wajāpi,
Puku Wajāpi, Rino Wajāpi, Sanā Wajāpi, Seki Wajāpi, Seni Wajāpi, Singau Wajāpi,
Tapenaiky Wajāpi, Tarakuā'si Wajāpi, Tsiro Wajāpi, Waivisi Wajāpi, Wajamā Wajāpi,
We'i Wajāpi, Wyrai Wajāpi.

Ilustrações técnicas, aquarelas, mapas e croquis:

Catherine Gallois - páginas: 9 / 11 / 26-29 / 34 / 36-39 / 43 / 46-49 / 55 / 59 / 82-87/ 90-91 e capa.

G173w GALLOIS, Catherine. Wajápi rena: roças, pátios e casas / Catherine Gallois; ilustrações indios Wajápi e Catherine Gallois. 2ºed. Rio de Janeiro : Museu do Índio/APINA/lepé, 2009

96p. : il. color. 21 x 21cm

ISBN 978-85-85986-21-6

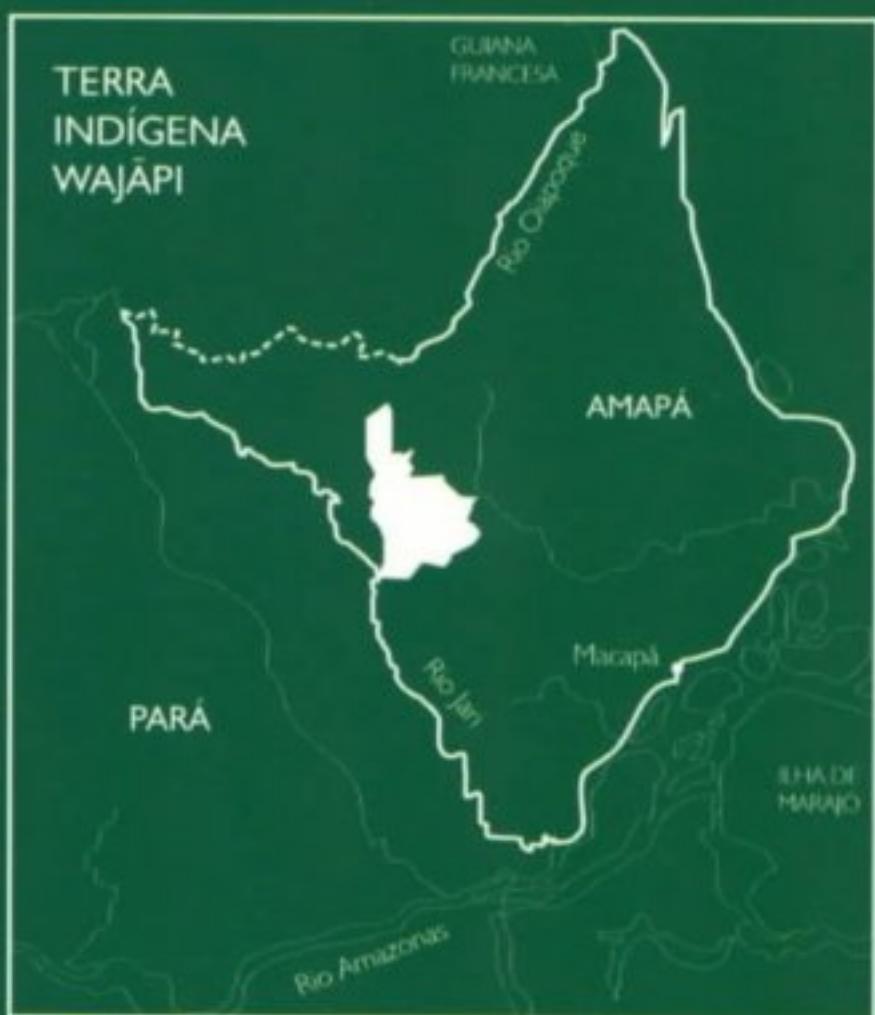
I. Wajápi 2. Arquitetura indígena 3. Habitação Indígena 4. Manejo florestal I. Título

CDU 72:39(81=1-82)

Ficha catalográfica: Lidia Lucia Zelesco CRB-7 / 3401

Este livro foi composto em Humanist.
O CTP e a impressão foram feitos pela
Imprimindo Conhecimento. O miolo foi
impresso em papel cuchê matte 150 g/m²
e a capa, em cartão triplex 300 g/m².
para o Museu do Índio, Rio de Janeiro,
em novembro de 2009,
1º Reimpressão 2014

Os índios Wajápi falam uma língua Tupi-Guarani e vivem no Estado do Amapá, em uma região de florestas e de serras. Sua terra foi demarcada e homologada em 1996. São 910 pessoas, distribuídas entre mais de 48 aldeias.



Catherine Gallois é arquiteta e urbanista (FAU-USP, 2001), com mestrado em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR-UFRJ, 2004). Atualmente é arquiteta da Superintendência Regional do IPHAN no Rio de Janeiro e trabalha em projetos de conservação e restauração do patrimônio histórico. Em 2008, apresentou ao IPHAN (II Oficina de Pesquisa da COPEDOC-IPHAN) o trabalho *“Elementos para um inventário nacional das arquiteturas indígenas brasileiras”*.

ISBN 978-85-85986-21-6



9 788585 986216

Wajápi rena significa 'recipiente', lugar onde vivem os Wajápi. Este livro é um estudo do espaço habitado, na concepção e na prática deste grupo indígena, que vive no Amapá. Tem como objetivo ilustrar aspectos de sua organização territorial e espacial e a dinâmica de suas roças e habitações. Espera-se contribuir para o conhecimento das formas diferenciadas de produção do espaço e manejo de ambientes, desenvolvidas pelas sociedades indígenas, na Amazônia.



Representação
no Brasil

